

Territórios de Criação

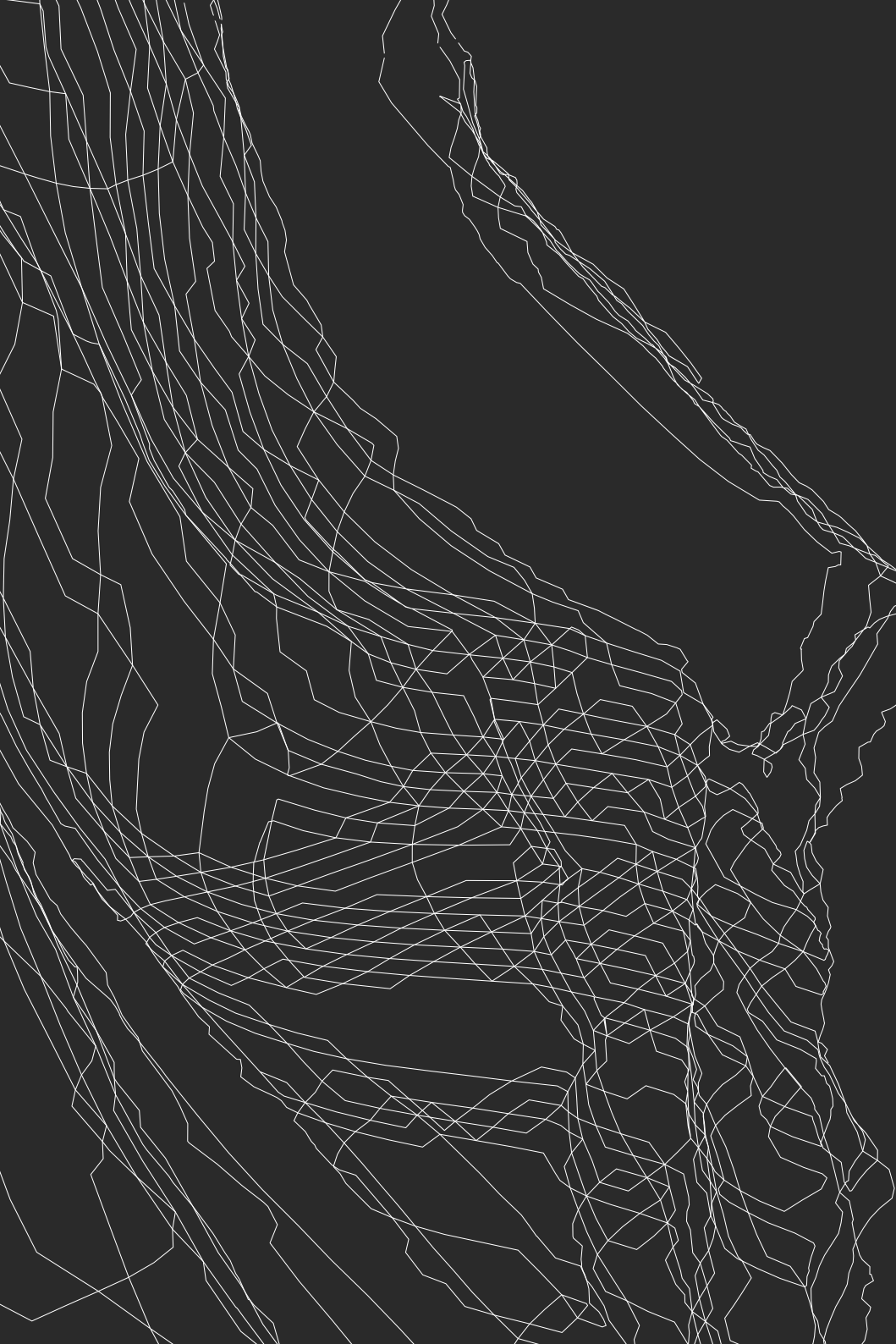
Publicação de Pesquisas e Concessão de Bolsas para Mobilidade Formativa

EXPERIÊNCIAS DE UMA BIXA PRETA EM SALA DE AULA:

**Contribuições para uma
educação a partir da
dissidência interseccional**

Wellington Soares Gomes





Territórios de Criação

Publicação de Pesquisas e Concessão de Bolsas para Mobilidade Formativa

EXPERIÊNCIAS DE UMA BIXA PRETA EM SALA DE AULA:

Contribuições para uma
educação a partir da
dissidência interseccional

Wellington Soares Gomes

1ª edição | Fortaleza - CE | 2025



EDITORA



EDITORA



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

Este projeto é apoiado pela Secretaria da Cultura do
Estado do Ceará, com recursos da Lei Paulo Gustavo
(Lei Complementar n.º 193/2022)



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Universidade Estadual do Ceará (Uece)

REITOR

Hidelbrando dos Santos Soares

VICE-REITOR

Dárcio Ítalo Alves Teixeira

EDITORA DA UECE

Cleudene de Oliveira Aragão

CONSELHO EDITORIAL

Ana Carolina Costa Pereira

Ana Cristina de Moraes

André Lima Sousa

Antonio Rodrigues Ferreira Júnior

Daniele Alves Ferreira

Fagner Cavalcante Patrocínio dos Santos

Germana Costa Paixão

Heraldo Simões Ferreira

Jamili Silva Fialho

Lia Pinheiro Barbosa

Maria do Socorro Pinheiro

Paula Bittencourt Vago

Paula Fabrícia Brandão Aguiar Mesquita

Sandra Maria Gadelha de Carvalho

Sarah Maria Forte Diogo

Vicente Thiago Freire Brazil



Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult CE)

GOVERNADOR DO CEARÁ

Elmano de Freitas da Costa

VICE-GOVERNADORA DO CEARÁ

Jade Afonso Romero

SECRETÁRIA DA CULTURA

Luisa Cella de Arruda Coelho

SECRETÁRIO EXECUTIVO DA CULTURA

Rafael Cordeiro Felismino

SECRETÁRIA EXECUTIVA DE PLANEJAMENTO E GESTÃO INTERNA DA CULTURA

Gecíola Fonseca Torres

COORDENADORIA DE FORMAÇÃO, LIVRO E LEITURA

Ernesto de Sousa Gadelha Costa

EQUIPE DA COORDENADORIA DE CONHECIMENTO E FORMAÇÃO

Adson Rodrigo Silva Pinheiro

Francisca Maura Isidório

Indira Marcondes Arruda

Jessé Albino Santana

Keila Giulllianna Braga Reis

Kilviany Pereira de Sousa

Maria Janete Venâncio Pinheiro

Nílbio Thé

Raquel Lopes da Silva

Tainá Oliveira Silva Santos



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

Este projeto é apoiado pela Secretaria da Cultura do
Estado do Ceará, com recursos da Lei Paulo Gustavo
(Lei Complementar n. 195/2022)



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Gestão do Programa Territórios de Criação

Mercúrio – Gestão, Produção e Ações Colaborativas e Casa das POC Produções Criativas

COORDENAÇÃO DAS AÇÕES

Camila Guerra

Nádia Sousa

Thyago Ribeiro

PRODUÇÃO

Ana Vieira

Gabriel de Sousa

Lorena Soares

Victor Hugo Leite

COMUNICAÇÃO

Angélica Maia

Carlos Weiber

Cris Maciel

Lucas Benedecti



© Copyright das(es) autoras(es).

1ª edição. 2025.

Direitos reservados desta edição:

Mercúrio Gestão, Produção e Ações Colaborativas

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Efetuada depósito legal na Biblioteca Nacional

Coordenação editorial EdUECE

Cleudene Aragão

Nayana Pessoa

Curadoria da coleção

Prof. Dr. Alexandre Almeida Barbalho, Profa. Dra. Francimara Nogueira

Teixeira, Prof. Dr. Márcio Mattos Aragão Madeira, Profa. Dra. Renata

Aparecida Felinto dos Santos e Profa. Dra. Tércia Montenegro Lemos

Coordenação executiva Territórios de Criação

Camila Guerra, Nádia Sousa e Thyago Ribeiro

Preparação e revisão

Narayana Teles

Projeto gráfico e diagramação

Carlos Weiber / Felipe Braga

Bibliotecária: Meirilane Santos de Moraes Bastos – CRB-3/785

Gomes, Wellington Soares

Experiências de uma bicha preta em sala de aula [recurso eletrônico] :
contribuições para uma educação a partir da dissidência interseccional /
Wellington Soares Gomes. - Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2025.
(Coleção Territórios de Criação; 5).
PDF.

ISBN: 978-85-7826-991-3

1. Artes visuais 2. Educação 3. Interseccionalidade 4. Professores – Relatos
5. Relações de gênero 6. Relações raciais 7. Sexualidade
I. Título. II. Série.

CDD:791.43

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE

Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi Reitoria

– Fortaleza – Ceará. Cep 60714-903

Tel: (085) 3101-9893 www.uece.br/eduece eduece@uece.br

Territórios de Criação: pesquisa e produção de conhecimento no campo das artes

Com grande diversidade de temas e propostas, a Coleção Territórios de Criação evidencia uma rica pluralidade de perspectivas epistêmicas. Essa produção é atravessada pela experiência dos agentes culturais e enriquecida pela troca de vivências no campo cultural. Tanto a produção acadêmica, como as diversas formulações aqui elaboradas ressignificam as práticas culturais e artísticas, em processo de mútua transformação.

Abrangendo pesquisas em áreas como fotografia, cinema contemporâneo, *performance*, patrimônio, dança, dramaturgia, arte urbana, artes gráficas, carnaval, o movimento junino e literatura marginal, a coleção reflete a profusão do pensamento e conhecimento formulados a partir dessas expressões culturais. Todos esses campos são atravessados por diálogos com o pensamento feminista, questões de ancestralidade e interseccionalidades, como gênero, sexualidade, raça e etnia. As contribuições vêm de diferentes municípios cearenses, como Crato, Juazeiro, Barbalha, Iguatu, Senador Pompeu, Itapipoca e Fortaleza.

O resultado é este panorama rico e multifacetado de perspectivas e sensibilidades, de olhares e sensibilidades que inundam o nosso campo cultural com o conhecimento produzido pelos pesquisadores selecionados no edital Territórios de Criação,

aos quais agradecemos desde já o interesse nessa partilha, que aqui se materializa em parceria com a Universidade Estadual do Ceará, por meio da EdUece.

Financiado com recursos federais oriundos da Lei Paulo Gustavo, este projeto integra uma série de importantes iniciativas de fomento realizadas pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Esta ação fortalece a pesquisa e a produção cultural no Ceará, conectando o estado ao restante do Brasil e do mundo.

A intenção é transformar essas iniciativas em uma ação contínua para que, periodicamente, um grupo diversificado de pesquisadores e pesquisadoras dos municípios cearenses tenha suas publicações financiadas e disponibilizadas nas bibliotecas. Além disso, esta política, ao estimular a visibilidade dessa produção local, contribui para a inserção de nossos agentes culturais em circuitos acadêmico-científicos, oportunizando momentos de troca de experiências e difusão de saberes gestados a partir de dinâmicas da cultura cearense.

Viabilizar e implementar estas ações e estratégias é uma grande satisfação para a Secult Ceará. Isso só é possível graças à confiança e ao engajamento dos pesquisadores e pesquisadoras que apostam nos projetos e parcerias, comprometidos com a execução e sucesso desta política de publicações. Com isso, estamos valorizando cada vez mais a cultura cearense e o trabalho destes atores, destacando a importância da pesquisa, da reflexão e de novas ideias para o setor cultural.

Valorizar a pesquisa e a reflexão sobre o campo da cultura no Ceará é reconhecer a relevância da qualificação dos trabalhadores e trabalhadoras da cultura. Esses profissionais desempe-

nham um papel crucial para a reverberação das políticas públicas e, conseqüentemente, para o fortalecimento dos territórios, promovendo suas respectivas identidades e singularidades.

Ao investir nessas políticas, o Governo do Ceará não apenas impulsiona a cultura e as artes, mas também contribui para posicionar o estado como referência nacional na produção de conhecimento e assegurando um acesso mais democrático ao conhecimento acadêmico em torno da cultura e das políticas culturais.

Luisa Cella de Arruda Coelho
Secretária da Cultura do Ceará

Difundindo conhecimento no campo das artes e da cultura

A formação em arte e cultura tem se revelado como um pilar de crescente relevância na política cultural do Ceará, estabelecendo-se, ao longo do tempo, como um dos eixos fundamentais dessa estratégia. A criação de programas governamentais direcionados nos planos plurianuais 2020-2023 e 2024-2027, com enfoque no desenvolvimento do conhecimento, na formação, no livro e na leitura, constitui um testemunho eloquente deste fenômeno. Em paralelo, a expansão e descentralização de programas e ações formativas, impulsionadas pela Rede Pública de Espaços e Equipamentos Culturais do Estado do Ceará (RECE) e por editais específicos destinados a tal finalidade, conferem uma materialidade palpável a esse processo em curso.

À medida que a política de formação artística e cultural adquiriu relevância e maior escala, vislumbrou-se a necessidade de multiplicar ações e estratégias que ampliassem sua abrangência, entre as quais se destaca a promoção do acesso ao conhecimento produzido no âmbito do campo cultural. Com esse intuito, a Secult e a EdUece uniram esforços para propor a criação do selo Arte, Cultura e Conhecimento, uma linha editorial destinada a difundir saberes e práticas gerados em torno das artes e da cultura. Essa iniciativa valoriza a pesquisa e a construção do conhecimento sobre as dinâmicas que perpassam e constituem esse campo, com especial atenção ao contexto do nosso estado.

A presente coleção se alinha a um dos propósitos fundamentais do selo Arte, Cultura e Conhecimento, que visa disseminar, para além dos muros e repositórios acadêmicos, a produção intelectual que se configura em torno de temas e questões pertinentes ao setor artístico-cultural. De um lado, essa iniciativa busca contribuir para a democratização do acesso a tais conteúdos, favorecendo sua apropriação e instrumentalização por agentes culturais. De outro lado, almeja que essa produção epistêmica infiltre-se nas dinâmicas culturais, concorrendo para qualificar ainda mais os diversos agenciamentos estéticos, poéticos, produtivos e formativos, bem como as esferas políticas que os permeiam.

Marcada, simultaneamente, pela multiplicidade temática e singularidade das propostas autorais, a coleção Territórios de Criação apresenta um rico panorama de investigações realizadas por agentes que tornam suas práticas artístico-culturais porosas a formulações acadêmicas e vice-versa. Evidencia, dessa forma, a potência de pesquisas nutridas pelas vivências pessoais e experiências construídas em distintos contextos, apontando para um processo de retroalimentação entre fazeres do campo cultural e da academia. Nessa tessitura, expressões e linguagens culturais emergem, imbuídas de um pensamento que, de modo entrecruzado, contemporâneo e ancestral, entrelaça-se às problematizações que dialogam com elementos interseccionais como gênero, sexualidade, raça e etnia.

Esperamos, com a publicação da Coleção Territórios de Criação, estar dando mais um importante passo na direção do fortalecimento, ampliação e descentralização das ações voltadas

para a promoção do conhecimento e da formação em arte e cultura. Ao mesmo tempo, desejamos que a riqueza da produção epistêmica presente em seus volumes possa derramar-se sobre o campo cultural como a água que irriga e o adubo que fertiliza, reverberando nos agentes, em seus saberes, fazeres e agenciamentos. Em última instância, trata-se de uma forma de democratizar o acesso ao conhecimento, compartilhar sentidos, provocar o pensamento, movimentar a cultura.

Desejo a todas e todos uma excelente leitura!

Ernesto Gadelha

*Coordenador da Coordenadoria de Formação,
Livro e Leitura da Secult Ceará*

APRESENTAÇÃO

Este livro visa compreender quais as possíveis contribuições do/a professor/a de Artes Visuais para questões relacionadas às dissidências interseccionais (gênero, sexualidade e raça) nas salas de aula da Educação Básica (6º ao 9º ano).

Tem como objetivos específicos:

a) apresentar e refletir sobre as experiências em sala de aula na Educação Básica, pautadas nos processos de pesquisa autobiográfica; b) compreender aspectos das dissidências interseccionais (raça, gênero e sexualidade) e o ensino das Artes Visuais e; c) investigar, experimentar e refletir sobre a metodologia “PROVOQUE” (Problematizando Visualidades e Questionando Estereótipos) como possibilidade de ação educativa em Artes Visuais na Educação Básica.

O estudo acontece nos campos da educação da cultura visual e da dissidência interseccional e está ancorado na perspectiva da narrativa autobiográfica. O tema da pesquisa tem origem na necessidade de discussões qualificadas sobre a dissidência interseccional nas aulas de aula da Educação Básica e na ausência de registros educacionais a partir de narrativas de profissionais dissidentes, neste caso, um artista professor e pesquisador bixa preta. A pesquisa é concluída com o entendimento de que o campo educacional, especificamente o ensino das Artes Visuais na Educação Básica, está cada vez mais transitado por sujeitos dissidentes que transformam a escola em um espaço de existências possíveis. E, ainda, que a escrita autobiográfica é uma estra-

tégia política de legitimação de corpos dissidentes em espaços educacionais e as metodologias de ensino que problematizam visualidades comuns abrem portas para o questionamento das relações de poder.

PREFÁCIO

Talvez nos pareça mais familiar nos últimos tempos perceber inúmeras possibilidades de iniciar e/ou terminar uma leitura, já que estamos em meio a uma exacerbação constante de tecnologias, uma aceleração crescente dos pensamentos em consonância a uma grande quantidade de estímulos sonoros, visuais, intelectuais. Pensando nisso, posso me permitir e espero que também se permitam buscar referências importantes e sobretudo fazer uma leitura robusta para alargar nossa criticidade e ver outros caminhos em torno da docência e das nossas vivências enquanto raça, gênero, sexualidade, entre outros marcadores sociais.

Pensei em permear este pequeno início com perspectivas que se aproximam do livro aqui desenvolvido, mas fui arrastada pela ideia de exaltar a importância de evidenciarmos representatividade, seja ela qual for, nos mais diversos lugares, e trazer à tona autores(as) que escancaram realidades paralelas e conjugam com novas formas de refletir o ensino da Arte. Focar nisso me parece transcender qualquer necessidade editorial.

Gostaria de continuar esta pequena conversa da mesma forma que Well, indagando, formulando perguntas que podem ou não ser respondidas. Então, quantas vezes você já se permitiu refletir em alguém? Nos lugares que você frequenta, quantos são semelhantes a você? As perguntas são necessárias e talvez mais frequentes hoje em dia, mas também nos envolve em dúvidas e buscas por respostas, talvez conflituosas e ao mesmo tempo fundamentais. Quantas mulheres negras são professoras? Quantos

homens ou mulheres trans estão na educação básica? Quantas bixas pretas lecionam na escola? Os conflitos e as fragmentações das identidades, como Stuart Hall menciona em sua obra sobre a identidade cultural na pós-modernidade, precisam ser reconhecidos como parte importante da construção do/a homem/mulher contemporâneo/a, levando-nos a perceber mais enfaticamente os movimentos constantes que a sociedade faz.

Em grande parte desta obra há dois pilares que enveredam o diálogo como um todo e que me chamam atenção pela notoriedade de ambos, ultimamente. Tanto a dissidência quanto a interseccionalidade se interligam no propósito de enxergar as diversidades como parte importante de uma sociedade atual, que por vezes teima em querer um retrocesso mascarado de uma falsa moral, de uma ética deturpada. Assim, sobre dissidência, perguntei-me: quem de nós nunca foi discordante em algum momento da vida ou pensou em ir de encontro ao comum? Mas, ser dissidente, participar dessa suposta desavença social, aqui neste livro, é muito mais do que marcar a vida com lutas, entraves, é muitas vezes ir ao encontro da morte, da violência em várias facetas, como o autor bem retrata em seus relatos e visualidades. Tudo isso já promove um encaixe no que vivemos e somos na atualidade, porque esse movimento de dissidência está diretamente ligado à interseccionalidade, que permeia essa percepção acerca da interação entre os diversos marcadores sociais, incluindo gênero, sexualidade, racialidade etc, que é parte do que somos hoje.

O livro nos indaga diretamente com alguns questionamentos, mas também ecoam várias interrogações implícitas, que através da autobiografia de Wellington, surgem como um ponto de

partida, de chegada, mas também como lembranças de vários contextos vividos e revividos por tantas outras crianças e adolescentes. O ponto de vista pessoal, autobiográfico, que se traçou na escrita, conta um pouco da história de Wellington, mediando também o protagonismo de seus alunos e alunas. Em sua produção visual desdobram-se os relatos, a forma como os(as) alunos(as) veem as transformações do mundo e se mostram como produto do que carrega a sociedade, da mesma forma que ele em outrora.

A partir desta leitura, espero que possamos nos debruçar de maneira mais responsável e nem um pouco romântica sobre o ensino da arte nas escolas e de como os sujeitos nesses espaços podem interferir e concomitantemente serem o ponto central desses ataques e também das janelas para outras saídas.

Não posso sair deste espaço sem citar o quanto admiro Wellington enquanto professor/artista/pesquisador. Wellington é uma luz por onde passa e traz isso em tudo que faz e escreve, ele inspira. Logo vocês irão perceber a escrita e a produção visual consciente e sensível que este autor desenvolve naturalmente.

Portanto, como agora vocês já iniciaram esta leitura, e como o próprio Wellington se diz extremamente disperso, proponho que se deixem à vontade para ir e voltar, dispersar-se quantas vezes quiserem e puderem, não tentando se cobrar ou seguir uma rigidez na forma de folhear, de se conectar. Isso é sobre também ousar experimentar um certo tipo de dissidência, para além de fortalecer o sonho de cada vez mais encontrarmos pessoas que inspiram e fazem a diferença na educação pública brasileira.

Mayele Maria Souza de Oliveira

Imagem 1 - Travessia. Wellington Soares, fotografia, 2021.

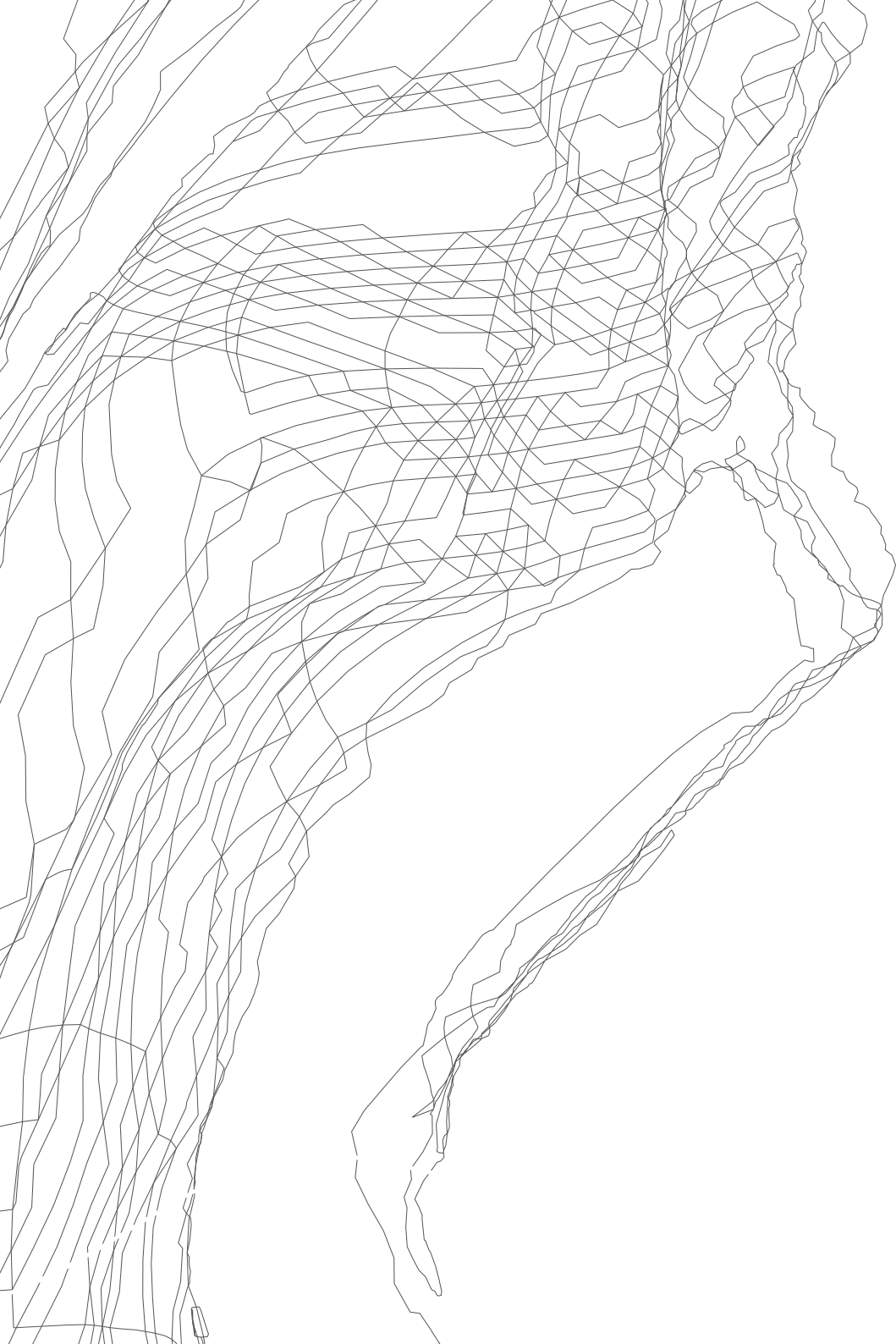


Fonte: acervo pessoal

Imagem 2 - Recorte da imagem Travessia. Wellington Soares, fotografia, 2021.



Fonte: acervo pessoal



Sumário

27	Travessia - Isto é uma Introdução?
41	Aqui e Agora: Nascimento da Pesquisa ou Aborto de uma Norma?
51	Escola, Conservadorismo e Dissidência
73	Dificuldades Encontradas no Caminho
89	“Sou Viado, Algum Problema?” Ensino das Artes Visuais E Dissidência Interseccional na Educação Básica
107	Educação da Cultura Visual e Visualidades na Sala de Aula Aproximações com o “Provoque”
117	Começando a Olhar: O Que Vejo e Como Vejo?
143	“Provoque” Na Sala de Aula - Iniciando a Conversa com Baliscei
145	Estranhando - “Identidade, Ruído e Dissidência” e “Afeto, Raça e Dissidência”
175	Uma Possível Consideração: Bixa Preta, Viadinho e Professor/a de Artes - Um Menino que Costumava Sonhar!
179	Referências
191	Agradecimentos

TRAVESSIA – ISTO É UMA INTRODUÇÃO?

“Toda travessia supõe uma posição de saída e outra de entrada, intermediadas por múltiplas posições durante o percurso”.

(Gameiro, 2019, n.p)

Sair dos entremeios da violência, do medo e da morte é uma tarefa de travessia constante na vida da bixa preta, pois ela vive uma soma de experiências de violência, racismo e LGBTfobia. Viver a dissidência interseccional a partir de uma experiência bixa preta é saber que somos bixas antes mesmo de nos conhecermos. Nossos processos de fabulação, nascimento ou germinação são tão complexos que somos bixas antes de nos colocarmos no mundo enquanto bixas. Como um ato de reconhecimento político insurgente, decido escrever em primeira pessoa sem medo de errar, porém, escrevo com gosto amargo na garganta, pois me desnudo de quase tudo, mantendo certos segredos e habitando o mistério. Para outros pesquisadores, como por exemplo, Kauan Almeida (2020b), diz que: “A bicha é por excelência uma transformação incorpórea” (Almeida, 2020b, p. 69), isto é, estamos em constante mudança, um devir. Destaca ainda que a bixa preta está à margem da margem, como se estivéssemos (estamos) na beira, habitando o final de tudo. Além disso, aponta que nós rompemos uma lógica linear sobre o sujeito

(Almeida, 2020b). Em outro texto ele diz que [...] a bicha preta é inventada e reinventada discursivamente sempre que a ela se faz menção (Almeida, 2020a, p. 73).

Vivi a dor da perda e o medo da morte, seja ela física, simbólica e epistemológica, mas permaneceu na/no minha/meu psique/coração a vontade de continuar este estudo. No entanto, quero registrar que quase desisti desta pesquisa. Várias vezes acordei sem vontade de discutir o tema em questão, porque o medo e a violência homofóbica chegaram em minha atuação pedagógica em 2022 e me tomaram por assalto. Apesar dos acontecimentos, decidi voltar e continuar com esta pesquisa, pois reconheço que ela servirá para outras bixas pretas como um objeto, material de estudo ou como fonte de uma abordagem de vida. Esse processo foi uma gestação epistemológica de risco, cheia de atribulações com crises de ansiedade, baixa autoestima, autossabotagem e medo de entrar em uma escola.

Após o momento de qualificação, fiquei inquieto sobre os caminhos que ela deveria trilhar, se seria pouco científica aos olhos da academia e dos meus pares pesquisadoras e pesquisadores em Artes Visuais. Entretanto, decidi elaborar um “conhecimento desviante” (Kilomba, 2019, p. 51), dissidente, que meu texto desvie - mesmo que não completamente - da norma branca, cartesiana/linear, da heteronormatividade acadêmica. Quero que minha pesquisa fuja do meu próprio apagamento, de um “autoepistemicídio” (ato de matar os conhecimentos produzidos por mim, um suicídio intelectual). Essa investigação é um farol que me guia sobre a branquitude desse

mar de apagamento que vem acontecendo nas terras do Brasil desde a chegada dos portugueses. Por muito tempo, desde o período escolar à graduação, fui educado a me manter no/em silêncio, fui desacreditado de que eu poderia ser um sujeito que produz conhecimentos.

Por isso, a autobiografia se tornou tão pertinente, pois vou falar de mim com a certeza de que meus relatos transbordarão para outros sujeitos envolvidos nos campos da Educação e das Artes Visuais. Quero ser um pesquisador viajante, não que este seja um texto escrito sem um rigor acadêmico ou deslocado das perspectivas educacionais. Não quero que esta escrita seja rebuscada demais, apesar de ser um texto acadêmico e destinado aos meus pares, porém, este texto também é endereçado às minhas irmãs que não estão dentro do ambiente acadêmico. Quero que ele seja compreendido por todas, pelas bixas pretas graduandas, mestrandas e doutorandas, e as não acadêmicas, (pois estas foram e são impossibilitadas de habitar alguns - muitos - espaços), além disso, não quero ser livre ao ponto deste texto ser lido como desnutrido/árido linguisticamente e teoricamente, visto que estou a “guerrear” com os meus próprios alçózes. Não sei ao certo por onde começar, se trago o tema, o problema ou os objetivos. Somente entendo que preciso apresentar um pouco de minha trajetória. Ao escolher a narrativa autobiográfica como uma forma de escrever e pensar metodologicamente o livro, posso cair num dilema entre uma escrita deslocada da academia e uma que apesar de fluida é mediada pelas diretrizes e normas convenientes a uma lógica científica.

Para alguns, escrever sobre as vivências sem usar as grandes referências científicas pode parecer desleixo ou até mesmo uma falta de nutrientes científicos. Isso me faz pensar que, infelizmente, a ciência pode parecer um espaço de permanência e persistência de uma lógica colonial, daqueles que dizem: “para ser ciência tem que ter critério”, mas os critérios são feitos por quem? E para quem? Quando escrevo sobre mim, sobre as vivências em/sobre sala de aula, quero pensar em outra lógica, pois:

[...] a escolha por realizar o ato da escritura de uma vida se articula com a capacidade do texto como máquina de confissão. Proporciona certa organização no interior conturbado do eu quando o transporta para a folha em branco. O trabalho de produção das memórias preenche as lacunas do ser ao mesmo tempo em que instala outras, pois aquele que escreveu já não é mais aquele anterior à escrita.

(Albano, 2005, p. 92)

Assim como Adriana Helena de Oliveira Albano (2005), encontro na narrativa autobiográfica uma oportunidade de pensar além do que já está posto, esse solo metodológico, no qual me permite olhar para os caminhos que percorri nesses últimos anos. Escolher essa forma de escrita me ajuda a dialogar com os demais leitores e fazedores desta pesquisa, minha orientadora, as avaliadoras/es, os estudantes de graduação e demais pesquisadores ou não, que irão ter acesso a este material. As histórias do cotidiano

escolar, as percepções e *feedbacks* são necessários para meu processo enquanto pesquisador/professor. Tudo parte de um processo de autobiografia que se encontra no ato de narrar alicerce forte e que se faz fundamental. Assim, Garnica (2010) me ajuda a compreender como ocorre o processo de narrar, o qual diz:

Narrar é contar uma história, e narrativas podem ser analisadas como um processo de atribuição de significado que permite a um ouvinte/leitor/apreciador do texto apropriar-se desse texto, através de uma trama interpretativa, e tecer, por meio dele, significados que podem ser incorporados em uma rede narrativa própria. (Garnica, 2010, p. 36)

Durante a graduação, desenvolvi a monografia de conclusão de curso “Uma expedição sobre artistas negros *gays*: corpo e memória nas Artes Visuais”, na qual interessava analisar as práticas artísticas de sujeitos que se identificavam como *gays*. No final do ano de 2019, comecei a refletir sobre a seleção para o Programa de Pós-graduação Associado em Artes Visuais UFPB/UFPE, e se seria possível/viável entrar nesse espaço, visto que na graduação tive vontade de desistir (ou melhor, fizeram-me pensar em desistir). Fui desacreditado que chegaria a esse espaço e habitar o ambiente acadêmico/pós-graduação não é ou não foi uma perspectiva para meu corpo. Escutei: “como pode uma bixa preta e um professor de artes estar no meio de nós”?

Nesse mesmo período, tinha perdido o gozo pela academia e vivenciado um princípio de depressão. No entanto, vi na seleção a oportunidade de mudar minha realidade. Então, decidi me inscrever no processo seletivo para a linha de pesquisa em Processos Educacionais em Artes Visuais.

No decorrer dos estudos realizados para a escrita deste livro foram surgindo alguns pontos de reflexão. A covid-19 e o consequente isolamento social foi um ponto que fez meu projeto virar de cabeça para baixo, visto que o estudo tinha como ponto inicial a sala de aula, o contato físico com os/as estudantes, professores/as e com todos que fazem e constroem o espaço escolar. Mesmo diante dessas dificuldades significativas, decidi seguir em frente com as reflexões teóricas que envolviam meu estudo. No final de 2021, fui convocado para assumir o cargo de professor temporário pela Secretaria de Educação da cidade de Fortaleza/CE, e isso possibilitou voltar a ambicionar o encontro direto com estudantes e professores/as das escolas.

Comecei, então, a ser professor da referida rede de ensino. Uma “carne” nova na educação, vinda do interior para a capital, um processo de travessia, de retirada e chegada, uma disruptura da norma, uma viagem, parecia até uma abertura de novela da Globo. Sem saber de nada desse novo ambiente, sem familiares ou amigos por perto, parti para uma nova vida. É esta nova vida, marcada pela instauração prática de uma identidade docente, que gira nesta investigação. Além dessas questões, quando olho para o ensino de Artes Visuais nas escolas públicas que me cercam, para as metodologias, práticas pedagógicas, materiais educativos e formação docente, percebo um déficit tanto na falta de profis-

sionais qualificados quanto na falta de diálogos sobre questões de interseccionalidades. O jornal Diário do Nordeste, no ano de 2019, publicou a seguinte matéria: “Apenas 4% dos docentes da rede estadual são licenciados em Artes”, e destacou que:

A rede estadual de ensino conta, atualmente, com 522 professores (aproximadamente 4% de todos os docentes do Ceará) efetivos lotados em Artes - para 725 escolas (principalmente dedicadas ao Ensino Médio). De acordo com a Secretaria de Educação do Ceará (Seduc), ainda há o apoio de professores substitutos, mas a quantidade exata destes profissionais não foi precisada. (Diário Do Nordeste, 2019, n.p)

Essa informação é importante para percebermos as dificuldades em relação aos professores de Artes, além disso há a falta de formação específica na área de artes. Atualmente, em várias escolas que frequentei, professores de Língua Portuguesa pegam as aulas de artes para complementação de carga horária. A prática estético-pedagógica, nesse sentido, está, a meu ver, adoentada. Encontra-se em seu leito de morte e pedindo socorro.

A falta de professores/as formados/as em uma das quatro linguagens da arte: Artes Visuais, Teatro, Dança e Música, faz com que os processos de ensino/aprendizagem aconteçam de maneira insatisfatória. Lembro das minhas estudantes falando sobre as aulas de Artes com a professora de Português: “Professor, volta, por favor! A professora só passa textos na aula”. Isso não é apenas um

clamor, é uma denúncia. As aulas de Artes são prejudicadas/sucateadas há anos devido à falta de estrutura física, salas de aula sem recursos tecnológicos e, principalmente, pela falta de professores formados na área específica. Alguns autores registraram semelhante percepção, como por exemplo, o professor Fábio Rodrigues da Costa (2016) e seus bolsistas de iniciação científica no livro “@ professor@ de artes no Triângulo Crajubar” (Costa, 2016).

Outra referência que me ajuda a pensar nessa situação é o pesquisador Oppitz (2017), que diz: “no que se refere à disciplina de Arte, que em várias das escolas [...] conta com professores de diferentes licenciaturas – que preenchem suacarga horária com a disciplina de Arte sem terem formação para tanto” (Oppitz, 2017, p. 138).

Junto a essas dificuldades, também temos nas escolas o enaltecimento dos fundamentos do patriarcado colonizador, visto que grande parte das imagens que possuímos contato é produzida em uma perspectiva estereotipada sobre sujeitos não heteronormativos. Porém, recentemente, dispomos de apetrechos socioculturais (plataformas virtuais, *sites* e museus *online* e físicos) que nos possibilitam conhecer textos e imagens antes não acessados por pessoas como nós, bixas pretas periféricas, dissidentes, desviantes e subalternizadas. Defendo que é fundamental criar modos de pensar e criar arte, pois estamos cansados de ouvir e ler o branco, este, por sua vez, visto como único ou modelo, como também romper com a lógica do hétero e cristão narrando nossas vidas, tratando-nos como contos de fadas ou ficção científica, pois nossos corpos são bem mais que esse pensamento estereotipado/colonizador.

Assim, este livro discorre sobre as dissidências de gênero, sexualidade e raça de forma interseccional, pensando esses marcadores sociais da diferença como um reator de ideias. Desse modo, esta pesquisa parte do interesse de aprofundar sobre minha vivência em sala de aula.

Percebo a presença tímida de textos acadêmicos sobre práticas metodológicas e pedagógicas em dissidências interseccionais escritas por professores/as autodeclarados também dissidentes. No entanto, recentemente, pesquisas estão surgindo na academia, assim sendo, far-se-á importante destacar que nos materiais que usamos nos cursos de graduação, a presença de produções artísticas de artistas dissidentes nos livros de História da Arte é pequena ou inexistente. Porém, concordo com Fernando Luís Morais (2019) quando ele destaca que as pesquisas relacionadas às dissidências interseccionais estão começando a ganhar cada vez mais espaço no setor acadêmico. Apontando que:

As questões identitárias têm ganhado, nos últimos anos, uma grande projeção sendo, por isso, convertidas em debate continuamente frequentado e revisitado no meio acadêmico. A propulsão responsável por tal efervescência deve-se, em primeiro lugar, às maciças remodelações e reestruturações econômicas, políticas, sociais e culturais dos mecanismos que compõem o bojo da sociedade contemporânea. Esse processo de reengenharia social engendra uma dinâmica abstrata e infindável, fomentando não só as

questões de identidade ou de sua produção, mas também o esforço no sentido de reivindicar e entender identidades plurais e ambíguas, raciais/étnicas, de gênero, de classe, entre outras. (Morais, 2019, p. 12)

Exemplos desses “avanços” são os livros *A História da Arte*, 1950, de Ernst Hans Gombrich; o livro *História Ilustrada da Arte*, 2014, de Ian Chilvers, e o livro *Tudo sobre arte*, 2011, de Stephen Farthing, entre muitos outros que não apresentam a produção artística de bixas pretas e que são fontes corriqueiras nos cursos de graduação em Artes Visuais. Nesse sentido, podemos chegar ao entendimento que é necessário rever os currículos e as propostas educacionais das escolas e dos cursos de formação docente.

Nesta pesquisa também revisei as referências artísticas que eu tinha. Percebi que não considerava que minha história de vida, minhas experiências como bixa preta periférica/rural poderiam ser tematizadas no meu processo de criação nas diferentes linguagens das artes visuais. Este trabalho vem reverberando no meu processo enquanto artista, professor e pesquisador bixa preta. Com as transformações históricas/sociais, é possível destacar a importância dos estudos que fujam do eurocentrismo, da branquitude e da cisgeneridade. O trabalho se faz necessário, pois é notável a importância para pensarmos uma educação, currículo e ensino mais plural e inclusivo, e é perceptível que existe a necessidade de mais estudos como este, que tencionam sobre as questões do corpo preto e bixa na sala de aula, no ensino de

Artes Visuais e na educação no contexto geral. Com o desejo de pensar uma outra possibilidade de ensino em Artes Visuais, para assim construir um espaço educacional mais plural, este estudo apresenta uma importância grandiosa para repensar os conhecimentos, estabelecendo outra visão/pensamento acerca do ensino de Artes Visuais, da educação. Também tem um impacto social importante, possibilitando pensar uma sociedade diversa.

O objetivo principal é compreender quais as possíveis contribuições do/a professor/a de Artes Visuais para questões relacionadas às dissidências interseccionais (gênero, sexualidade e raça) nas salas de aula da Educação Básica (6º ao 9º ano), por meio de uma pesquisa narrativa autobiográfica.

Tenho como objetivos específicos: a) apresentar e refletir sobre as experiências em sala de aula na Educação Básica, pautadas nos processos de pesquisa autobiográfica; b) compreender aspectos das dissidências interseccionais (raça, gênero e sexualidade) e o ensino das Artes Visuais e; c) investigar, experimentar e refletir sobre a metodologia “PROVOQUE” como possibilidade de ação educativa em Artes Visuais na Educação Básica.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo encontra-se na narrativa autobiográfica com procedimentos de produção de dados organizados da seguinte maneira: curadoria visual e escrita narrativa elaborada e desenvolvida por meio das trocas em sala de aula com estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação em Fortaleza. As aulas de Artes Visuais que ministro têm foco nas temáticas dissidentes interseccionais (gênero, sexualidade e raça) e são baseadas

na metodologia “PROVOQUE” (Problematizando Visualidades e Questionando Estereótipos), desenvolvida por João Paulo Baliscei (2020), e que apresenta cinco passos: Flertando, Percebendo, Estranhando, Dialogando e Compartilhando.

A metodologia “PROVOQUE” fez-se necessária no momento da pesquisa, pois ajudou a planejar minhas práticas educacionais. Desse modo, recorro a Ricardo Marín Viadel (2011), para defender que o campo da arte é um território específico de pesquisa, sendo assim, é necessário que tenhamos outros olhares sobre nossos objetos e sujeitas/os de pesquisa. Tal opção se justifica em razão das relações entre os estudos teórico-bibliográficos e as práticas artísticas do autor no campo das artes visuais e suas possíveis metodologias de ensino. Assim, busco o processo metodológico “PROVOQUE”, pois percebo que ele apresenta uma metodologia rica e interessante para o momento investigativo que estou vivenciando.

O processo autobiográfico faz parte de minha metodologia de pesquisa, pois no meu fazer docente venho anotando todas as falas, como também percebendo os processos de subjetivação, os processos de ensino e discussões construídas em sala de aula e realizando uma autoavaliação (Santos; Garms, 2014).

Esta escrita mudou dia após dia, fragmentos foram do começo para o fim e vice-versa. A estrutura deste texto é dividida em várias partes, que podem ser lidas de forma não linear, demonstrando também meu processo de construção do conhecimento. Apontarei sobre a sala de aula de artes, observando e analisando como se dão as metodologias, práticas e documentos voltados para a educação com foco nos estudos das dissidências interseccionais, isso a partir de uma perspectiva decolonial. Fa-

lareei sobre uma sensibilização em gênero e diversidade, mergulhando em artefatos culturais presentes nas salas de aula, masculinidade e dissidências interseccionais (raça e sexualidade, raça e gênero ou raça, gênero e sexualidade como categorias múltiplas). Problematizei se há dissidência na sala de aula/na escola. Entenderei alguns momentos históricos-políticos, socioculturais e socioeducacionais da distopia Brasil, tais como foram configurados o ensino, as práticas educativas e as metodologias de ensino.

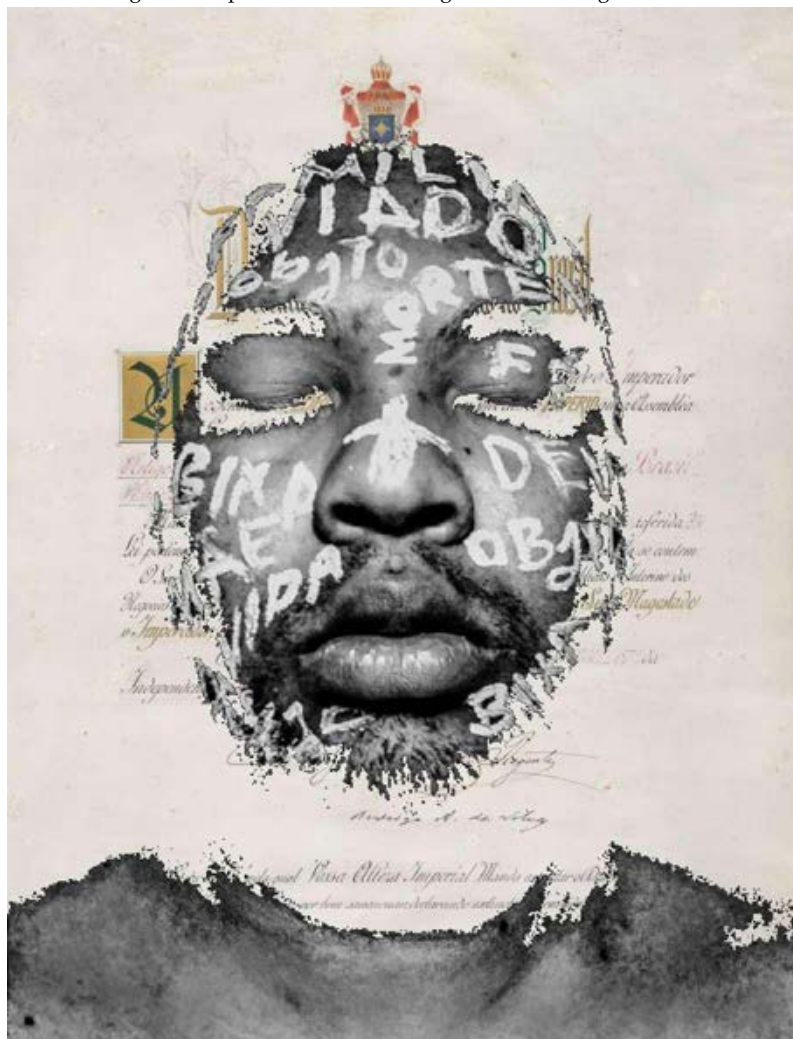
Este texto, as memórias e trocas que vamos ter, as imagens, os comentários que aqui serão trazidos significam para mim germinar uma nova semente que permitirá uma ruptura na lógica de construção de pesquisas, como bem diz Brenda Gomes Bazante (2020, p. 51): “está aqui a maior ação estético-política que devo desempenhar”. Este texto será minha ação estético-política, estético-educativa e estético-afetiva, por meio dele trago vivências de uma travessia entre a sala de aula e as dissidências interseccionais (sexualidade, gênero e raça).

Imagem 3 - Sem título. Wellington Soares, fotografia, 2021.



Fonte: acervo pessoal

Imagem 4 - Experimento nº 1. Wellington Soares, fotografia, 2021.



Fonte: acervo pessoal

AQUI E AGORA: NASCIMENTO DA PESQUISA OU ABORTO DE UMA NORMA?

Para começar meu trajeto, destaco que no processo de escrita deste livro a vontade de desistir assolou meus pensamentos por algumas vezes. Porém, a vontade de pesquisar e escrever sobre minhas vivências, experiências e conflitos em sala de aula e na escola foram mais fortes. Esta escrita se insere numa perspectiva autobiográfica. Busco escrever em primeira pessoa por entender-me como sujeito e não objeto de estudo, encontro nesse modo de escrever e narrar minha trajetória um campo fértil e ao mesmo tempo minado, dado que por momentos a escrita permite-me ir além das normas convencionais que nos colocam em caixas “como modelos pré-fabricados” e, por outra vez, como um espaço-tempo perigoso, no qual permito conhecerem meu EU.

Por muito tempo acreditei que a pesquisa científica não estava interessada na vida de uma pobre bixa preta do interior do estado do Ceará. Isso fez com que eu criasse um certo afastamento da pesquisa autobiográfica, do reconhecimento enquanto bixa preta. Nessa caminhada, parto do pensamento de Fernando Luís Morais (2019), quando ele vai falar do existir e ser, ou seja, antes de escrever esta pesquisa eu apenas existia no mundo, sem um rumo certo, sem seguir uma trajetória epistêmica. Hoje, como professor(a), eu sou, sou a professor(a) bixa preta, que dá pinta, a que é vista como exótica, excêntrica, carnavalesca e afrontosa.

Segundo ele, “Ser implica existir, mas a reversão dessa premissa resulta implausível. Ser, para além do existir, é ter vida, ter autonomia, ter visibilidade, é sobreviver” (Moraes, 2019, p. 27). Então, aqui neste estudo, para além do apenas existir, eu vou ser, ser a bixa preta, ser afrontosa e principalmente professor(a).

No final de 2020, vivendo sob uma perspectiva de isolamento social e afetivo, em meio a um caos de identidade e de sentimentos, decidi escrever um pré-projeto de mestrado. Escrito com medo e insegurança, visto que me disseram que eu não conseguiria passar na arguição, na seleção e até mesmo chegar a ser mestre em artes visuais. Não sabia ao certo qual era a importância desse título, pois na minha compreensão, estar nesse espaço é uma forma de mostrar a outras pessoas dissidentes que podemos habitar na academia, que na minha visão, ainda é um “lugar de afirmação de uma cultura branca, heteronormativa e eurocêntrica” (Gomes, 2019, p. 35). Esse pensamento que desenvolvi no período da graduação se assemelha à vivência que estou tendo em sala de aula, pois percebo a sala de aula e os materiais didáticos nos apresentam uma única perspectiva sobre as artes.

Pode parecer extremista a frase, pode parecer violento ou questionável falar que a academia é um espaço de difícil acesso e permanência. Mas, isso se dá por observar que há uma dificuldade no nosso acesso a este lugar, o conhecimento científico está aí, refutando ou concordando, na medida do possível, com essa minha compreensão. Não me interesso por um conhecimento científico que não abra possibilidades para outras discussões, para reflexões e conflitos (no campo das ideias). Este texto reflete sobre a experiência de uma bixa preta em uma descoberta diária,

um caminhar incerto. Decido em 2019, mesmo com medo de não passar no processo seletivo, ingressar no Programa Associado de Pós-graduação em Artes Visuais - UFPB/UFPE.

O medo e a vergonha estavam habitando meu coração, no entanto, também habitava o desejo de ser “alguém na vida”, um sentimento estranho, mas super válido, pois essa foi a visão de mundo a qual fui educado, era um visão de meus pais, que diziam: “você tem que procurar algo de futuro”, ou até mesmo, pela visão da academia, que diz: “o mestrado está bem aí, se você quer ser visto, deve continuar os estudos”, ou ainda, de tios, que diziam: “seus primos já são formados em direito”. Nesse sentido, com raiva e com sangue nos olhos, decidi que devia continuar e fazer um mestrado. O ódio me trouxe até aqui, mas no decorrer do processo o amor ganhou espaço e permitiu que eu tirasse de minha mente o pensamento de que eu não merecia estar aqui, esse lugar é meu e é nele que vou criar um campo de disputa epistemológica.

Desde a graduação venho pesquisando questões de gênero e sexualidade, tentando relacionar com as questões étnico-raciais, mas só agora no mestrado, depois da qualificação, decidi pensar esses conceitos em convergência. Criando uma aglutinação. Saio da separação dessas categorias sociais, da diferença para a junção delas em um conceito de dissidência interseccional. Híbrido das ideias e relacionando tudo com minhas experiências e trocas geradas na escola.

No decorrer e no período de pausa nessa investigação, refleti sobre como pesquisar gênero, sexualidade e raça (dissidência interseccional), e, de antemão, encontrei barreiras, uma delas é ser professor temporário. Essa situação me fez reorganizar a rota

metodológica, visto que é incerta minha permanência em uma determinada escola. Antes, tinha como proposta criar ateliês de criação nas escolas onde estava trabalhando à época, no entanto, ao perder lotação nas escolas, percebi que havia um solo incerto, que a qualquer momento poderia perder mais uma vez a escola e fazer com que eu perdesse o fio investigativo e de experimentação inicialmente proposto.

Tais relações geradas possibilitam olhar para as relações sociais e educacionais que aconteciam/acontecem no chão da sala de aula. Assim, saio de uma proposta de ateliê fechado e parto para uma troca diária entre professor/educando, escola/sociedade e as demais relações possíveis de serem criadas. Esse processo possibilitou refletir sobre meu percurso dentro da educação, sobre como meu fazer docente pode ajudar os educandos e, principalmente, me fez olhar para meus estudantes por um outro viés, vamos dizer que mais aguçado, um olhar vivencial.

Refletindo sobre os vários caminhos que esse estudo poderia me levar, volto à leitura do livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, de Grada Kilomba (2019). Neste livro, ela apresenta vários acontecimentos que nos fazem refletir sobre como foi/é o racismo no nosso cotidiano (racismo estrutural/estruturante). Pesquisar sobre essa temática é fundamental, visto que a academia é um espaço no qual esses assuntos não são trabalhados ou quando são seguem uma perspectiva colonial, desse modo, concordo com Kilomba (2019, p. 50) quando ela aponta que: “nesse espaço temos sido descritas/os, classificadas/os, desumanizadas/os, primitivizadas/os, brutalizadas/os, mortas/os”. Além disso, acrescento que tal prática ocorre também nos espaços escolares e educacionais.

Concordo com Paulo Melgaço da Silva Junior e Antônio Flávio Barbosa Moreira (2020, p. 213), quando dizem: “[...] a educação e a escola tanto podem contribuir para a perpetuação do racismo e para o *status quo* inferiorizante das pessoas negras”, completo que elas ainda podem colaborar com a manutenção da violência TransLGBTfobia. A escola como um espaço de socialização, convivência e troca nos apresenta várias impossibilidades, mas também são espaços de processos educativos, estéticos e de acolhimento.

A violência contra os sujeitos dissidentes são marcadores apresentados de forma frequente em estudos ligados à área de educação. É perceptível que dentro do ambiente educacional há um apagamento e extermínio de subjetividades outras, que não se encaixam aos padrões pré-estabelecidos de gênero, sexualidade e raça, questões econômicas e culturais. Assim, esse estudo dialoga com os pesquisadores e as pesquisadoras do pós-estruturalismo¹, que organizam o pensamento a partir de corpos e subjetividades que antes não entravam dentro dos ambientes educacionais. Nesse sentido, Marcia Betânia de Oliveira (2018, p. 15) conclui o pós-estruturalismo como uma: “perspectiva teórica que possibilita contrapor a ideia da pesquisa qualitativa como representação de identidades fixadas ou de dado contexto da realidade, que necessita ser validada em virtude de sua aplicabilidade na prática”.

¹ Pós-estruturalismo é um termo ligado à literatura filosófica e crítica cunhada no século XX, tendo como alguns dos teóricos/autores Michael Foucault, Jean Baudrillard, Jacques Derrida e Judith Butler. Nessa área, os autores levam em conta alguns pontos: o estudo do eu, a percepção pessoal, capacidade multifacetada, a descentralização do/a autor/a, teoria desconstrutiva.

Contudo, é fundamental compreender como são elaboradas as discussões e quais são os sujeitos que as tencionam. É necessário analisar quais são as contribuições das dissidências sexuais e de gênero e das questões raciais para o campo das artes visuais. É notável que dentro do ambiente educacional há uma dinâmica colonial que separa os corpos, as sexualidades, os gêneros, as raças, as etnias e as classes sociais.

Nos estudos que venho realizando sobre o ensino de Artes Visuais, sobre as metodologias de ensino e, principalmente, em minhas vivências como professor, ficou explícito que os temas sobre sexualidade e gênero são grandes tabus, tanto por parte dos/as professores/as, que não conhecem sobre a temática, como também apresentam crenças religiosas rigorosas e decidem por não trabalharem com essas temáticas. Porém, quando vamos analisar e investigar sobre raça e etnia, os/as professores/as trabalham as temáticas sem nenhum pensamento crítico, esses temas entram dentro dos ambientes escolares nas datas comemorativas, como por exemplo: “Dia do Índio” ou o Dia da Consciência Negra.

Não tenho como premissa criar um manual que deve ser reproduzido por outros/as pesquisadores/as, por isso, destaco que o diálogo talvez seja um interessante caminho nessa investigação. Nessa perspectiva, busco um bate-papo literário/acadêmico. Tal estudo surge como uma oportunidade ficcional/real de (RE)criar possibilidades investigativas nas artes visuais, quando organizo o entendimento de insurreição nas artes visuais tomo como alicerce os estudos das dissidências, sejam elas sexuais, de gênero, étnicas e/ou raciais. Quando vamos pensar sobre sexua-

lidade e gênero, é necessário ir além das lógicas que conhecemos. Por exemplo, discordar quando um estudante diz: “mulheres devem submeter-se a um *status* inferior aos homens”, ou quando um colega fala: “homossexuais são lendas urbanas”.

Também ancoo minhas práticas como professor nas dissidências sexuais e de gênero por compreender a sua contribuição para o rompimento do pensamento colonial. Com Bruno Bimbi (2017), entendo que a sexualidade é mais complexa, desse modo, não conseguimos explicar de forma matemática, única ou imutável. Com Leandro Colling (2018, p. 154), amplio meu repertório artístico ao saber que nos últimos anos emergiram muitos/as artistas que: “surgiram na cena político-cultural com variadas produções potentes, criativas e provocadoras, com fortíssimo apelo das dissidências sexuais e de gêneros”. São essas/es artistas que trago para minhas aulas, pois estão elaborando uma outra perspectiva criativa e curatorial nas artes visuais. Em relação aos trabalhos artísticos que abordam sobre raça, dissidências sexuais e de gênero, já existem há anos. Como, por exemplo, *New Look*, um trabalho performático realizado em 1956 por Flávio de Carvalho, um marco importante para pensarmos sobre as discussões de gênero e sexualidade no Brasil. Pedro Lemebel (Chile, 1952 - 2015) é outro importante artista para compreendermos sobre as dissidências sexuais e de gênero no continente americano, sua produção artística tem como recorte a AIDS (SIDA) e questões políticas. Lemebel questionava na sua prática artística a ditadura de Augusto José Ramón Pinochet Ugarte (Chile, 1915 - 2006). Segundo José Veranildo Lopes da Costa Junior (2020, p. 93): “a temática principal da narrativa

de Pedro Lemebel, incluindo as diversas crônicas publicadas, as fotografias e as *performances*, é o autoritarismo chileno e os seus desdobramentos na vida cotidiana de pessoas ‘comuns’”.

As práticas artísticas de Flávio de Carvalho, Pedro Lemebel e de muitos outros servem como referência em minhas aulas, pois dialogam com o conceito de ativismo dissidente sexual e de gênero. Leandro Colling (2017; 2018), nos seus últimos estudos, vem organizando uma vasta pesquisa sobre as dissidências sexuais e de gênero aqui no Brasil, apontando e destacando que temos muitas/os artistas que são dissidentes sexuais e de gênero, porém, grande parte dos/as artistas que ele apresenta são da área da música. Tal ponto possibilitou pensar: onde estão as produções artísticas de artistas visuais dissidentes sexuais e de gênero residentes em Fortaleza? Quais são os grupos e/ou coletivos de artistas que estão produzindo sobre corpo, gênero e sexualidade em Fortaleza?

Também mostro em sala de aula que grupos e coletivos de artistas estão criando um circuito artístico/artivista no Brasil, tencionando sobre as questões dos corpos, das sexualidades e gêneros que foram expulsos dos ambientes de convivência, como a escola, as galerias, museus de artes e a própria família. Nas últimas décadas, devido ao ingresso de pessoas dissidentes sexuais e de gênero nas universidades, está fazendo explodir essas discussões, possibilitando a entrada dessas/es artistas nos espaços que antes eram negados.

Essa maior visibilidade e incentivo à produção artística apoiada por ações afirmativas gera uma gama de possibilidades para o âmbito escolar. Por exemplo: há vários livros didáticos que

já trazem essa atualidade, tais como os livros que uso na minha prática docente como material de apoio didático-pedagógico. Utilizo os livros do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, sendo eles, *Por toda parte* 2020/23, da editora FTD; o livro *Janelas da arte* - 2020/23, da editora IBEP e o livro *Mosaico* - 2020/23, da editora Scipione. Todos os títulos são distribuídos pelo Plano Nacional do Livro Didático - PNLD.

ESCOLA, CONSERVADORISMO E DISSIDÊNCIA

Falar sobre documentos que regem o fazer do docente e a organização escolar no contexto geral é importante. Ao percorrer os corredores das escolas onde sou professor temporário, penso sobre as questões arraigadas nessa investigação. Logo, ao chegar nos corredores do colégio, vejo uma placa anunciando que é proibido qualquer tipo de prática preconceituosa (Imagem 5).

Imagem 5 - Registro da parede da escola, 2022.



Fonte: acervo pessoal

Esta imagem diz muito sobre alguns avanços que tivemos nos últimos anos. No entanto, uma placa como esta não minimiza todas as violências que ocorrem dentro do ambiente escolar. Precisamos enquanto professores/as, gestores/as e demais profissionais que estão dentro da educação pensar nossas práticas diárias, é importante que tenhamos consciência das ações que praticamos e/ou ocultamos em sala de aula ou nos corredores do colégio. Como docente, presenciei alunos do 6º ao 9º ano praticarem violência de gênero, homofobia, transfobia e racismo, entretanto, como um pesquisador, professor e artista bixa preta não poderia deixar essas situações passarem sem uma reflexão crítica com as/os estudantes. Mas, antes de elaborar ações pedagógicas, sempre busco materiais, documentos referenciais e leis para embasar minhas práticas docentes nas questões de raça, das dissidências sexuais e de gênero. No decorrer desse estudo, deparei-me com alguns documentos que são importantes para meu trabalho, pois servem como instrumentos referenciais. Alguns desses materiais são disponibilizados pelo Ministério da Educação (MEC/Brasil), como o livro didático pedagógico oferecido pelo Plano Nacional do Livro Didático - PNLD, podendo possibilitar discussões que antes não estavam presentes, como por exemplo, a presença da produção artística relacionada à questão de gênero. Há também materiais com foco no feminino, como o trabalho *O jantar*, do ano de 1979, da artista Judy Chicago (Imagem 6), e o trabalho *The Advantages of Being A Woman Artist*, do ano de 1988, do grupo *Guerilla Girls* (Imagem 7).

Imagem 7 - Mosaico – Arte – Ancestralidade. Autores: Beá Meira, Rafael Presto, Ricardo Elia, Silvia Soter, Taiana Machado – 9º ano.

GUERRILLA GIRLS

As Guerrilla Girls (Garotas guerrilheiras) definem-se como um grupo de ativistas feministas anônimas. Sempre que aparecem em público, utilizam máscaras de gorilas para não serem identificadas. O grupo foi formado em 1985, como uma forma de protesto contra o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), que, na ocasião, inaugurou uma exposição de pinturas e esculturas que pretendia reunir 165 artistas importantes da década. Entre eles havia apenas treze mulheres.

O grupo, além de anônimo, é fluido, ou seja, várias mulheres podem estar à frente em diferentes momentos. Mas o objetivo permanece o mesmo há mais de três décadas: chamar a atenção por meio de cartazes, fotografias e performances bem-humoradas, denunciando os preconceitos de gênero e de raça na arte e na cultura.

Muitos dos cartazes expõem dados estatísticos sobre as desigualdades entre a presença de mulheres e homens em exposições, em artigos realizados por críticos e em narrativas históricas sobre a arte ocidental.



Guerrilla Girls, em Nova York, Estados Unidos, 2016.

EXPLORE

Guerrilla Girls em exposição no Museu de Arte de São Paulo (MASP). Disponível em: <<https://masp.org.br/boanca?search=Guerrilla%20Girls>>. Acesso em: 02 set. 2018.

Rescue link, você pode saber mais do grupo e da exposição feita no Brasil em: 2017-2018.

AS VANTAGENS DE SER UMA ARTISTA MULHER:

Trabalhar sem o preconceito de sempre
Não ter que partilhar de espaços com homens
Poder ocupar de modo da arte em uma guerra (trabalhar sem frustrar)
Fazer que seu trabalho seja discutido quando está longe de casa
Estar segura de que, independentemente do tipo de arte que você faz, será tratada de respeito
Não ficar presa à obrigação de um cargo de professor
Não se sentir insegura sobre o trabalho
Ter a oportunidade de trabalhar sem sentir-se a marginalidade
Não ter que engajar em agendas sociais com homens que não gostam de mulheres
Ter mais tempo para trabalhar quando o seu trabalho é desvalorizado por uma mulher mais jovem
Ser incluída nos melhores projetos da história da arte
Não ter que pensar pelo menos uma vez sobre o seu trabalho
Ter sua arte, seu trabalho de arte sempre em uma rede de apoio

GUERRILLA GIRLS

Cartaz realizado especialmente para a mostra do grupo Guerrilla Girls no Museu de Arte de São Paulo (MASP) em 2017.

Em sua opinião, como é a presença das mulheres na arte no Brasil? [Responda aqui](#)

Fonte: https://storage.googleapis.com/edocente-content-production/PNLD/PNLD_2020/MOSAICO/9ANO/PNLD20_MOSAICO_Arte_9ano_PR.pdf

Outras imagens se inserem e fazem-se presentes dentro dos livros didáticos, trabalhos visuais relacionados e produzidos por dissidentes interseccionais (gênero, sexualidade e/ou raça) estão começando a ser apresentados. Exemplos dessa participação são os trabalhos da artista Laerte Coutinho (1951), uma artista quadrinista, que em grande parte de suas produções aborda as questões dissidentes com foco na transexualidade. Dois trabalhos da artista estão presentes no livro, no entanto, o que nos interessa no momento é o *Longe de mim ter preconceito, mas...*, tirinha de 11 de janeiro de 2013 (Imagem 8), e também a presença dos artistas Andy Warhol (1928 - 1987), Keith Haring (1958-1990), José Leonilson (1957 - 1993) e Flávio de Rezende Carvalho (1899 - 1973), alguns dos artistas dissidentes que estão dentro do livro de Artes.

Imagem 8 - Mosaico – Arte – Ancestralidade. Autores: Beá Meira, Rafael Presto, Ricardo Elia, Silvia Soter, Taiana Machado – 9º ano.

RISO E PRECONCEITO

A comédia sempre precisa de um alvo, que pode ser um personagem, uma situação, um discurso, um gesto – o humor sempre se dirige a um objeto específico. Entretanto, existem formas de humor que escolhem como alvo grupos sociais e étnicos que são vítimas de desigualdades e violências no cotidiano, produzindo humor baseado no preconceito. Veja a seguir tirinhas e a opinião da cartunista e entrevistadora Laerte Coutinho (1957-) sobre esse tema.

Laerte Coutinho é cartunista, entrevistadora e uma das mais importantes quadrinistas do Brasil. O humor crítico é uma característica forte de seu trabalho. Consolidou sua carreira nas décadas de 1980 e 1990, período em que produziu tiras e charges para diversos jornais e participou de publicações como *O Pasquim* e *Chiclete com Banana*. Nessa época, suas criações baseavam-se em personagens caricaturais, como Pratas do Tietê e Overman. Com o passar do tempo, diversificou sua produção e passou a explorar novas maneiras de construir o humor, abrindo mão de alguns personagens e criando tiras mais reflexivas, muitas vezes com teor autobiográfico.

Em 2010, Laerte tornou pública sua transição de gênero. Além de seguir produzindo humor gráfico, participa ativamente do debate sobre o enfrentamento dos preconceitos que as populações **LGBT** sofrem, tanto em seu trabalho como em entrevistas e debates.



Laerte, Longe de mim ter preconceito, mas... tirinha de 11 de janeiro de 2013.

LGBT: sigla que engloba lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais. Eventualmente a sigla pode variar para abrange outras possibilidades de orientação sexual e gêneros não binários (que não se definem como “homem” ou “mulher”).

Fonte: https://storage.googleapis.com/edocente-content-production/PNLD/PNLD_2020/MOSAICO/9ANO/PNLD20_MOSAICO_Arte_9ano_PR.pdf

Apesar da presença das obras e dos artistas no livro didático, a abordagem sobre suas obras nos textos disponíveis no material apresenta certo distanciamento, ou, talvez, falta de aprofundamento em relação às dissidências. Embora o artista seja mencionado, informações fundamentais para a compreensão da produção artística das/os artistas estão ausentes no material. Diante disso, compreendo a importância dos materiais de apoio ao trabalho docente, mas considero necessário revisar alguns deles, pois ainda seguem um padrão de invisibilização de sujeitos dissidentes e suas obras. Isso ocorre quando é omitida a informação de que determinado/a artista é transexual, bixa preta ou pertence a qualquer uma das dissidências interseccionais.

A escola, desde muito, vem sendo observada como locus de ocorrência de práticas violentas nas suas diversas dimensões. Primeiro, a presença de fatores de risco para os/as estudantes e dano patrimonial para a escola. Posteriormente, aspectos da violência do contexto comunitário adentrando a escola, com destaques para o narcotráfico, as gangues relacionadas ou não aos primeiros, a agressão física interrelacional, e até as interações violentas caracterizadas pela intolerância, preconceito, discriminação de raça, cor, gênero e orientação sexual que, nos dias de hoje, são reforçados pelas mídias digitais.

Nas leituras realizadas pude comprovar que a banalização da violência e seus padrões de crueldade mostram a necessidade de práticas pedagógicas que construam outros valores e referências. Esses temas são tratados em diversas orientações e textos, inclusive, no Documento Curricular Referencial do Cea-

rá DCR/CE/2019, que recomenda amplo investimento em uma cultura de direitos humanos. Esse documento, que tem como referência o Plano Nacional de Educação - PNE/BR, aponta que os debates sobre gênero e sexualidade devem ser abordados como temas transversais. O Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH, 2018)² e a Base Nacional Comum Curricular de Artes (BNCC Artes, 2017) também embasam minhas ações, servem para consulta e para auxiliar no planejamento de aula e no fazer docente, porém encontrei barreiras nas escolas devido à presença do conservadorismo.

Há, para além do exposto, outras questões que precisam ser suscitadas. Um exemplo é o medo ou a falta de interesse em trabalhar as questões das dissidências, sejam elas em quaisquer das esferas já arroladas nesta escrita. O medo ou a insegurança diante de “polêmicas” faz com que professores/as não toquem nos assuntos de gênero e sexualidade, mesmo que sejam amparados pelas diretrizes que norteiam as abordagens e conhecimentos que devem/podem ser trabalhados dentro dos componentes curriculares. Aponto isso, pois, recentemente, ouvi duas falas alarmantes, a primeira do professor de Educação Física criticando a proposta de um aluno (homossexual e negro) sobre uma possível atividade para o mês do orgulho LGBTQIAP+: “não vou trabalhar esse assunto, dos GBLTS, não quero trabalhar esse assunto. Vou logo deixando claro”, e a segunda fala do professor de História contendo um teor carregado de violência:

² Atualizado em 11/05/2023.

“sempre que o aluno Iuri está dando trabalho, chamo ele por seu nome feminino”, uma atitude que demonstra como a violência transfóbica é latente e presente no cotidiano de crianças e adolescentes. O professor de Educação Física, sem conhecimento da sigla correta, ainda disse: “depois vem um pai reclamar aqui. Depois desse negócio de *kit gay*, do ex-governo, da eleição do presidente Lula e a Câmara e Senado completamente divididos não é possível trabalhar isso”. Nota-se que há um medo, e isso é reforçado em sua afirmação: “sabemos os alunos que temos”. As duas falas são importantes para que a gente compreenda como estamos imersos em uma lógica colonial, pois a vigilância de gênero e sexualidade é estrutural e estruturante.

O conservadorismo manifestou-se em toda a América Latina nos últimos anos e, no Brasil, quando foi eleito, em 2018, o presidente Bolsonaro diante de várias estratégias para assustar e persuadir a população, dentre elas as narrativas do suposto *kit gay*, a mamadeira de piroca e a tal ideologia de gênero. Pâmela Morais (2018) elaborou a matéria “Ideologia de gênero: o que é e qual a polêmica por trás dela?”, na qual destacou que:

No Brasil, o termo “ideologia de gênero” ficou famoso quando o Ministério da Educação (MEC) buscou incluir educação sexual, combate às discriminações e promoção da diversidade de gênero e orientações sexuais no Plano Nacional de Educação (PNE), em 2014. Os últimos dois pontos, no entanto, geraram descontentamento por

parte de grupos conservadores. Segundo eles, Haddad teria incluído a obra no projeto “Escola sem Homofobia” enquanto era ministro da educação, entre 2005 e 2012. Posteriormente, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) decretou a afirmação como *fake news*, isto é, como uma informação falsa e proibiu que a campanha de Bolsonaro usasse o termo “*kit gay*” para atacar Haddad. Mesmo assim, a história do “*kit gay*” levantou novamente a questão de gênero. O pesquisador Rogério Diniz Junqueira vê a propagação das *fake news* relacionadas à utilização do termo “ideologia de gênero” como uma maneira de assustar a sociedade. Elas levariam as pessoas a se alinharem com aqueles grupos que também são contra o debate da questão de gênero. (Morais, 2018, s/n)

A construção dessas narrativas gerou polêmicas e instaurou o medo em pais, professores, crianças e adolescentes dissidentes. Por receio da perseguição, da chacota e da exposição pública, o silêncio acaba sendo um mecanismo de defesa possível. Esse sentimento é ilustrado pela continuação da conversa anterior, em que outro professor de História disse: “uma mãe veio reclamar da minha aula, pois falei do Lula e para ela ele não prestava”. Corroborando, o professor de Educação Física concluiu: “pois é, não vou trabalhar esse assunto, se vocês quiserem, *ok*”. É importante destacar que esse relato, embora comum na sala dos professores, não demonstra que todos os professores sentem esse

mesmo sentimento ou que todas as escolas não oportunizam momentos de reflexão sobre o tema.

Não é de hoje que professores/as e práticas educacionais dissidentes são perseguidas e deixadas de habitar dentro do espaço escolar, posso citar vários exemplos nos quais as discussões sobre gênero, sexualidade e raça foram proibidas de adentrar na sala de aula e espaços públicos. Um exemplo foi o que aconteceu, aqui, em Fortaleza, como diz na matéria de Miguel Martins (2021), do *Blog* de Edson Silva:

Uma placa instalada em banheiros da Rede Cuca - Centros Urbanos de Cultura e Arte - da Prefeitura de Fortaleza contra a transfobia gerou revolta entre vereadores conservadores da Câmara Municipal. O assunto foi levantado durante a sessão plenária de quinta-feira (28), o que levou um dos parlamentares a se deslocar até uma das unidades de cultura e arte para retirar o informativo. [...] O vereador Jorge Pinheiro (PSDB) levou o assunto à tribuna, e em discurso cheio de emoção, afirmou que a Casa Legislativa não iria aceitar que algo desse tipo acontecesse. O tucano chegou a cobrar uma resposta da Prefeitura e do líder do governo, Gardel Rolim (PDT), que não respondeu às provocações do colega. (Miguel Martins, 2021)

Ainda na mesma matéria, é possível acessar uma fala de Priscila Costa, vereadora pelo Partido Social Cristão (PSC): “é um movimento hipócrita que serve a esta ideologia de gênero, vindo proteger partidos e agendas ideológicas”, dialogo com Azevedo; Paiva; Moraes (2015, s/n) quando dizem que: “a expressão ‘Ideologia de Gênero’ foi elaborada numa perspectiva descontextualizada”, tal argumento da vereadora, além de arraigado de preconceito, está completamente sem embasamento teórico, visa colaborar com o apagamento das discussões de gênero e sexualidade na educação, como também contribui para a expulsão de dissidentes sexuais e de gênero na escola.

A invenção da mamadeira de piroca, *kit gay* e a ideologia de gênero nada mais é que um apetrecho do conservadorismo, um *marketing* enganoso, consumido e replicado sem discussões. Diante disso: como podemos acabar com a violência de gênero na sala de aula? O que podemos fazer para acabar com o conservadorismo na sala de aula? Quais meios legais temos enquanto professores? Que políticas públicas e educacionais podem nos resguardar? Como posso ser agente de transformação em sala de aula?

Para o Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC): “a escola precisa assumir o seu papel na construção do desenvolvimento integral como está garantido às crianças na LDB” (DCRC, 2019, p. 100). Esse fragmento nos ajuda a refletir sobre o nosso papel enquanto docente e até mesmo como aluno. Sobre as questões de gênero e sexualidade, coisas de meninos e meninas, e sobre o ambiente escolar, o documento diz o seguinte:

A ideia de que as meninas devem brincar de certos jogos e brinquedos (bonecas, panelas...) e os meninos, com outros (carros, bolas e armas...) tem como fundamento o patriarcado e machismo, geralmente velados nas práticas educativas. (Ceará, 2019, p. 99)

Será que esse argumento é aplicado na prática? Nas observações que fiz no período da graduação e nas escolas onde atuo como professor, percebi que as divisões de gênero são, ainda, amplamente difundidas. Vejo que na escola os esportes ainda são um dos maiores tabus, pois as meninas são colocadas de lado na hora do futebol, ouvindo: “vá brincar de outra coisa”. No Documento Curricular Referencial do Ceará - DCRC (2019, p. 100), consta que: “determinar comportamentos, brincadeiras, objetos, cores, roupas ‘para meninos’ e ‘para meninas’ gera segregação sexista na compreensão da realidade das crianças”.

Enquanto professor assumidamente bixa preta, vejo que estar em sala de aula para alguns alunos é algo sobrenatural, afinal, como pode um viado professor? Os olhos a todo custo me vigiam, no meu fazer docente sempre levo referências de artistas que não são, geralmente, trabalhadas em sala de aula, como por exemplo, Castiel Vitorino Brasileiro (Vitória/ES, 1996-). Proponho aos meus educandos pesquisas sobre as produções da artista, para que em aulas futuras possamos experienciar sua prática artística, para além disso, a pesquisa visa que esses alunos conheçam outros corpos, raças, etnias, gênero

e sexualidade. Essa proposta de atividade é pensada a partir das competências específicas para Artes no Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC), o qual propõe que devemos: “explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades” (Ceará, 2019, p. 314).

Desse modo, é importante que professores/as possibilitem às/aos estudantes uma variedade de contextos, corpos, sexualidades, gêneros, etnias e raças, a fim de criar um solo de (re)conhecimento dessas/es jovens. A partir dos documentos que regem a educação, podemos levar para nossa sala de aula várias questões pertinentes no processo de ensino/aprendizagem.

No Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos - PNEDH, umas das metodologias na educação básica é: “trazer para a sala de aula exemplos de discriminação e preconceitos comuns na sociedade” (Brasil, 2013, p. 47), com a intenção que esses temas sejam trabalhados e refletidos em conjunto pelos/as educandos/as e professores/as. Além disso, no artigo 3º do mesmo documento, são apresentados cinco princípios: 1º dignidade humana; 2º igualdade de direitos; 3º reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades; 4º transversalidade, vivência e globalidade; 5º sustentabilidade socioambiental. No momento, interessa o terceiro ponto, que fala do reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades:

O princípio do reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades fala da existência da pluralidade de sujeitos, onde podem nascer os preconceitos e as discriminações. Esse norte aconselha como honrar as diferenças de cada um e assim construir um ambiente de valores igualitários. (Brasil, 2013, p. 45)

Fico pensando se esse termo “honrar as diferenças” dialoga com a conclusão de que Richard Miskolci nos apresenta em seu livro *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças* (2021). O autor diz que: “em síntese, ao invés de ensinar e reproduzir a experiência da abjeção, o processo de aprendizado pode ser de ressignificação do estranho, do anormal como veículo de mudança social e abertura para o futuro” (Miskolci, 2021, p. 70).

Concordo com o que apresenta o autor, desse modo, penso que as aulas de Artes Visuais devem possibilitar um reconhecimento das diferenças, e para além disso, que essas diferenças sejam respeitadas e trabalhadas. Com esta pesquisa, busco a “epistemologia de fronteira/marginal” apresentada por Cristiano Rodrigues (2007), ou melhor dizendo, uma epistemologia da dissidente/bixa preta, periférica/rural. Que a nossa existência bixa preta seja uma revolução sistemática e que nossa sobrevivência e permanência na educação e nas artes visuais possa ser uma de nossas melhores armas contra o conservadorismo e contra os/as racistas. A epistemologia marginal, segundo Rodrigues, é uma abertura para: “o debate teórico sobre o outro que fuja dos bi-

narismos bárbaro-civilizado, racional-emocional, desenvolvido-atrasado” (Rodrigues, 2007, p. 124).

Outro ponto vivenciado por mim na escola é a dominação de determinados sujeitos sobre outros, tidos como “subalternos, inferiores ou marginalizados”, como também a manutenção desse *status quo*. Cristiano Rodrigues (2007, p. 117) apresenta a informação adiante de como são representados os/as sujeitos/as lidos/as como inferiores, descrevendo da seguinte forma: “os dominados são representados como os ‘outros’, tendo suas formas de vida e expressões estereotipadas e desvalorizadas socialmente”, nesse ponto, faço uma intersecção com as artes visuais, ou melhor, com a história da arte.

Renata Felinto (2017) aponta sobre a representação do negro na arte, destacando que éramos representados/as de forma “alérgica”, acrescento que éramos representados de forma folclorizada. Ela ainda destaca que com o tempo passamos a desenvolver outra visão sobre nossas vidas, cultos e existências. Aqui, dialogo, apontando que em relação à produção artística da bixa preta os avanços são mínimos ou até mesmo inexistentes. Sobre a produção artística, ela ainda diz que as produções que tencionam sobre: “o racismo, a homofobia, a transfobia, o machismo e o feminismo, a cena *queer* precisa ser transformada em acervo que ressignifica existências” (Santos, 2017, p. 04). Para além dessas perspectivas de invisibilização das dissidências sexuais, de gênero e das relações étnico-raciais, temos as questões da gordofobia e da sorofobia, que são outras formas de violência sofridas pelos/as sujeitos/as que não se encaixam nas normas impostas pela colonialidade.

No decorrer da minha vida acadêmica busquei investigar sobre vivências dissidentes sexuais e de gênero, étnico-racializadas e periféricas. Pude, nesses últimos anos, identificar quais pesquisas sobre nossas existências estão ganhando força dentro dos ambientes acadêmicos, nos grupos de pesquisa e em eventos científicos. Exemplos desses podem nos auxiliar na compreensão de que estamos saindo do *status* de “objeto de pesquisa” para ser “sujeito da pesquisa”, não significa que gostamos desse lugar, mas ele é necessário para que compreendamos a importância de pesquisas/pesquisadores dissidentes.

Dentro do ambiente escolar nossos corpos sofrem de vários modos, vivenciando os controles de nossas performatividades, como também, das mais variadas formas de opressão e perseguição por parte dos colegas. Ainda sobre esse assunto, César (2014, p. 20) diz que:

A escolarização, a disciplinarização de corpos infantis, a educação do sexo encontra o seu lugar na escola na própria conformação da instituição escolar. A história da educação, ao longo dos séculos XIX e XX, cada vez mais demonstra as experiências escolares do aprendizado corporal, por meio dos dispositivos disciplinares, nos quais as regras de higiene e saúde física, mental e sexual concorrem para a formação de corpos saudáveis e disciplinados.

César (2014) nos apresenta que a escola se organizou de várias formas, sendo influenciada pelo avanço das movimentações por direitos civis de igualdade sexual, racial e das lutas feministas e, que, ultimamente, as lutas estão ampliando-se, dando espaços para outros debates dentro das próprias pautas, como por exemplo a luta feminista negra, indígena e trans.

Nesta pesquisa busco compreender como se dá o processo de ensino/aprendizagem em Artes Visuais, em minha prática, interseccionando dissidências sexuais, dissidências de gênero, relações étnico-raciais e artes visuais, possibilitando uma educação estética dissidente (educação visual) a partir de outras centralidades, tendo em vista que neste campo há um cânone dentro do contexto educacional de determinados sujeitos/padrões/epistemologias que tendem a excluir sistematicamente sujeitos/produções que não respondem às normativas sexistas, heteronormativas, (cis)normativas e cristãs.

Diante da problemática apresentada deixo as seguintes perguntas: como introduzir as produções de artistas que fogem desses padrões tão massificados no componente curricular Arte? Por que estudar uma arte que seja produzida por uma bixa preta? Podemos descolonizar o conhecimento a partir da produção artística da bixa preta? Como acontece a minha prática artística e pedagógica em contexto educacional? O que posso vir a ser como educador bixa preta? Como possibilitar/viabilizar uma aula sobre arte e dissidências? Quais são as reverberações que podem surgir em sala sobre o tema dissidência? Quais conflitos podem surgir?

Pensar uma educação em uma perspectiva decolonial e interseccional é pesquisar e estudar sobre as/os corpos/corpos não antes acessados em sala de aula, digo isso na questão de estabele-

cer possibilidades de intersecção e de introdução de outras vivências que viabilizem a inserção de produções artísticas produzidas por bixas pretas e demais artistas dissidentes interseccionais. No processo de investigação sobre o tema, pode-se notar que ainda é difícil de encontrar trabalhos que tencionam sobre essas temáticas das dissidências e de sua intersecção, principalmente com relatos autobiográficos. Estou investigando, ultimamente, outras epistemologias, que até então não eram pesquisadas dentro da academia e do contexto educacional, como por exemplo, textos, autores e artistas não brancos, dissidentes e periféricos.

Nas primeiras pesquisas sobre dissidências sexuais/sexualidades, Gomes e Costa (2021, p. 57) dizem que: “o número de pesquisas sobre a sexualidade cresceu na década de 1980, por causa da epidemia de AIDS. A princípio, tal doença foi atribuída equivocadamente, ligada aos homossexuais, o que provocou uma reação imediata, renovando e intensificando a homofobia e a discriminação”, no entanto com o avanço das pesquisas, pesquisadores e artistas dissidentes e negros/as passaram a ver as dissidências sexuais e de gênero como um tema importante a ser pesquisado. Nesse sentido, percebo um potencial na pesquisa, pois a estou vivendo no meu cotidiano educativo, visto que ela é sobre minha experiência em sala de aula, onde trabalhei sobre as produções artísticas de dissidentes interseccionais. O universo da arte e os seus processos de ensino/aprendizagem podem perpassar muitas metodologias, mas para minhas práticas educacionais eu escolho utilizar a metodologia “PROVOQUE” como uma possibilidade de ação em sala de aula. Nós, professores/as de arte, pesquisadores/as e artistas produzimos e pesquisamos nas

mais diversas áreas da arte (linguagens artísticas) a partir de nossas vivências, uma prática educacional/metodologia que segue o pensamento do diálogo entre o educador e educando, o conhecimento livre, onde há uma participação efetiva do educando, uma relação um pouco menos vertical.

Assim, compreendendo-me enquanto professor, artista e pesquisador, devo introduzir conteúdo que traga as singularidades/subjetividades, questionar-se e questionar o outro, trabalhando em pé de equidade com as/os educandas/os, pensando em uma abordagem que consiga englobar os grupos sociais diversos. Enquanto docente, dissidente sexual, artista bixa preta e pesquisador de gênero e sexualidade, com recorte para as questões de subjetividade, vejo que a contemporaneidade exige tocar em assuntos antes escondidos ou velados.

Desse modo, concordo com Junior e Moreira (2020, p. 213) quando dizem que: “como professores/as, temos a responsabilidade de abraçar e proteger esses sujeitos. As questões de raça, gênero e classe social não devem ser negligenciadas, devendo ser discutidas e problematizadas”.

Nessa perspectiva, dialogo com o pensamento de Junqueira (2009, p. 13) quando afirma que para construirmos uma sociedade e uma escola mais justas, solidárias, livres de preconceito e discriminação, “é necessário identificar e enfrentar as dificuldades que temos tido para promover os direitos humanos e, especialmente, problematizar, desestabilizar e subverter a homofobia”, e, aqui, incluo as questões étnico-raciais.

Como já foi dito, o foco desta pesquisa é fazer um estudo sobre minhas práticas educacionais como bixa preta, destacando a metodologia que utilizo na minha prática docente: o “PROVOQUE” (Problematizando Visualidades e Questionando Estereótipos) para pensar e refletir sobre a dissidência. Sendo assim, pensei esta pesquisa como uma atitude de um arqueólogo, isso se deu pelo próprio mergulho e trocas estético-educativas com meus alunos do ensino fundamental. Além disso, busquei interseccionar e interdisciplinar com outras áreas do conhecimento, outras epistemologias e outras pedagogias centradas em outros corpos que não sejam apenas de pessoas brancas e cis.

DIFICULDADES ENCONTRADAS NO CAMINHO

O ensino de Artes Visuais nas escolas apresenta dificuldades, sendo uma delas a não abordagem sobre os artistas dissidentes (bixas pretas) e suas práticas artísticas, isso se dá também pela falta do profissional capacitado, principalmente pelo preconceito instaurado nas instituições formadoras de professores/as que provoca a exclusão de outras referências que não sejam brancas, cis, héteros e cristãs. Junqueira (2009) diz que os/as professores/as não dispõem de formação ou textos que possam auxiliar nas questões étnico-raciais, nas dissidências sexuais e de gênero em sala de aula.

Outra dificuldade aparece quando observamos as obras de arte nos livros didáticos e em outros materiais pedagógicos, pois várias informações sobre as biografias dos/as artistas dissidentes não constam nesses instrumentos, essas informações ajudariam na melhor compreensão e visibilização do fazer artístico dito “à margem”.

Algumas indagações aparecem durante a minha prática pedagógica: será que ao abordar as dissidências dentro do ensino de Artes Visuais estou sendo um professor inclusivo? Como posso ministrar minhas aulas sobre o tema sem cair em generalizações? Que modelo de ensino será que devo usar para que a aprendizagem ocorra de forma mais proveitosa para os/as estudantes? De que forma devo elaborar uma aula para a pluralidade de sujeitos?

O aprendizado ocorre em todos os lugares, nas escolas, praças e no convívio social. Lembrando que as escolas não são os únicos lugares onde a educação acontece e também não são os únicos lugares que detêm “o conhecimento”, pois existem os costumes e as simbologias, rememorando que em uma sociedade temos várias culturas e várias práticas culturais que reverberam no contexto escolar. Possuímos diversas formas de educação, sendo assim, todos nós estamos ligados intrinsecamente a ela, além disso, há um processo de divisão social entre o fazer masculino e o feminino.

Reflito como se dá a experiência na escola, mediada pelo ensino de Artes Visuais, pensando as imagens que adentram as minhas salas de aula, de modo a perceber como elas estão presentes no cotidiano educacional em que atuo. Há também uma presença de imagens que criam e reforçam discursos e separações de gênero, sexualidade e raça.

As cores são usadas na escola para reforçar aquele discurso: “meninas vestem rosa e meninos vestem azul”, como podemos observar na imagem a seguir. A representação de duas crianças, um menino vestindo uma farda na cor azul e a menina com a farda rosa. A imagem está localizada na parede da sala de uma turma do 6º ano, na qual sou professor, uma sala improvisada, pois a escola é super sucateada. A escola é um espaço que nos instrumentaliza para a sociedade e infelizmente no espaço escolar somos educados a partir de uma única ótica, a da heterossexualidade.

Imagem 9 - Registro da parede da escola, 2022.



Fonte: acervo pessoal

Essa separação oferta às crianças uma única possibilidade de viver gênero, desse modo, concordo que:

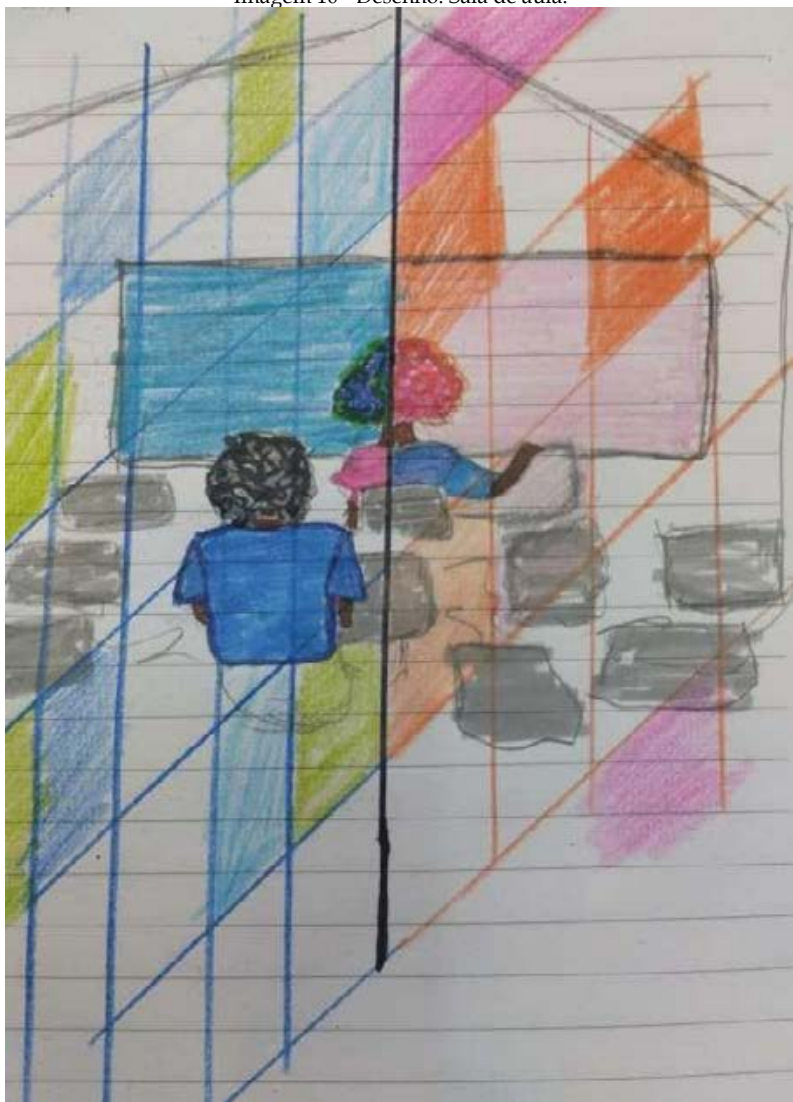
No ambiente escolar, a segregação entre os sexos é sempre vista como algo “natural”, “comum”, é habitual atribuir aos meninos a agressividade e intolerância e às meninas, a doçura e paciência. Treina-se a mulher em todos os sentidos, até nos sentimentos, mediante uma cultura machista em que reina o androcentrismo e coloca o sexo feminino como menos importante. Quando um garoto se comporta de forma “afeminada”, é reprimido rapidamente para aprender a ser “homem de verdade”, afinal, homens devem ser bravos. Devido a essas incumbências, quando um aluno não se encaixa naquilo que lhe é imposto, é es-

perado para ele, saindo da “ordem natural das coisas”, ele é visto como diferente, abominável. (Almeida; Nicolete, 2018, p. 05)

“Ser homem de verdade” é uma das pedagogias utilizadas para nos colocarem como únicos, sem sentimentos e contra qualquer comportamento dito feminino. Richard Miskolci constata a narrativa de que é o homem de verdade aquele que nega todas suas emoções e desejos. Baliscei descreve esse processo da seguinte forma: “homens não choram. [...] não falam fino e nem desmedidamente; não sentem (ou ao menos não demonstram) dor, medo e saudade; não põem a mão na cintura, não mexem o quadril nem consideram outro homem bonito e atraente” (Baliscei, 2020, p. 48).

A partir desse ponto, olhando as dinâmicas sociais em sala de aula e as divisões de gênero, elaborei um desenho depois de uma aula no 6º ano. O desenho ilustra a divisão a qual os meninos ficavam de um lado da sala e as meninas no lado oposto, segundo elas, isso acontecia porque os meninos eram barulhentos e não paravam quietos. No entanto, o que me chamou atenção foi um aluno assumidamente *gay* que ficava no meio, entre meninos e meninas (Imagem 10).

Imagem 10 - Desenho. Sala de aula.

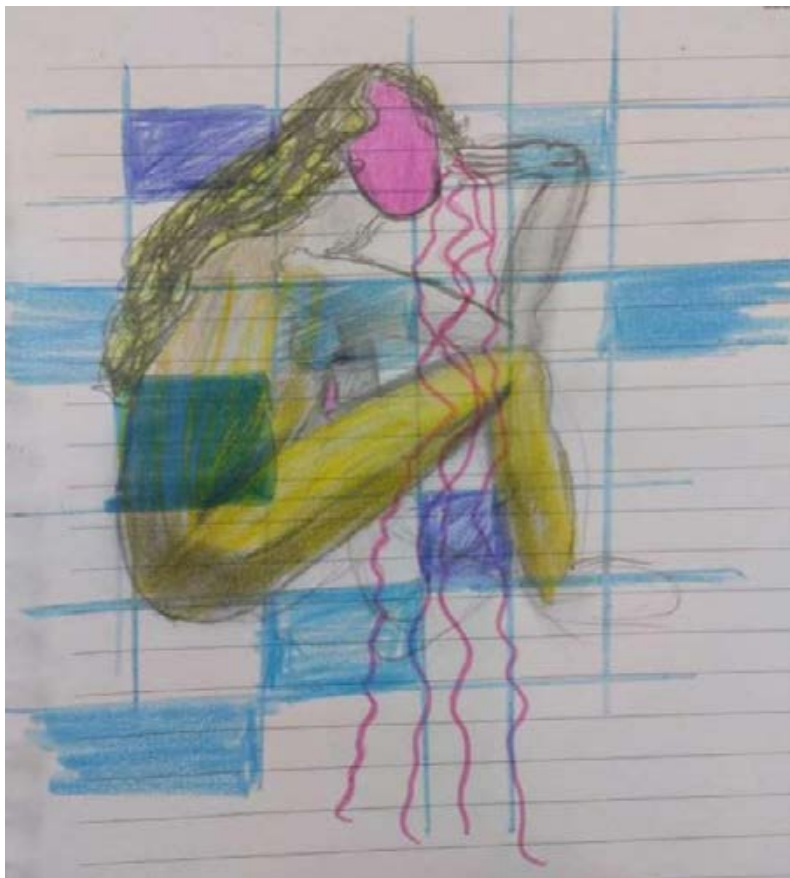


Fonte: acervo pessoal

Tal divisão é interessante e me fez lembrar quando era estudante do Ensino Fundamental. Nesse tempo, sempre tentava sentar perto dos meninos ou meninas, os meninos não me queriam por perto e as meninas também não. Desse modo, me restava o centro, como o desenho da sala de aula na imagem 10. Fiz esse desenho depois de dar explicações sobre os conteúdos do dia enquanto observava a dinâmica interpessoal do grupo.

O jogo visual entre as cores rosa e azul está presente em outras produções que desenvolvi nesta trajetória, mesmo que o foco deste estudo seja a relação “alunos e as questões de gênero, sexualidade e raça”, decidi trazer minha prática estética como um elemento importante. Em outro desenho, trago essa mesma relação entre cores e suas intersecções (Imagem 11), no qual faço uma representação de uma figura sobreposta das variações de rosa e azul.

Imagem 11 - Desenho. Jogo visual.



Fonte: acervo pessoal

As cores, os elementos visuais presentes e as discussões nas imagens nascem a partir das vivências em sala de aula. Refletem sobre vários pilares, dentre eles um discurso que tornou-se um *slogan* da violência de gênero: “meninas vestem rosa e meninos vestem azul”. Esse, por sua vez, foi empregado pela ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2019 - 2022), Damares Regina Alves, mulher, branca e evangélica. Arguida defensora da “moral e bons costumes”³.

Sabemos que os discursos sobre as cores não foram temas elaborados pela bancada evangélica e/ou muitos menos por um determinado grupo. No entanto, essa narrativa é reforçada como um elemento a mais para o binarismo entre “homem” e “mulher”. Desse modo, é importante que o ensino de Artes Visuais seja elaborado para ampliar o pensamento da/o estudante sobre si e sobre suas identidades, fugindo da logística cartesiana de ensino e pensando em possíveis metodologias e práticas artísticas das bixas pretas e em uma educação transpassada pelas discussões contemporâneas.

³ No Brasil, em 2018, a extrema-direita liderada pelo então presidente da República Federativa do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, ocupou o poder entre janeiro de 2019 e janeiro de 2023, trazendo consigo discursos violentos, preconceituosos e altamente religiosos (com destaque para a fé evangélica). Nesse período, a advogada e pastora evangélica Damares Alves ganhou destaque pelos seus discursos ridículos, propostas vazias sobre as questões de gênero e sexualidade, e falas contundentes contra a legalização do aborto e contra os direitos de pessoas LGBTQIA+. No ano de 2023, ela foi eleita senadora da República Federativa do Brasil pelo partido Republicanos.

Venho estudando o assunto desde 2014, época que me tornei bolsista de iniciação científica. Participei da bolsa *Ensino das Artes Visuais e escola sem homofobia* (2015 a 2017) e da bolsa *Gay power: utopias pedagógicas na América Latina* (2018 a 2019), ambas desenvolvidas no Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos - GPEACC/CNPq. Essas experiências possibilitaram um aprofundamento em questões importantes para meu crescimento profissional e pessoal.

A convivência com os demais pesquisadores/as e estudantes, que compõem o grupo de pesquisa, propiciou um vasto mergulho sobre as práticas artísticas de artistas dissidentes sexuais e/ou de gênero e o ensino das artes visuais e seus processos de ensino/aprendizagem. É importante apontar essa trajetória, pois foi nesse momento que comecei a criar interesse nos estudos de gênero e sexualidade. Após esse momento, no período final da graduação, comecei a pesquisar sobre as produções artísticas de *gays pretos*, buscando fazer uma intersecção entre sexualidade e raça.

Para algumas pesquisadoras e pesquisadores, as questões de interseccionalidade discutem raça, gênero e sexualidade de maneira integrada. Como aponta Patrícia Hill Collins (2021, p.17): “a saber, que, em determinada sociedade, em determinado período, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes”.

Ainda quando penso no conceito de interseccionalidade, converso com Carla Akotirene (2020), Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017) e Kimberlé Crenshaw (1981). Pesquisadoras que

compõem arcabouço teórico das publicações mais recentes que venho desenvolvendo, dentre elas: “Performatividades de gênero e sexualidade em produções audiovisuais” (Gomes; Borre, 2021), “Cadê as bixas pretas nas salas de aula? Cultura visual, ensino de Artes Visuais e possíveis contribuições pedagógicas” (Gomes; Borre, 2021) e “Baltrop e Holder, apartamentos e redescobertas: contribuições para a arte/educação dissidente” (Sanderson; Jaco; Soares, 2021). Todos os textos foram desenvolvidos no ano de 2021. Nesses escritos pude juntamente com outros pesquisadores compreender como nossos corpos desviantes da heteronormatividade e da branquitude são exterminados, invisibilizados e impossibilitados de existir.

Para bixas pretas, “viado”, “baitolas”, “canecos”, foi, por vezes, ou quase sempre, imposto o silêncio, que a meu ver é uma tecnologia da colonialidade para manter alguns em seus lugares de prestígio. Em um dos artigos já enunciados, fiz uma pesquisa sobre as relações entre sexualidade, raça e performatividade de gênero em produções cinematográficas/audiovisuais, na qual cheguei à conclusão de que nossas existências dissidentes/diaspóricas são como bombas nucleares sobre a heteronormatividade, pois quando uma bixa assume um lugar de destaque há o fracasso, mesmo que momentâneo, da norma sexual e racial que opera na sociedade. Minar as bases estruturantes da colonialidade é minha tarefa, dando continuidade ao movimento iniciado por minhas ancestrais, pois sei que estou em uma luta que iniciou-se antes mesmo de nascer. Agora, como professor, outros desafios me arrolam no meu percurso, visto que, atualmente, sou eu quem está na linha de frente das relações em sala de aula.

Na infância as referências dissidentes foram escassas, mas com os avanços dos últimos anos, tivemos uma explosão de bixas pretas, mulheres trans e travestis ocupando lugares de destaque na mídia e nos espaços que antes só eram habitados por homens, cis e brancos. Uma de minhas referências é Madame Satã, que fez do Rio de Janeiro um palco para sua exuberância e ativismo. No início do século XX, essa figura emblemática deu início ao que vamos chamar aqui de ativismo dissidente sexual e de gênero. Na vida boêmia do Rio de Janeiro, Madame Satã protagonizou uma vida entre os palcos e as prisões, tendo 17 irmãos e vindo de uma família empobrecida, segundo as várias histórias apresentadas em *sites*. Madame Satã cometia alguns delitos para sua sobrevivência. Recentemente, foi produzido um filme homenageando esse ícone, no qual o ator Lázaro Ramos interpretou Madame Satã. Ela era vista como infratora pelas autoridades da época, no entanto, as brigas que ela protagonizou com os policiais davam-se por compreender que a forma pela qual ela era abordada estava imersa na desumanização de sua existência.

Madame Satã é uma de minhas referências, com ela aprendi sobre a violência policial. O mesmo tipo de violência que vejo alguns de meus estudantes passarem na atualidade. Segundo estatísticas recentes, o tratamento policial em relação a pessoas pretas é completamente diferente da abordagem feita a pessoas brancas, nessas situações, as pessoas pretas sempre foram vistas como criminosas. Uma pesquisa desenvolvida pelo Data Labe aponta que: “85% dos abordados pela polícia são negros e 55% são homens”. Ainda sobre esse tema, em uma reportagem, Eloah Mota e Edilana Damasceno entrevistaram a advogada Priscila

Pâmela. Nessa entrevista, cedida ao laboratório de dados e narrativas na favela da Maré, Priscila Pâmela (2021) fala que:

Alguns são os problemas que envolvem as abordagens policiais. Um deles é a falta de procedimento, é a falta de protocolos oficiais que conduzam as motivações da abordagem. Então, a nossa abordagem acaba sendo muito subjetiva. Nós não temos critérios objetivos ali pautados em determinações, em protocolos, para realização da abordagem. Na medida em que você permite que o subjetivismo da pessoa a abordar seja o fator principal para que as abordagens aconteçam, ele vem carregado de diversos preconceitos, de diversas discriminações e tudo que aquela pessoa tem para si como um valor. (Pâmela, 2021)

Está explícito na entrevista que corpos racializados são os alvos da polícia, não são casos isolados. Podemos fazer uma lista interminável de violência policial, basta ligar a televisão todos os dias que recebemos a notícia da truculência policial, é bastante rotineiro ouvir “chacina do Jacarezinho”, que, na verdade, foi um extermínio da população periférica e preta dessa região periférica da cidade do Rio de Janeiro. Outra notícia bastante divulgada nas redes sociais foi a execução de George Floyd, asfixiado até a morte por um policial branco. A violência policial encontrou nos corpos pretos o alvo, pois não existe “bala perdida”, essa tal bala sempre encontra o corpo preto.

Trazer essas notícias é importante, pois percebo que é crucial denunciar a violência policial projetada sobre nossos corpos pretos, e é significativo apontar que essa perspectiva é naturalizada em virtude dessa visão ser estrutural na nossa sociedade, uma vez que a sociedade ainda permanece erguida sobre uma base racista. Além disso, são notícias que permeiam minhas produções artísticas e as discussões em minhas salas de aula, ocasionando muitos embates e questionamentos interessantes. A desumanização dos/as sujeitos/as pretos/as começou há muito tempo, milhares ou até mesmo milhões de homens e mulheres de vários países africanos foram arrancados de seus lugares de origem, obrigados a servirem e serem explorados sexualmente. Pensando nessas questões, organizei com as/os estudantes algumas ações educativas na escola, trazendo à tona assuntos que geralmente ficam escondidos e/ou ocultados nas salas de aula.

Imagem 12 - Cartaz. Ação instalativa dos alunos do 7º ano, 2022.



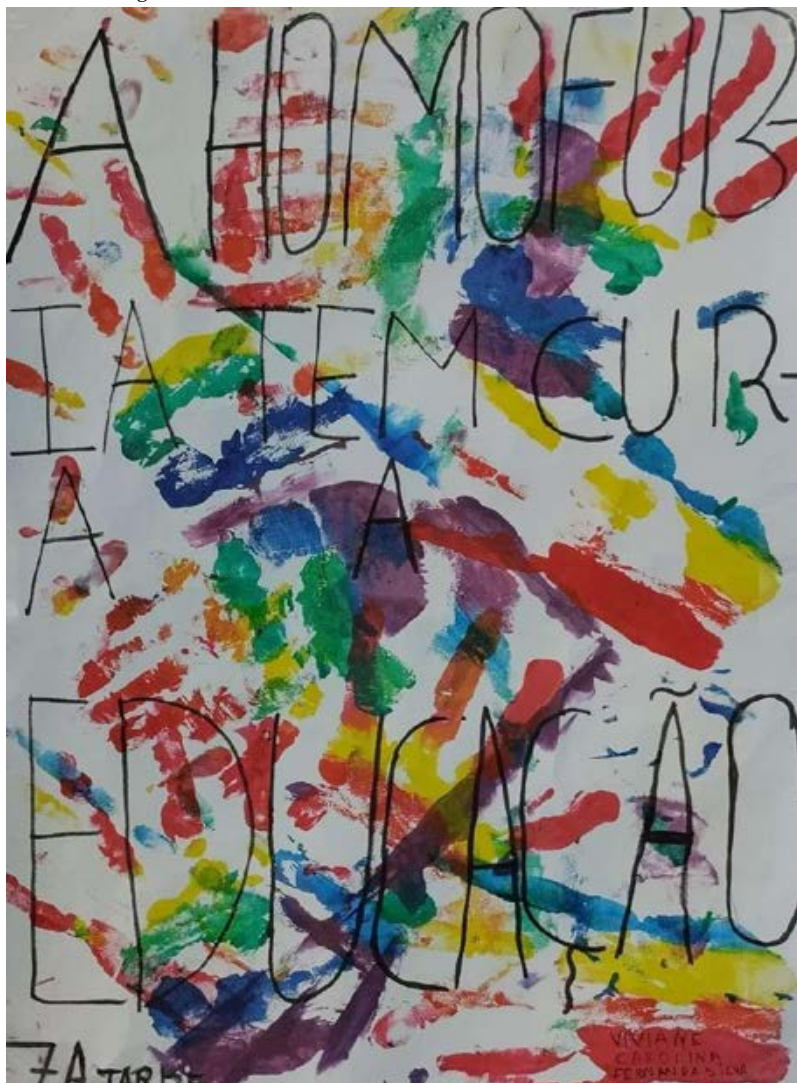
Fonte: acervo pessoal

Imagem 13 - Cartaz. Ação instalativa dos alunos do 7º ano.



Fonte: acervo pessoal

Imagem 14 - Cartaz. Ação instalativa dos alunos do 7º ano, 2022.



Fonte: acervo pessoal

“SOU VIADO, ALGUM PROBLEMA?” ENSINO DAS ARTES VISUAIS E DISSIDÊNCIA INTERSECCIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

*“Eu desmunheco na hora que eu quero.
Desmunheco na sala dos professores, dou pinta,
subo em cima da mesa, faço show de gogoboy”.*
(França, 2016, p. 428)

Desmunhecando epistemologicamente, abandonando os medos, afirmando a minha própria existência. São metodologias de vida que encontro nas epígrafes acima. Além das epígrafes, faço uma apropriação do texto/poema, *me gritaram negra*, de Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra (1922 - 2014). O poema narra a vivência que a cantora/escritora teve com o racismo. Me marcou a seguinte passagem: “tinha sete anos apenas, apenas sete anos [...] de repente umas vozes na rua me gritaram negra!”. Esse fragmento me faz lembrar das vastas violências que enfrentei na infância, e agora, na vida adulta enquanto professor bixa preta. Ser uma pessoa negra não é uma tarefa fácil, imagine carregar dois marcadores sociais da diferença? Ser bixa preta sempre foi como andar em um campo minado onde deveria trilhar com muito cuidado. “Me gritaram negro”, me gritaram “bixa”, me gritaram “viado”, “caneco”, “baitola”, “pretinho”, “negona”, me gritaram “bixa preta”, me chamaram de tudo. Foram anos de violência psicológica e de medo.

Na aula do dia 25 de abril de 2023, um aluno falou: “Professor, os alunos do 9º C te chamam de *tchola*”⁴. Chorei e não foi por ouvir esse comentário, mas por perceber que as violências estão latentes no chão da sala de aula. Reflito após cada comentário que escuto, a cada olhar torto ou gesto que fazem quando estou falando algo - não estou livre das piadas e gozações. Outro dia, falei para um aluno: “às vezes dá vontade de desistir”.

Quando paro e imagino tudo que enfrentei e guardei nos anos em que estive na educação básica, as piadas e risos, as guerras que precisei traçar comigo e com os outros, as vezes que falei: “professor, o Renê me chamou de viado”, ou de frases como, “é, não quis ficar com a menina, pois é um viadinho”, lembro com muito amargor. Dá um nó na garganta, as mãos congelam e as lágrimas ousam cair pelos traços negros de meu rosto. A partir disso, e com as vivências, desenvolvi uma produção visual que apresenta as várias palavras que me foram ditas ou que rodearam meu corpo enquanto docente (Imagem 15). Comecei a perceber que eu tinha algo muito importante a ser dito, havia no meu corpo marcas expostas que precisavam de visitas.

⁴ Palavra pejorativa utilizada para difamar ou praticar discriminação contra homossexuais.

Imagem 15 - Desenho. Hoje é aula do viadinho, 2023.



Fonte: acervo pessoal

Quando comecei a ler o livro *“O diabo em forma de gente: (re) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação”*, de Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017), passei a querer colocar para fora tudo aquilo que me afogava. Foi então que decidi, durante o período da graduação, pesquisar sobre o meu fazer artístico, sobre meu corpo, sobre os percursos que estava/estou trilhando. “Eu vivo uma vida clandestina”, viver em meio ao caos das incertezas, será que voltarei viva? Será que estou sendo vigiado pelo sistema? Quais serão minhas rotas de fuga? Às vezes, olho para a janela da sala de aula e me pego refletindo sobre muitas coisas, sobre o aluno que fui e o professor que me tornei, sobre ser professor em uma zona de perigo. Todavia, a experiência em sala de aula, a minha vivência e as trocas me oportunizaram saborear momentos bons e ruins. Assim, a sala de aula me ofertou momentos de: “professor, você é foda”, e até mesmo: “hoje é aula do viadinho”, ambos os comentários fazem-me pensar que estamos em um momento crucial na/para educação em artes visuais, uma vez que é possível criar em sala um campo de reflexão por meio de uma educação pelas/por imagens.

Para além das questões de gênero, sexualidade e raça, convivo com a violência urbana, pois trabalho em escolas dominadas pelo crime organizado. Percebo ao andar nas ruas próximas às escolas que meu corpo, meu jeito bixa de ser gera curiosidade, estranhamento. Fico lembrando dos conteúdos que venho trabalhando em sala de aula, um deles é a guerra civil espanhola (1956 - 1959), estava pesquisando sobre um trabalho de Pablo Picasso, que tem como nome *Guernica* (1856), uma pintura que retrata a violência de guerra em um vilarejo da Espanha. Atual-

mente, busco fazer comparações com a realidade que vivo: escolas cercadas por facções e pelo medo, ter que sair correndo das escolas para pegar o ônibus para não ficar até tarde no bairro. Somado a tudo isso, temos que nos aperfeiçoar a todo momento para saber administrar as salas de aulas superlotadas e os resquícios da pandemia de covid-19.

Sou, muitas vezes, chamado de “tia”, no feminino. Não sei se isso é algo para comemorar ou para refletir, pois sabemos que muitos homossexuais são chamados no feminino de forma pejorativa, visto que o ser mulher pode ser tido como algo menor. Nessa linha de raciocínio, Josimare Francisco dos Santos diz que: “a inferioridade feminina está baseada no conceito de que a mulher é fraca, submissa, passiva; avessa ao homem, forte, viril, racional” (Santos, 2010, p. 01). Nesse sentido, as mulheres, no decorrer da história, enfrentaram vários percalços, uma vez que, na visão do machismo e da misoginia, ser mulher é estar em uma posição de subserviência. Fui educado a acreditar que a mulher veio das costelas de Adão, uma visão machista construída pelo cristianismo.

No dia 27 de outubro de 2021, fui convocado para ser professor temporário da disciplina Artes/Literatura no município de Fortaleza/CE. Nesse período, comecei a perceber que meu corpo era visto como algo anormal, como bem apresentam os pesquisadores dos estudos *queer*. Olhares me rodeavam, era visível que minha presença era tida como diferente, talvez pelo meu estilo, meu jeito de andar ou qualquer outra característica. As primeiras semanas foram amedrontadoras, pois ouvi vários comentários sobre as escolas, as/os estudantes e sobre situações que ocorreram com professores.

Ser o único professor de Artes Visuais assumidamente bixa preta não é uma tarefa fácil. Nos últimos oito anos, venho trilhando um caminho como professor/artista/pesquisador e pude vivenciar situações que corroboram para me perceber enquanto bixa, principalmente, enquanto uma bixa preta. Passado esse breve relato, deixo explícito que vamos falar sobre mim, sobre um jovem que ousou sair da sua zona de conforto para desbravar o mundo “Fortaleza”. Não tenho interesse que este escrito seja um manual, uma cartinha ou muito menos um livro que vá parar em uma estante fria de uma biblioteca central de uma universidade. Quero te contar uma coisa, por muito tempo tive medo de escrever. Durante uns sete anos de minha vida, pensei em desistir de tudo, porém, olhei para o que vivi e acabei refletindo que as vivências que tive foram cruciais no meu desenvolvimento.

Busco uma escrita de si (escrita de mim) ou como Conceição Evaristo chama: “escrevivência”. Mergulho em algumas memórias de uma época outrora. Fui criado no Sítio, zona periférica da cidade do Crato - CE, confesso que odiava quando falavam que eu morava no Morro da Coruja. Sempre estudei em escola pública, pois meus pais não tinham condições de pagar uma escola particular. Para além dessas questões de classe social, é importante apontar que venho de uma família de cor. Minha mãe, 19 anos mais nova que meu pai, passou por várias situações vexatórias ao ir à casa de meus avós paternos, por ser uma mulher negra. Dialogo com o pensamento de Gloria Anzaldúa (2019, p. 232) quando ela diz que seus escritos são: “para reescrever as histórias mal escritas sobre mim”, desse modo, busco através desta pesquisa reescrever minha história.

Para nós, bixas pretas, tudo que nos é apresentado é solidão, impossibilidade e o medo, são histórias criadas como uma peça teatral na qual eu não sou o criador, sou apenas o ator, que precisa a todo custo aprender as falas. Isso é uma analogia à vida que tive que atuar, na qual o papel principal era o meu. Este texto é uma poesia a qual sempre quis professar. Este tópico surge a partir de muitas inquietações. Pensar em descolonizar é voltar às origens, mesmo que a memória ouse falhar. Aqui, é um diário, ou melhor dizendo, este trabalho é um álbum de memórias (des)arquivadas. Fui educado a esconder minha sexualidade, na verdade, fui colonizado ao compreender minha sexualidade como um pecado mortal. Dizer a frase: “Ô, mãe! Eu gosto de um menino” era como levar um tiro. Por muito tempo fui obrigado a ficar em silêncio, calado, para não sofrer qualquer tipo de agressão. Assim, um dos pontos importantes para mim foi o silêncio, pois, esse foi um mecanismo/tecnologia/dispositivo que utilizei, ou melhor dizendo, o silêncio foi por muito tempo a minha única escolha/possibilidade.

Para Bruno Bimbi (2017, p. 27): “nenhum heterossexual pode entender o esforço mental que exige esconder o que se é”, esse processo é bastante doloroso, a heteronormatividade nos obrigou a permanecer em/no silêncio. Tal vivência está no cotidiano de muitas bixas pretas, como também nas vidas das demais dissidentes interseccionais. Quando era bem pequeno – criança viada, tive que usar do silêncio para não ser colocado contra a parede, o medo de apanhar de meus colegas e de meus pais era gigantesco e percorreu alguns anos da minha vida. Para uma criança bixa, ouvir dos pais: “prefiro um filho morto que um viado”, “tem que matar mes-

mo esses viados”, “não aceito esse tipo de gente na minha casa” ou “um viado não merece nem um copo de água” é como habitar um campo minado, o qual pode explodir a qualquer momento.

Essas memórias podem ser entrelaçadas às que chegaram no chão da minha sala de aula quando um aluno falou: “professor, minha mãe já me ameaçou, disse que prefere um filho morto ao invés de um filho viado”. Essas memórias e esses diálogos eclodem lembranças que quero esquecer, também rememoram outra passagem do texto de Bimbi (2017), quando ele aponta que: “de todas as coisas da vida que proíbem aos *gays*, a adolescência é a mais injusta” (Bimbi, 2017, p. 12). Concordo com o autor, no entanto, acrescento que para as bixas pretas, a infância e a vida adulta também nos são proibidas. Somos obrigadas a viver/permanecer em um duplo armário, o racismo e a homofobia são usados como reguladores de nossas existências, e é importante dizer que ambos andam de mãos dadas na vida de bixas pretas, desde a educação básica até a educação superior.

“Homem tem que fazer coisa de homem”, essa frase era bastante presente na minha casa. Outra que ficou gravada na minha memória foi: “isso é coisa de mulher”, meu pai sempre tinha isso em seu repertório machista e usava essas frases para (des)educarem e, com frequência, destacava que lavar os pratos, varrer a casa ou cozinhar eram atividades de mulher. Sei que esse pensamento era contaminado de machismo/misoginia por causa de sua visão sobre as mulheres, que foram criadas para serem subservientes aos homens.

Esse processo de regulação é uma forma de nos colocar em modelos pré-fabricados, como se estivéssemos em uma eterna linha de produção, não como criadores, mas sim, como objetos.

Silva e Paraíso me ajudam a compreender essa dinâmica, destacando que há um processo para regular nossas masculinidades e imprimir no nosso corpo: “um ideal relatório de normalidade, corrigindo-o e educando para atender às expectativas culturais de gênero discursivamente autorizadas” (Silva, Paraíso, 2020, p. 133). Um processo de apagamento, amedrontamento, o armário (Sedwick, 2007; Bimbi, 2017; Silva, Paraíso 2019; Rodrigues, Brasileiro, Filho, 2022).

Lendo o texto *Infâncias “queer” no currículo escolar e a criação de modos de vida transviados* (Silva, Paraíso, 2020) e observando o meu lugar de trabalho atual, percebo que o armário é um mecanismo bastante exitoso na sua proposta. Visto que, todos os anos, ele mantém seu lugar, servindo de depósito, reservatório, como Silva e Paraíso chamam “esconde-esconde”. Artigo essa contribuição dos pesquisadores enquanto observo um armário nas salas dos professores em uma das três escolas onde sou professor. O móvel é estático, porém cheio de memórias e marcas do tempo. Nesse processo de fixação das contribuições advindas da leitura, desenvolvo um esboço simples desse móvel, no entanto, acrescento outros elementos, como por exemplo a representação do sangue escorrendo pelas brechas e fissuras. Ao lado da representação gráfico-visual, escrevo um fragmento da leitura que estava fazendo no momento (Imagem 16). Para os dois pesquisadores, o “brincar de esconde-esconde” é um recurso necessário para a sobrevivência dentro do espaço escolar, e complementam dizendo que entramos e saímos dele até que tudo se coloque como seguro: “até que a poeira baixe e a polícia de gênero as deixem em paz” (Silva; Paraíso, 2020, p. 137).

Imagem 16 - Scanner da folha do caderno. 2023.



Fonte: acervo pessoal

Recorro a outras/os pesquisadoras/es para expor que a violência está no nosso cotidiano, segundo Wenderson Silva Oliveira (2022, p. 82) existem: “[...] de controle do corpo da bicha e do corpo preto”. Esse processo de ser bicha preta opera para muitas/os como um duplo armário (Sedwick, 2007). Entendo o armário como um desses dispositivos coercitivos, um dispositivo de controle de nossas subjetividades, espaço que, por vezes, é de acolhimento e de recolhimento.

Para Prado (2020), sair do armário (*coming out*) é uma etapa dolorosa e, para alguns, é cruel. Estamos expostos a todas as mazelas, homofobia e racismo, por exemplo. O armário enquanto dispositivo articula armadilhas, seja na ordem de assumir-se, seja na expulsão desse espaço. Outro ponto na vida das bixas pretas existe porque

o armário ganha uma dupla negação, o medo de serem massacradas pelo racismo e homofobia. Um duplo armário como um dispositivo de controle. Pensar isso é rever: “o jeito que como lidamos com a insistência da existência da criança preta viada é um analisador de nossas contemporâneas relações de colonização e descolonização” (Rodrigues; Brasileiro; Filho, 2022, p. 29). Mas o que seria isso na prática? Como isso pode ocorrer no cotidiano?

Como mencionei no parágrafo anterior, esse dispositivo coercitivo chega-me de duas formas, a primeira é como recolhimento, sendo um lugar de depósito. Aquele que deposita tudo onde escondemos ou somos escondidos, ele opera quando temos medo de sermos quem somos. Um exemplo é um artefato cultural que tive acesso antes mesmo de pensar esta pesquisa, em uma das cenas do filme *Moonlight: sob a luz do luar* (2016). Nos é apresentada a seguinte fala:

O que é bicha? Bicha é... a palavra que usam para fazer pessoas *gays* se sentirem mal. Eu sou uma bicha? (*Moonlight: Sob a Luz do Luar*, 2016)

Dessa forma, esse dispositivo coercitivo (o recolhimento) funciona, no qual somos obrigadas por medo a se esconder no armário. A segunda forma que vejo é o acolhimento, mesmo frio e solitário ele nos esquentava, nos sentimos protegidos (claro que essa é uma perspectiva ilusória). Nesse espaço, encontrava por muitas vezes o que me faltava, afeto e amor. Não tenho raiva do armário, pelo contrário, vejo nele um lugar de chegada, mas não de permanência.

Ao entrar em sala de aula, hoje, como professor, as memórias do armário voltam com fervor. Isso germina, pois observo que corpos possivelmente dissidentes estão habitando esse lugar. Cotidianamente, meninos e meninas estão existindo nessas condições. A negação é vivenciada por eles/as, percebo isso quando escuto de um aluno: “não, não sou viado”, esse, por sua vez, com medo das violências que pode vir a experimentar. Hoje, sei que essa foi uma pedagogia da sexualidade a qual aprendeu com seu pai, que sempre lhe ensinou que devemos ser machos ou “homem de verdade” (Miskolci, 2021). Tal passagem me faz lembrar do que Felipe de Baére, Valeska Zanello e Ana Carolina Romero (2015, p. 625) apontam: “ser homem é, nesse sentido, a interpelação a não ser uma ‘mulherzinha’, objetivo do qual será demandado a dar provas durante toda a sua vida, no convívio e no pertencimento à casa dos homens”.

Tive pouco contato com meu avô paterno, porém, traumatizante. Minha família era composta por feirantes, meu avô materno José Alexandre Soares era vendedor de frutas e legumes, Francisco Gomes e Elisa Gomes (avós paternos) eram vendedores de ovos e galinhas no Mercado Municipal do Crato. Eu e minha irmã Ana Kátia íamos com frequência ao mercado com nosso pai, sempre que chegávamos lá acontecia um certo tipo de ritual, eu era forçado a beber ovo cru para engrossar a voz. Outro processo muito violento que sempre éramos submetidos, com a intenção de minimizar nossos traços, dava-se quando nosso avô pegava nossos narizes e apertava-os com bastante força, segundo ele, aquele processo era para afiná-los. Hoje, percebi que esse processo era uma tentativa de reduzir os traços negroides que carre-

go por ser uma bixa preta. À época não tinha noção da violência que passávamos, infelizmente ou felizmente tínhamos pouco contato com eles. Tais atos de violência são/foram vivenciados por muitas outras bixas, sejam elas brancas ou pretas.

As práticas e pedagogias da violência são acompanhadas de um processo de crueldade, elas ocorrem na nossa casa, na rua, na escola, no ônibus. Quando nos dizem: “isso não é coisa de menino”, “veste essa roupa”, “muda esse teu jeito, isso é coisa de menino bixa”, enfrentamos um processo de desidentificação. Sempre tive a voz fina, esboçava uma feminilidade, ou melhor, uma viadagem, gostava de brincar com as meninas, de boneca e de pintar, ações e atividades que são construídas na sociedade como de meninas.

Tal passagem lembra-me uma descrição que Silva e Paraíso (2020) fazem de um estudante colaborador da pesquisa *Infâncias “queer” no currículo escolar e a criação de modos de vida transviados* (2020), quando este é descrito como aquele que: “gosta de provocar os/as colegas e professoras, rir alto, andar pelos corredores da escola como se estivesse desfilando em uma passarela de moda, usar maquiagem, anéis e pulseiras” (Silva, Paraíso, 2020, p. 132). A citação direta serve para costurar com várias memórias da minha época escolar e das vastas interações que venho tendo em sala de aula. Como professor, fui e sou, frequentemente, visto como performático, colorido e até mesmo com estilo.

Como educador nas escolas municipais de Fortaleza, senti os olhares famintos da dúvida, e até mesmo do nojo, que me cercaram. Às vezes, os olhares eram tão duradouros que eu pensava que estava em um processo de seleção para uma nova coleção de

alguma grife de moda. Uma vez perguntaram: “nossa, que jardineira linda, você comprou onde? Eu a achei bem bonita, é difícil ver homens vestindo esse tipo de roupa”. Para o qual respondi: “não comprei, eu peguei da minha mãe. Não ligo para o tipo de roupa, me caiu bem e decidi usar”.

Ser um menino com uma performatividade dita como de menina foi uma questão bastante apontada pelos meus pais, por muito tempo tive medo de ser “viado”, hoje em dia, tenho orgulho da bixa que me tornei. No ensino infantil (pré-escola) foi o primeiro lugar onde vivenciei a solidão como forma de defesa, apesar de ter alguns “amigos”. Estudei durante alguns anos da infância na Creche São Miguel, que funciona no mesmo complexo da Igreja São Miguel e Escola Padre Frederico Nierhoff, localizadas no município do Crato - CE. Foi nesse período que tive meu primeiro amor, um amor proibido. Lembro como se fosse hoje, era maravilhoso pedir à professora para ir ao banheiro só para passar em frente à sala dele. No entanto, na escola, esse sentimento entre pessoas do mesmo sexo-gênero era considerado um afronte, desonra, ou até mesmo, pecado.

Quem oferece amor a uma criança bixa preta ou dissidente? Questiono-me hoje sobre meu corpo, não que eu não o ame, confio e acredito nele. Uma criança “viada”! Tudo é tão novo, ao mesmo tempo é tão antigo, são lembranças como brisas, leves e passageiras, resquícios silenciosos de uma memória que teve que ser arquivada, mas não esquecida. Existem momentos na vida que algumas coisas não se definem apenas por palavras, basicamente vivemos em um profundo poço que às vezes pode estar cheio e outras vezes vazio.

Um corpo criança “viada” são memórias entrelaçadas com muitas dores, mesmo que silenciosas. Meu corpo já era estimulado pelo desejo do novo, da curiosidade e, principalmente, pelo proibido. Esse corpo registrado em fotografia, que está olhando para a frente, ainda não sabe as dores que vai sofrer, os medos que vai ter, o sangue que vai derramar e as pessoas que vai perder. Meu corpo preto e bixa com seus trejeitos, corpo bixa com uma performatividade de gênero contrária do ser macho. Sobrou apenas essa parte da fotografia. Em um processo de apagamento da memória, minha mãe recortou todas as nossas fotos do álbum de família, pois ela carregava traumas de uma relação tóxica com meu pai (Imagem 17).

Imagem 17 - Eu, bem bixa na infância.



Fonte: acervo pessoal

Nós lutamos muito para esconder coisas, sentimentos e motivações, nos colocamos em um completo isolamento por medo de sofrer. Vejo que as palavras, às vezes, não têm nenhum sentido ou que não são compreendidas em sua totalidade, tudo e todos são diferentes, cada um tem seus medos, amores e alegrias. Devemos viver tudo em sua completa essência, não colocar correntes em nós mesmos e nem nos prender a sentimentos de medo, temos que nos libertar a cada momento, pois quando nos libertamos encontramos nosso verdadeiro eu.

As realidades de muitas de nós se conectam quando entramos em choque umas com as outras, tornando revelado tudo o que não foi visto outrora, revelando os discursos mornos e guiados por uma única visão. Vamos aqui revelar o que vem sendo dito, redito e (trans)dito por nós, bixas pretas, pelas mulheres e pelas pessoas das periferias. Seja luta! Dizem. Luta seremos e somos. Seja forte! Forte seremos, a nossa arte resistirá e será a nova era cortando o ferro do cadeado, derretendo e solidificando. Vamos falar de nós! Produzir sobre nós! Combater os estudos heterocentrados é uma das minhas principais inquietações no meu fazer docente, nas pesquisas que venho elaborando, e nas produções artísticas em fotografia, desenho e pintura digital.

Imagem 18 - Sem título. Wellington Soares, 2022.



Fonte: acervo pessoal

EDUCAÇÃO DA CULTURA VISUAL E VISUALIDADES NA SALA DE AULA APROXIMAÇÕES COM O “PROVOQUE”

Imagem 19 - Registro da sala de aula. Wellington Soares, fotografia, 2021.



Fonte: acervo pessoal

Para começar nosso debate, gostaria de apontar que o estudo não busca descrever como se dá o processo ou construção histórica da educação da cultura visual. Interessa-me a relação entre imagem, sujeito e significados oportunizados nesse processo de relação. Para pensar a educação da cultura visual, dialoguei com alguns pesquisadores, tal como Lúcia de Fátima Padilha Cardoso (2010). Por meio de sua dissertação *“Cultura Visual e a Educação Através da Imagem”* (2010), passei a observar as imagens do meu cotidiano de outra forma, pois ela alertou que:

As imagens, entendidas como símbolos e narrativas visuais, que abordam a todo instante os sujeitos contemporâneos neste início de século,

promovem um cruzamento de significações e constroem conhecimentos, quando se lê ou se produz imagens. (Cardoso, 2010, p. 32)

As imagens do/no cotidiano escolar, as imagens que, segundo Luciana Borre, “invadem a sala de aula” são ricas de sentidos, articulam memórias e podem gerar rupturas no entendimento sobre várias questões. No decorrer da pesquisa, pude comprovar o que a pesquisadora apresenta ao falar que na escola há uma certa valorização de determinadas culturas ditas ou vistas como “superiores” (Borre, 2010). Gosto quando a professora e pesquisadora diz que há perspectivas distintas surgindo no campo das artes visuais sobre questões consideradas absolutas, como a expressa na citação a seguir:

As reflexões contemporâneas na área das artes visuais apontam para o declínio de certezas, para a legitimação de expressões culturais até então ocultadas e para a manipulação e reflexão das novas ferramentas tecnológicas. Buscam múltiplos olhares sociais e distintas interpretações sobre aquilo que, muitas vezes, não está explicitado. (Borre, 2010, p. 45)

Além disso, embora grande parte da história do ensino de artes visuais tenha sido guiada por um ponto de vista erudito ou pela exclusão de práticas artísticas de dissidentes, acredito que nos últimos anos temos avançado, mesmo que de forma lenta. A participação e entrada de professores dissidentes no sistema de

ensino das redes da educação básica tem gerado um novo momento para a arte/educação. Hoje, como professor, amplio o repertório visual de minhas educandas e educandos com imagens para além das produções artísticas de origem europeia e dos EUA, como também apresento práticas artísticas com temas da sexualidade e/ou de gênero. Quando penso nas imagens que entram e saem da aula, me pego imaginando no que elas contribuíram ou não para a consolidação de algumas narrativas dissidentes.

No entanto, antes de chegar até às imagens que circulam meu fazer docente, é importante trazer as imagens que colaboraram para a construção da minha identidade e me oportunizaram vivências na infância e na adolescência. Como uma boa criança viada, as imagens midiáticas e de entretenimento sempre me conquistaram. Amava assistir às novelas e desenhos infantis no antigo programa da Globo “TV Globinho”, como por exemplo, os desenhos “Luluzinha”, “Kim Possible”, “O Pequeno Urso” e “As três espiãs demais”. Essas produções atravessaram a minha infância, pois, às vezes, me sentia na própria personagem. Assim, entendo que:

a mídia, assim como outras instâncias, tem desempenhado um papel pedagógico cultural, atuando como um meio de produção e divulgação de discursos acerca da sexualidade adolescente, ao abordar essas temáticas – corpos, gêneros e sexualidades – como problemas de saúde sexual e reprodutiva, tratando-as a partir dos discursos médico e biológico sobre o funcionamento do corpo e das doenças para

prescrever um autocuidado e, através dele, controlar o corpo e a sexualidade. (Silva; Ribeiro, 2011, p. 525)

Decido trazer o pensamento de Silva e Ribeiro (2011) porque compreendo que alguns artefatos culturais foram fundamentais para a minha compreensão acerca de minhas vivências enquanto artista e professor. Vejo que alguns artefatos sempre estiveram presentes na minha rotina, como também na vida de meus educandos, desde os desenhos até as novelas e/ou programas de televisão. Destaco para meus educandos que a televisão e a Internet são constantes veículos de transmissão de informações. Como o novo filme da Cinderela, no qual a fada madrinha é uma personagem bixa, constitui visualidades? Esse artefato desvela possibilidades outras de existência e de reconhecimento? Nesse sentido, estamos mergulhados em um oceano de imagens e discursos visuais, mas quais imagens contribuem ou não na construção de masculinidades e feminilidades? Geralmente, escuto que: “é viado porque viu algo na televisão”, “as mídias incentivam a se tornar homossexuais”. Afinal, de onde vem isso?

Jorge Lafond, conhecida como “Vera Verão”, é uma das referências que utilizo para pensar as dissidências interseccionais, sua *performance* e performatividade me auxilia no entendimento de que as dissidências interseccionais têm ganhado um espaço nas mídias, mesmo que de forma estereotipada. Lafond aparece na televisão de forma irreverente, coisa que até então não era vista em rede nacional. Um corpo dissidente interseccional entrando em milhares ou até milhões de casas foi uma cena nova, que até

então não era tão presente nas redes de televisão.

Lafond surge como uma referência para muitos que não se viam nas redes de televisão, tal compreensão nasce, visto que as empresas televisivas tinham foco para algumas demandas das camadas brancas e ricas da população brasileira. Assistir às *performances* de Jorge Lafond foi umas das coisas mais interessantes que vi na televisão, não só isso, pois também amava assistir aos desenhos animados. Na minha infância, a única fonte de acesso às informações era a televisão, já que venho de uma família de baixa renda e usuária de programas de auxílio do governo, não tinha poder aquisitivo para comprar celular ou computador. Foi nesse mesmo período que tive os primeiros contatos com pessoas as quais, hoje, vejo como dissidentes interseccionais. Desde bem pequena, já apresentava uma performatividade não condizente com a de ser “homem”, o “homem de verdade” (Miskolci, 2021).

Assim como Jorge Lafond, outras referências me ajudaram a compreender sobre a convivência dissidente interseccional, principalmente a vivência da bixa preta. Com frequência, os alunos trazem um dissidente interseccional, destacando que ele é minha cara. É notável que eles dizem isso porque Ítalo Santos⁵ é uma pessoa com uma performatividade bastante estereotipada - a bixa animada.

Dentre essas, algumas estão ligadas aos artefatos da cultura de massa (indústria cultural). O programa *Big Brother* Brasil - BBB, desde o BBB 21, trouxe sujeitos que fazem parte das dissidências interseccionais, o primeiro que podemos apontar foi João

⁵ Influenciador digital conhecido por vídeos destinados a adolescentes.

Não podemos esquecer que existem os problemas de classes sociais, gordofobia ou sorofobia, porém esses campos de debate não são o foco da pesquisa, visto que não podemos abarcar todas as discussões agenciadas por nós, que sofremos a violência da sociedade transfóbica, gordofóbica, sexista e por aí vai. Bixarte, cantora, compositora, travesti e negra, nos apresenta a música “Faces”, uma composição sua e de *Big Jesi*. Tal música nos mostra como somos vistas, lidas e alvejadas pela violência. Desse modo, destaco as seguintes estrofes:

112

Faces que estão acostumadas
a sempre ser baleadas.
(Bixarte, 2019)

No ano de 2021, começo juntamente com Luciana Borre, minha orientadora, a pensar sobre os artefatos culturais (produções audiovisuais) e possíveis mediações culturais. Desenvolvemos o artigo “Cadê as bixas pretas nas salas de aula? Cultura visual, ensino de artes visuais e possíveis contribuições pedagógicas” (2021). Nesse texto, refletimos sobre as produções audiovisuais e os estereótipos culturais criados sobre nós, que somos bixas pretas, analisamos de modo a entender que somos identidades múltiplas, ainda que partindo de uma mesma dissidência. Foi daí que surgiu o aprofundamento do termo dissidência interseccional, que é a junção - ou integração - de alguns marcadores sociais da diferença, tais como gênero, sexualidades, raça e etnia. Pensar esses marcadores em conjunto fez sentido não somente para este estudo, mas para refletir sobre o meu cotidiano.

Assim, a dissidência interseccional é um conceito que reflete sobre sujeitos/as que se colocam no mundo como pertencentes a dois ou mais grupos sociais da diferença. Exemplos dessa aglutinação: um sujeito negro e homossexual ou uma mulher transexual negra e lésbica. Para pensar nisso, recorro a outros/as autores/as que elaboram e articulam o que seria a dissidência em si. Mas como saber o que é uma pessoa dissidente? Segundo Lucas Silva Dantas (2021), na sua pesquisa de mestrado, que tem como título “Dissidência, resistência e transgressão no espaço escolar: vozes trans, negras, indígenas e de pessoas com deficiência na encruzilhada epistêmica” (2021), corpos dissidentes são:

todos aqueles atravessados pela opressão, pelo preconceito, pela discriminação, pela marginalidade, pela subalternidade e pela desumanização em sociedade. São corpos postos à margem, patologizados como anormais e que apesar de toda a opressão e da ameaça que significa ser diferente nesta sociedade, ainda assim, expressam a dissidência à ordem estabelecida. (Dantas, 2021, p. 25)

Depois que chego a essa descrição, passo a refletir de forma mais constante sobre os corpos dissidentes que carregam dois ou mais demarcadores sociais da diferença. Pensando sobre corpos que não são considerados corpos, sujeitos que não são vistos como humanos. Reforço mais uma vez que um corpo dissidente interseccional é aquele que é visto por várias óticas da violência. Um exemplo é a bixa preta, que sofre tanto pela violência homofóbica quanto pelo racismo, sendo “preciso juntar forças para acabar com esses mecanismos criados pelo racismo, pelo machismo e pela LGBTQIA+fobia. Desse modo, defendemos que é crucial juntar todas as subalternidades” (Santana; Gomes, 2022, p. 165).

Baseando-me nesse entendimento, acredito que o passo a seguir é articular essas intersecções/ demarcadores com o meu fazer docente, atrelado aos processos e vivências arrolados no meu cotidiano estético-educativo. Mas como fazer isso na prática? Como pensar isso no chão da sala de aula? O que as imagens da arte dizem e constroem? Quais debates podem habitar o ambien-

te educacional? Quais discursos são tratados nas aulas de Artes? Quem define quais são os conteúdos que devem ser levados para as salas de aula de Artes? Há contribuições da arte no ensino de Artes na educação básica?

Nesse processo de pensar as imagens, sejam elas em movimento ou estáticas, da publicidade ou de entretenimento, construíram propostas pedagógicas. Esses processos, caminhos e voltas estão constantemente na minha sala de aula, por meio dos debates, imagens/mídias, conversas e piadas. A docência requer molejo, pede vontade e, principalmente, ousadia. Ser bixa em sala de aula não é tão fácil como pensei, pois existem negociações e trocas que precisam ser mediadas.

Sou professor em três escolas, em lugares diferentes de Fortaleza, e com características territoriais diversas. Ao pensar o meu fazer docente e a minha corporeidade em contato com meus educandos, tentei levar essas perguntas para o chão da sala, pensando de que forma trabalharia imagens da arte que me permitissem gerar nos educandos debates sobre as questões de identidade de cada um, usando das mais variadas formas e materiais, tal como o próprio livro didático disponível na escola. Também estive observando as/os estudantes, vendo suas performatividades e demais elementos constitutivos de suas identidades. Logo reparei nos utensílios levados por cada um (cadernos, canetas, mochilas e bolsas de lápis, garrafas de água, canetas e roupas) e, desse modo, percebi que cada estudante tinha uma forma de se vestir e se comportar.

No ano de 2022, fui professor de 24 turmas, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Isso possibilitou observar de forma ampla cada série e perceber que em cada nível teria que fazer uma

curadoria de imagens e conteúdos diferenciados. No 6º ano, por exemplo, as imagens e debates levados tiveram que ser mais superficiais, visto que os alunos tinham repertório imagético limitado e pouco conhecimento adquirido sobre Artes Visuais. Tal ponto foi percebido após a atividade diagnóstica, realizada nas primeiras semanas do ano em questão.

No começo da minha trajetória de observação, percebi que a disciplina de Artes era apenas um passatempo, ou até mesmo, aula vaga, o que me fez refletir sobre como aconteceram os primeiros contatos dos estudantes com as artes na educação. Foi, de certo modo, corriqueiro ouvir: “não, a aula de artes não reprova”, “não gosto da aula de artes”, ou até mesmo, “só tive aula de artes agora, antes a professora passava redação”. Esses comentários me fizeram observar e chegar à conclusão, que na verdade, não seria a aula de artes chata, pois eles não tinham contato com as artes, tinham somente uma complementação da disciplina de Língua Portuguesa.

COMEÇANDO A OLHAR:
O QUE VEJO E COMO VEJO?

Decidi iniciar no 6º ano com a linguagem do desenho, tanto por questão da facilidade e familiaridade quanto pelo baixo custo. Nos 7º anos, escolhi as histórias em quadrinhos, visto que o desenho já havia sido experimentado pelo grupo no ano anterior. Os dias foram passando e comecei a solicitar atividades de desenho livre (Imagens 20 a 22), história em quadrinhos e processos pictóricos, tais atividades me permitiram, na época, analisar um pouco sobre os níveis de compreensão dos estudantes sobre os elementos visuais básicos, noções de composição e de organização de ideias. Apesar de não ficarem nas discussões das dissidências interseccionais, esses assuntos foram emergindo nas produções delas/es.

Imagem 20 - Desenho produzido por estudante do 6º ano, 2021.



Fonte: acervo pessoal

Imagem 21 - Desenho produzido por estudante do 6º ano, 2021.



Fonte: acervo pessoal

Imagem 22 - Desenho produzido por estudante do 6º ano, 2021.



Fonte: acervo pessoal

Pensar a dissidência interseccional atrelada ao processo pedagógico em Artes Visuais requer discernimento, consciência estético-pedagógica e, principalmente, uma curadoria educativa-visual. Por isso, mesmo sabendo de minha condição enquanto professor em início de carreira e com várias questões para aprender sobre a docência, procurei considerar as experiências prévias dos estudantes e as visualidades que circulavam nos grupos.

Durante a atividade de desenho aconteceu uma breve e instigante conversa entre dois alunos: “ser ou não ser viado, eis a questão!”. Logo, um deles rebateu: “eu não sou viado”. Rapidamente os dois afirmaram: “eu também não”, olharam para mim e complementaram: “professor, nada contra você!”. Tal diálogo na sala de aula foi fundamental para que eu pudesse organizar minhas aulas, fazer as curadorias educacionais de imagens e de conteúdo. Destaco o trabalho de artistas negras e negros, como Renata Felinto, Priscila Rezende, Maria Macêdo e Rafael Bqueer. Um exemplo de uma obra representativa da dissidência e interseccionalidade é a da imagem 23, de Rafael Bqueer. Desde o primeiro dia que me apresentei como bixa preta, essa conversa causou um abalo em mim, me deixou instigado a observar cada vez mais os diálogos informais entre eles.

Imagem 23 – “Alice e o chá através do espelho”. Lixão do Aurá, Belém/PA, 2014.



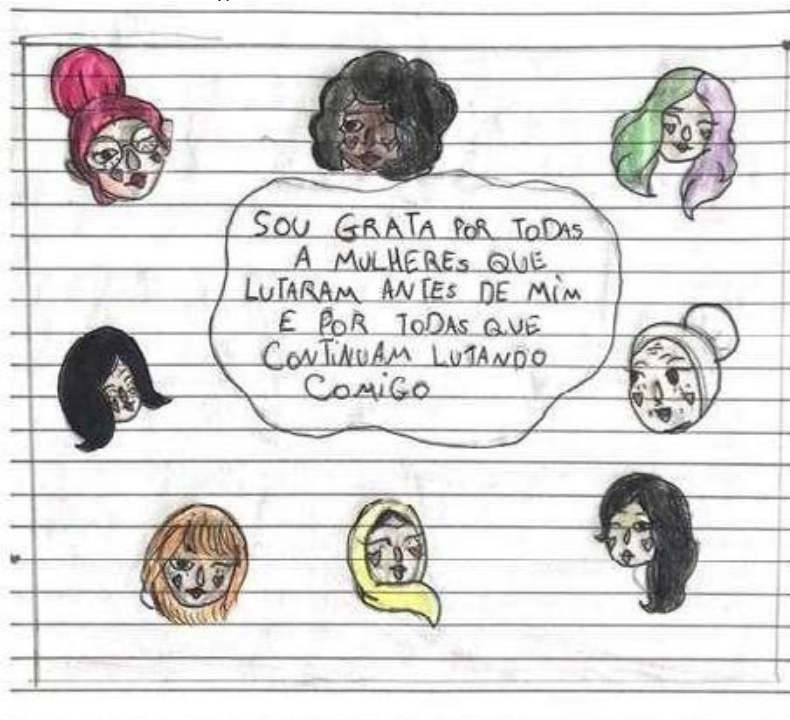
Registro: Paulo Evander Castro.

Fonte: <https://cargocollective.com/rafaelbqueer/Alice-e-o-cha-atraves-do-espelho>

Comecei a solicitar desenhos aos alunos sobre questões importantes para eles. Nesse momento, uma aluna fez um desenho com a representação de várias mulheres. Segundo ela, o desenho representava a diversidade de mulheres que existe no Brasil. Confesso que fiquei bastante feliz ao ouvir a estudante apresentando sua produção imagética e, principalmente, quando ela disse que se via como uma “feminista”. Em seus desenhos e falas é possível perceber que a educanda produz imagens abordando questões ligadas ao “feminismo” (Imagem 24). No desenho, a estudante faz a representação de oito “mulheres” e introduz no centro a seguinte frase: “sou grata por todas as mulheres que lutaram antes de mim e por todas que continuam

lutando comigo”. Tal imagem e seus sentidos fizeram-me perceber que o caminho ao qual devo seguir enquanto educador precisa ser mediado pela dissidência interseccional.

Imagem 24 - Desenho de aulinha. 6º ano, 2022.



Fonte: acervo pessoal

A mesma estudante, em outro momento, me falou que estava namorando um colega de classe transgênero. Senti uma identificação mútua e uma satisfação pela confiança depositada. Relações como essa me fazem sentir que estou no caminho certo, que há possibilidade de mudar a educação por meio da arte e, nesse momento, olhar com mais atenção para minha prática docente, de modo que cada aluno tenha a liberdade para falar, desenhar e produzir artisticamente sobre as suas inquietações. Esse ponto e suas reverberações fizeram-me lembrar das contribuições de Luciana Borre, em que destaca:

Diante disso, questionar as artes visuais nas escolas é algo essencial para a ressignificação de novos olhares sociais. E também, para que questões presentes no cotidiano dos alunos, como raça, etnia, gênero e sexualidade, estejam nos focos dos planejamentos e das discussões em sala de aula, procurando desvelar as práticas e estratégias discursivas vinculadas às manifestações da cultura visual. (Borre, 2010, p. 47)

Tal afirmação comunga com a do professor e pesquisador Fábio José Rodrigues da Costa, que dizia durante suas aulas: “se gênero, sexualidade estão em sala de aula, por que as imagens da arte que falam sobre isso não estão?”

Imagem 25 - Fotografia da capa do livro, 2023.



Fonte: acervo pessoal

A imagem pode parecer apenas a capa de um livro qualquer, porém, trata-se de um romance homoafetivo, o livro é de uma aluna do 7º ano de uma das escolas onde sou professor temporário. É notável que os artefatos culturais estão adentrando cada vez mais os espaços escolares, e não seria diferente dentro das aulas de artes. Ao observar o livro e perceber que na capa tinha uma representação de duas figuras masculinas, fui até a estudante para perguntar sobre o conteúdo. Nesse momento, entendi que a publicação era um romance *gay* e perguntei se ela assistia aos dorama. Ela disse que não, mas me perguntou se eu havia assistido uma série da Netflix chamada *Heartstopper* (2022), esta, por sua vez, contava o romance homoafetivo entre os estudantes. Logo, em seguida, ela disse que tinha os livros que foram referência para a produção audiovisual. Confesso que achei bastante interessante e disse que em breve iríamos trabalhar questões de gênero e sexualidade dentro da disciplina. Ela se mostrou muito feliz, principalmente porque prometi aulas práticas.

Constantemente, estudantes me mostram artefatos culturais que eles/as têm contato e consomem fora da escola, como por exemplo, livros e doramas BL (*Boys Love*) de origem asiática. Essas produções mostram uma determinada cultura e apresentam elementos do cotidiano dos povos da região asiática, com destaque para a Tailândia, Coreia do Sul, Vietnã, Japão e China, sendo este último um país conhecido pela censura às produções com conteúdo homoafetivo. Duas estudantes me apresentaram um dorama BL chamado *KinnPorsche* - 2022. Grande parte dos doramas BLs tem origem de *light novel*, uma série tailandesa que retrata uma história romântica e misteriosa entre dois homens, Kinn, que faz parte da máfia, e Porsche, que é um estudante e garçom.

Esses artefatos culturais que entram em sala de aula apontam que as questões de gênero e sexualidade são temáticas do cotidiano. Percebo que as imagens consumidas por esses adolescentes dizem muito sobre suas individualidades e, que, por meio delas, podemos criar um espaço de reflexão acerca de vários temas. Contudo, é necessário relacionar tais assuntos com os conteúdos das artes no contexto da sala de aula. Outro aluno, um menino bissexual, fez um desenho sobre algo que o representava (Imagem 26). Ele destacou na sua fala que escolheu a personagem porque se sentia como ela, sofrendo preconceito em virtude da sua sexualidade. Na imagem, há uma breve descrição de sua escolha pela personagem. Ele ainda descreveu sua relação com a imagem da seguinte forma:

No segundo ano me sentia diferente dos demais meninos mas não sabia o porquê daquilo, até chegar um menino chamado Erick e começar

a fazer comentários maldosos comigo igual como a Jasper fazia com a Ametista, fiquei com aquilo na cabeça, pensando o quanto eu era “defeituoso” por vários motivos e um deles é que eu sou [...] me inspirei nela de todas as formas, cresci com ela e amadureci também, então por isso que amo ela e também ela é minha preferida e por causa dela tenho muita autoestima. (Aluno 8BM)

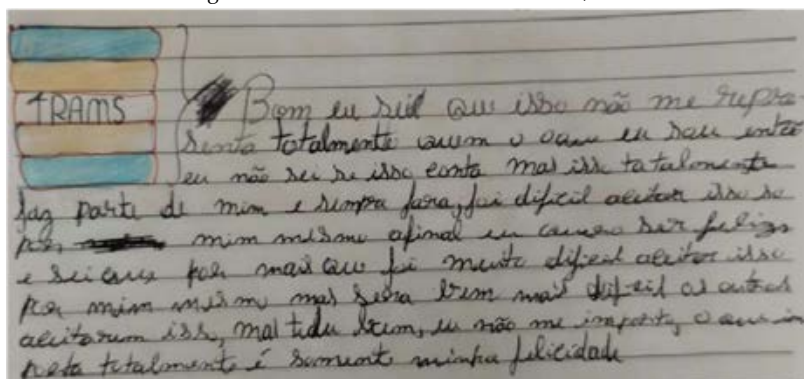
Imagem 26 - Desenho de um aluno. 8º ano, 2023.



Fonte: acervo pessoal

Um outro aluno trouxe a representação da bandeira trans (Imagem 27) e um texto falando sobre a escolha da imagem. Ambos apresentam elementos importantes para esta investigação, dado que um dos focos é refletir e perceber as imagens e as suas contaminações na sala de aula.

Imagem 27 - Desenho de um aluno. 8º ano, 2023.



Fonte: acervo pessoal

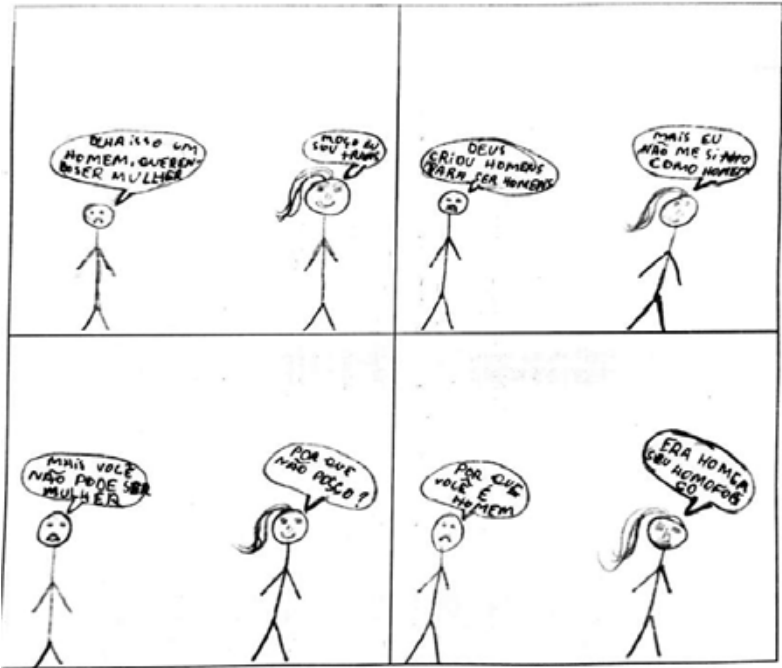
As imagens que chegam e saem das salas de aula criam possibilidades educacionais para problematizações. Nas imagens a seguir, percebemos nas histórias em quadrinhos, desenvolvidas pelos estudantes dos 7º anos, que as dissidências nascem e percorrem as narrativas, algumas utilizando de analogias e outras apontando para o cerne da questão. É importante destacar que algumas das produções foram desenvolvidas por estudantes dissidentes sexuais (Imagens 28 a 33).

Imagem 28 - História em quadrinho, 2023.



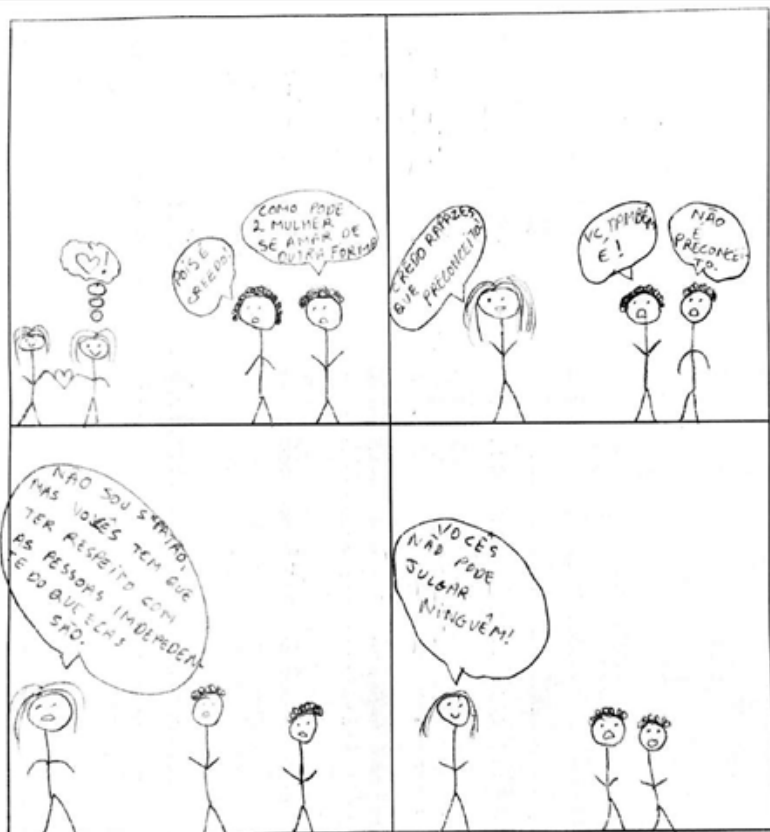
Fonte: acervo pessoal

Imagem 29 - História em quadrinho, 2023.



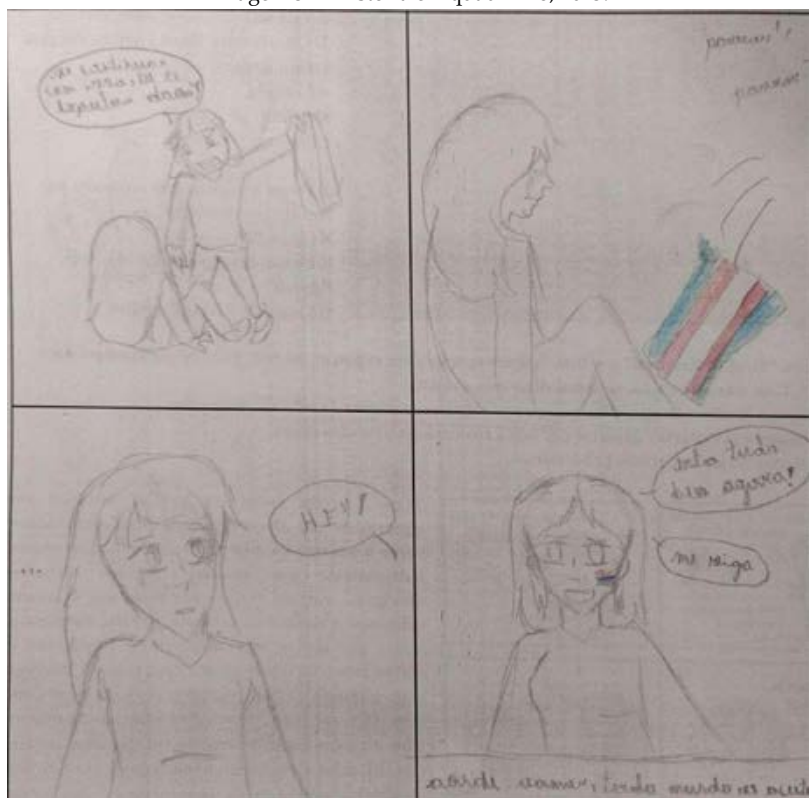
Fonte: acervo pessoal

Imagem 30 - História em quadrinho, 2023.



Fonte: acervo pessoal

Imagem 31 - História em quadrinho, 2023.



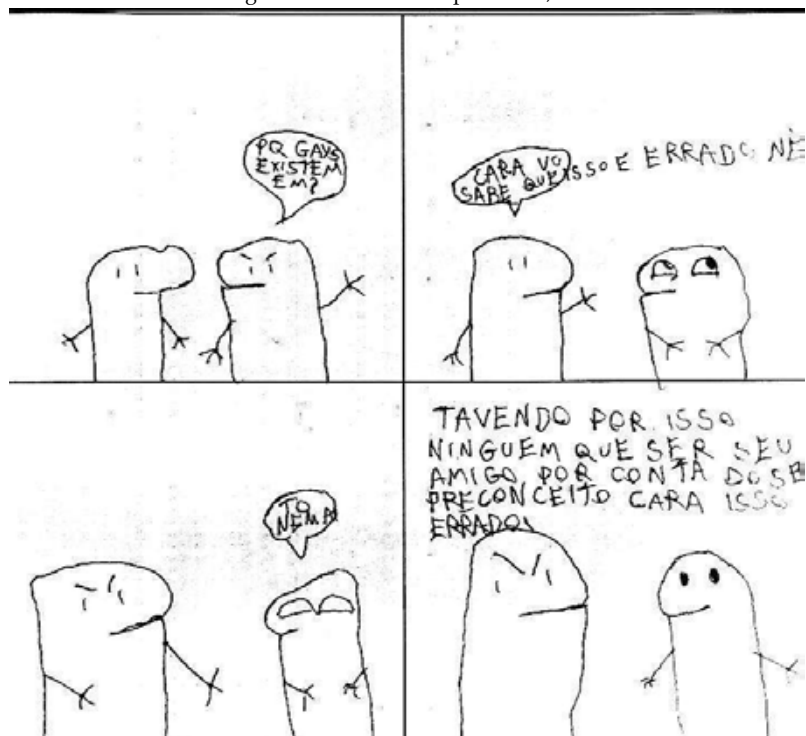
Fonte: acervo pessoal

Imagem 32 - História em quadrinho, 2023.



Fonte: acervo pessoal

Imagem 33 - História em quadrinho, 2023.

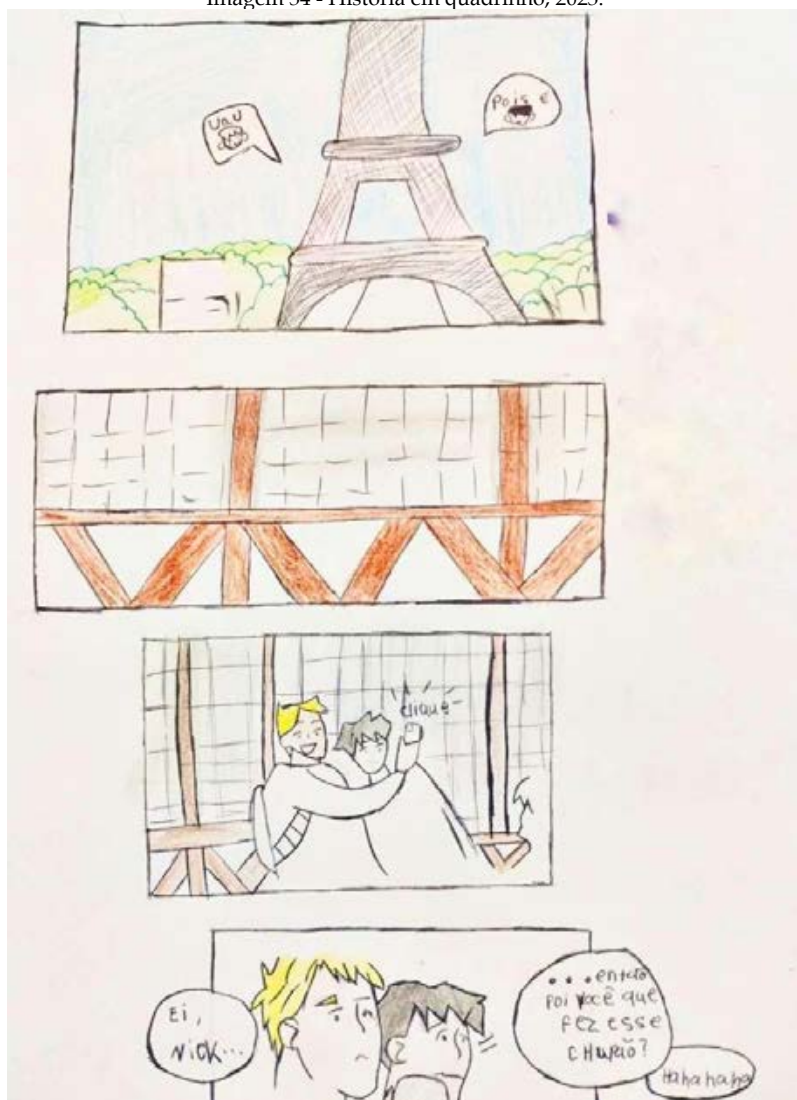


Fonte: acervo pessoal

Como educador fui abordado em vários momentos por estudantes (meninos e meninas transexuais ou transgêneras) que queriam ser tratados por seus nomes sociais. Além disso, percebo que nas minhas vivências educativas em Fortaleza, a presença de educandos dissidentes interseccionais está cada vez mais comum, não em uma perspectiva da aceitação, mas que estão se colocando ao mundo mais cedo.

No decorrer do ano de 2022, aprendi com meus educandos a ser professor e a entender de forma imersiva que os sujeitos em dissidências estão mais atuantes, falando mais de suas vivências. Dando continuidade a uma atividade de produção e experimentação, solicitei que elas/es fizessem alguma produção visual (história em quadrinhos). Nesse momento, a aluna que havia falado do livro *Heartstopper* (2022), me perguntou se poderia reproduzir uma cena apresentada no livro de história em quadrinhos. Ela, então, começou a rabiscar no caderno, e depois refez em outra folha. Segundo a estudante, tratava-se de um casal em que: “um é *gay* e o outro bissexual” (Imagem 34).

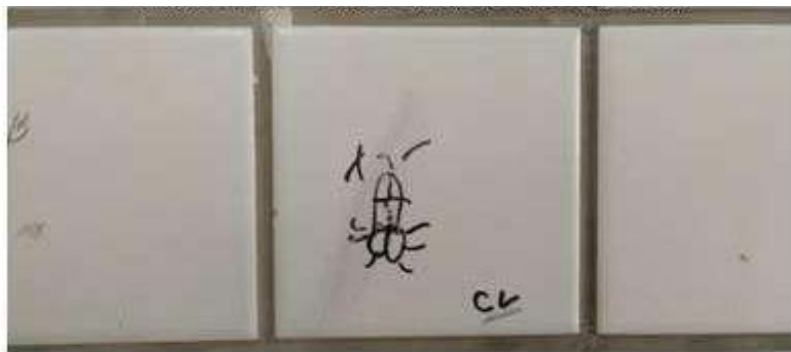
Imagem 34 - História em quadrinho, 2023.



Fonte: acervo pessoal

Na escola também encontrei várias representações visuais de órgãos genitais masculinos produzidos pelos meninos. Constatei a não presença da representação da vulva, muito menos de autoria feminina. Esses artefatos visuais compõem diversas cadeiras das salas de aulas, e em alguns outros, transbordam para as paredes e demais espaços da escola, como podemos observar nas duas imagens a seguir. As representações estão dentro do ambiente educacional e podem ser acessadas e questionadas, pois tratam de representar não apenas um pênis, mas também porque esboçam uma ideia falocrática e a necessidade das/os estudantes falarem e/ou abordarem questões próximas às suas curiosidades (Imagens 35 e 36).

Imagem 35 - Registro da parede da escola, 2023.



Fonte: acervo pessoal

Imagem 36 - Registro da parede da escola. 2023.



Fonte: acervo pessoal

O gênero e a sexualidade estão no cotidiano delas/es, mesmo que seja um assunto velado. Confesso que fiquei meio receoso em trabalhar essas temáticas nas aulas, pois, infelizmente, habitamos um lugar no qual toda e qualquer forma de sexualidade e gênero dissidente da heterossexualidade e da cisgeneridade é vista como algo errado, pecado e até mesmo como algo abominável

No entanto, cada estudante que me diz: “tio, você é incrível, acho muito importante ter um professor como você”, “professor, você é maravilhoso, é massa as aulas de artes” ou “é, nunca tive um professor *gay*. Professor, me adota”, essa última frase é bastante recorrente. Percebo através desses *feedbacks* que sou importante, que minha presença na escola tem possibilitado aos estudantes outras possibilidades de ser. Além disso, minha relação com cada um floresce todos os dias, até mesmo com aqueles alunos mais fechados e religiosos. Sei e defendo que é possível mudar as pessoas por meio da educação e acredito que mudaremos o mundo. Mesmo que pareça uma utopia, que de-

morem anos ou décadas, nós, juntos, construiremos um novo porvir. E ele será por meio da educação, das artes visuais, da música, da dança e do teatro.

Essas imagens que adentram as salas de aula criam e oferecem a cada educanda/o um outro repertório estético/imagético. Ao mediar discussões e possibilitar que elas e eles falem, produzam e questionem a partir de seus interesses, é criar um solo fértil. Foi bastante interessante trabalhar esses assuntos, principalmente nas salas dos 9º anos, que acolheram de forma instigante as temáticas propostas. Mesmo percebendo que alguns tinham um certo bloqueio por questões religiosas, não foi algo que impossibilitou que os conteúdos fossem trabalhados.

Soube de um educando que estava sendo vítima de homofobia por parte de dois colegas evangélicos. Segundo os agressores: “dois homens não reproduzem”. O aluno que sofreu violência era assumidamente “bixa”, negro, um sujeito periférico e cabeleireiro. Isso me levou a pensar estratégias que pudessem gerar debates em sala de aula sobre a violência. Para começar, levei o texto *“Preconceito e discriminação como expressões de violência”*, de Lourdes Bandeira e Analía Soria Batista (2002) para discutir com a turma. Trabalhei o texto por cerca de 15 dias, pedindo que eles refletissem sobre o preconceito como uma violência e produzissem uma apresentação sobre a temática.

O docente tem um papel crucial de mediação de conhecimentos na vida dos educandos. Desse modo, vejo a emergência de pensar uma prática educacional deslocada das que são/estão inseridas nas portarias educacionais desde a colonização. Tal visão é gerida porque, ainda e infelizmente, seguimos um modelo preconceituoso

e retrógrado. Porém, quero aqui pensar que há a possibilidade de mudar isso por meio de uma educação dissidente interseccional.

Estamos socialmente inseridos dentro de um sistema que nos diz que pertencer a um determinado grupo social é errado, ou até mesmo pecado, numa perspectiva religiosa (cristã), e para mudarmos tal sociedade (uma utopia) devemos questionar e/ou criar diferentes possibilidades que até então não nos foram ofertadas. Seria maravilhoso se não houvesse violência, se o machismo e a transfobia não vingassem, e mulheres cis ou trans não fossem assassinadas por causa de suas existências. Acredito e defendo que a melhor arma contra as várias formas de violência é a educação, que por meio dela, vamos, quem sabe um dia, romper com a lógica da violência do machismo, racismo e homofobia estrutural.

Lembro-me daquele menino negro indo para escola, andando sob o sol do meio-dia para acessar o sistema educacional. Lembro-me daquele mesmo caminho que fizera outrora, de passar pelas ruas esburacadas por conta da chuva. Lembro-me daquele menino que voltou correndo para casa depois da primeira aula de Educação Física. Tinha ódio por saber que, nessa época, aquele lugar era perigoso para minha existência. Vi na educação uma possibilidade de mudança, lembro-me que olhava para a professora Helena e para o professor Cláudio, professores de História e Geografia, e me via como eles, sendo professor. Pensar em uma educação que não contribua com a estrutura de violência é uma tarefa bem delicada, pois estamos imersos em uma sociedade que a todo custo busca nos silenciar.

Concluo este tópico com uma imagem, que a meu ver, diz muito sobre a importância de ser assumidamente bixa preta, de me apresentar enquanto dissidente sexual. Certo dia, respondi a

uma imagem preconceituosa de uma estudante da seguinte maneira: “sou viado, algum problema?”. No entanto, com o passar do tempo e com as relações sociopedagógicas estabelecidas no meu processo docente, pude mostrar às/aos estudantes que ser dissidente não é um problema.

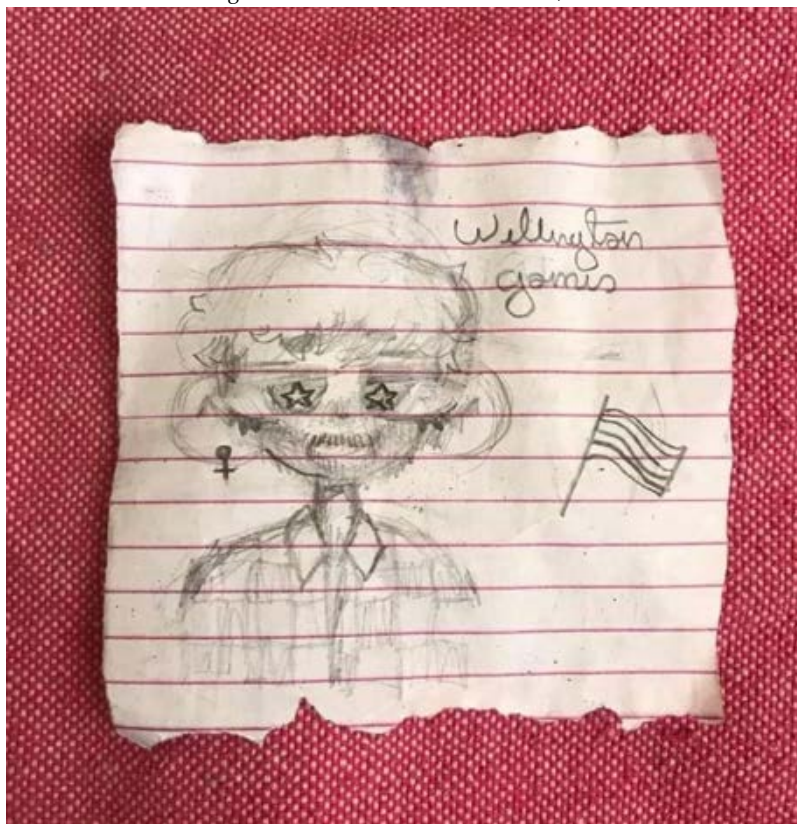
O desenho *Human*, (Imagem 37), foi desenvolvido em 2021 por duas estudantes do 8º ano. Segundo as educandas, as bandeiras ilustradas na folha do caderno representavam “nossas bandeiras” de luta. Já o desenho seguinte (Imagem 38), foi um presente que recebi em uma das aulas no início do ano de 2022, onde fui surpreendido pela gentileza de uma aluna. Fico extremamente emocionado, pois, segundo ela, a imagem representa como ela me vê em sala de aula, também salientou a importância de ter um professor “assumido” no espaço escolar. Recentemente, ela me disse que estava namorando com outra menina do colégio. Fiquei feliz em saber que minha presença no colégio possibilitou que alunas/os reflitam sobre suas existências, que vejam em mim uma referência.

Imagem 37 - Desenho. Alunas do 8º ano, 2021.



Fonte: acervo pessoal

Imagem 38 - Desenho. Aluna do 9º ano, 2022.



Fonte: acervo pessoal

“PROVOQUE” NA SALA DE AULA – INICIANDO A CONVERSA COM BALISCEI

Apresentarei uma sequência de vivências e planejamentos educacionais, instigada pela metodologia “PROVOQUE”, constituída por João Paulo Baliscei (2020), e que propõe cinco passos: Fler-tando, Percebendo, Estranhando, Dialogando e Compartilhando. No entanto, as vivências fazem parte de relatos de minhas práticas docentes ainda em processo de imersão, pois: “juntas ou separadas, as cinco etapas do ‘PROVOQUE’ atuam como procedimentos que orientam a investigação visual e inventiva e sugerem ações analíticas específicas para que possamos desenvolver e sensibilizar o olhar” (Baliscei, 2020, p. 96).

Quando decidi escolher o “PROVOQUE”: *problematizando visualidades e questionando estereótipos* como uma metodologia para guiar minha prática docente, trilhei caminhos mais flexíveis e mutáveis. Isso é reforçado pelo pesquisador Baliscei, quando diz que o “PROVOQUE” não busca “valorizar nem prescrever uma receita metodológica” (Baliscei, 2020, p. 70), permitindo que a exploração seja mais fluida e aberta às mudanças. Depois de constatar os conhecimentos prévios dos estudantes e de observar atentamente suas interações, costumo fazer uma seleção de artistas afro-americanos, afro-brasileiros e latino-americanos para entender a importância de consumir outros tipos de imagens que não fazem parte do cenário artístico hegemônico. A escolha de-

ve-se a dois fatores, sendo o primeiro a recorrência de questões relacionadas a gênero, sexualidade e raça em obras e artistas afro. O segundo fator é a estética da imagem, pois as obras desse grupo, geralmente, abordam temas polêmicos de forma intimista e contundente.

Ao apresentar imagens e artistas dissidentes, procuro criar um espaço de ruído, ruptura e diálogo. Nada mais é do que gerar e oportunizar o contato com outras imagens diferentes daquelas que seu olhar já conhece. Compreender as imagens e conversar com elas será fundamental nesse processo. Quero destacar que tal momento e etapa requer que tenhamos calma, que olhemos para as imagens com desconfiança. As escolhas de cada uma do grupo de artefatos foram previamente estudadas e selecionadas com cuidado. Ao observar e rememorar as vivências que tive nos últimos meses em sala de aula nas escolas que fui e sou professor, pude refletir sobre muitas coisas, uma delas é sobre as imagens do cotidiano que esses estudantes têm contato. Na primeira etapa, “Flertando”, Baliscei aponta que as imagens selecionadas busquem gerar algumas rupturas e incômodos, sendo eles:

- a) excitam o debate e a exposição de opiniões; b) provoquem incômodos, desequilíbrios e estranhamentos; c) integrem a cultura da mídia, sendo populares e acessíveis aos indivíduos; d) (re) produzam estereótipos; e) ou, ainda, que promovam questionamentos e desestabilizações das representações convencionais contidas nos estereótipos. (Baliscei, 2020, p. 91)

ESTRANHANDO – “IDENTIDADE, RUÍDO E DISSIDÊNCIA” E “AFETO, RAÇA E DISSIDÊNCIA”

[...] em Estranhando, as ações analíticas são formular e lançar perguntas capazes de problematizar as imagens investigadas. Por meio delas, os/as intérpretes visuais podem estranhar os estereótipos reincidentes e suspeitar daquilo que é apresentado como natural ou como única possibilidade. (Baliscei, 2020, p. 94)

Quando seleciono imagens da arte, de artistas dissidentes sexuais e/ou de gênero, como também de artistas negros/as, vislumbro a ampliação do repertório visual de meus estudantes. Enquanto pesquisador dissidente bixa preta, vejo que minha militância se dá nesse processo educacional. Para minhas ações pedagógicas com o Ensino Fundamental, no início de 2022, preparei um conjunto de imagens para discutir “identidade, ruído e dissidência”. Usei as obras *Experiência nº 3*, 1956; *Pai*, 2018; *Claudia*, 2002; *Sem título*, Wellington Soares, 2022, para articular imagens que permitam a dúvida, questionam as ideias do signo homem verso mulher, de menino ou menina, rompam com a estética da normalidade. Foram selecionadas imagens de artistas dissidentes, negros, não brancos e brancos. Esse grupo permite olhar as imagens por uma outra perspectiva, enxergar os corpos por outra ótica, dessa vez,

não guiada para uma única direção. Na etapa seguinte, selecionei obras e artistas para formar um grupo sobre “Afeto, raça e dissidência”, com as obras *Enamorados*, 2021; *Casalzim na rrfsa*, 2020, e o ensaio fotográfico *House of Afrobapho*, 2020.

Foram necessários vários dias para compreender que a sala de aula requer um enorme aperfeiçoamento diário, enquanto professor tive que me refazer a cada aula e a cada etapa. Para o momento da pesquisa com os estudantes, busquei focar em algumas das etapas, embora tivéssemos pouco tempo. Sendo assim, após apresentar as obras e artistas, registrei alguns comentários das/os estudantes para demonstrar como ocorreram as aproximações com as imagens. Nesta ação, a imagem que se destacou foi o trabalho de Flávio de Carvalho, corroborando com o conteúdo do livro didático.

Imagem 39 - Experiência nº 3, de 1956, com Flávio de Carvalho andando pelas ruas de São Paulo com seu ‘traje de verão’, acompanhado pela multidão.



Fonte: Arquivo CEDAE - IEL/Universidade Estadual de Campinas

Propondo uma vivência, um diálogo e a leitura das imagens, sua reprodução, sua releitura, possibilitar a fruição, a percepção estética, ofertar a dúvida, habitar a criatividade, esses são alguns dos possíveis choques educativos e experimentais que podem ser gerados na imersão em sala de aula. Nas vivências em sala de aula, pude pensar e oportunizar aos meus educandos uma vivência na prática artística de Flávio de Carvalho, que gerou alguns estranhamentos, alguns ruídos, e até mesmo a curiosidade.

Solicitei, no primeiro momento, que eles olhassem para o trabalho (imagem 39), pedi que observassem cada detalhe da fotografia. Um processo de leitura e aproximação com a produção artística do artista. Logo, em seguida, pedi que elas/es escrevessem ou falassem o que era a imagem. O que elas/es viam? Apareceram vários comentários, tais como: “homens de antigamente, homens fazendo protesto”, “tomando pinga, homem traveco”, “ele é *gay* e tem 20 anos, e não sabe ler e ele tem bv”, bv significa boca virgem. Expressão usada pelos jovens para dizer que nunca beijaram.

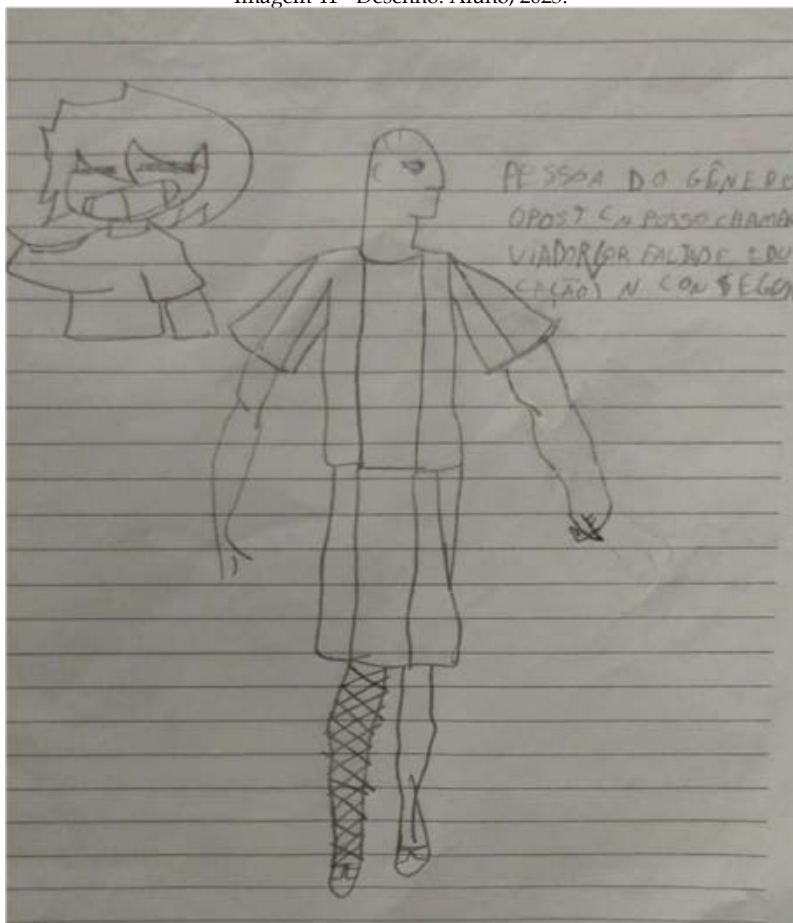
Os comentários das/os estudantes nos alertam para vários caminhos e possibilidades educativas, desse modo, solicitei a produção de desenhos. Foram realizados e produzidos diversos desenhos, alguns coloridos e com frases, em que os estudantes reproduziram discursos violentos sobre as questões de sexualidade (Imagens 40 e 41).

Imagem 40 - Desenho. Aluno, 2023.



Fonte: acervo pessoal

Imagem 41 - Desenho. Aluno, 2023.



Fonte: acervo pessoal

Os trabalhos dessas composições são interessantes, pois apresentam frases contundentes. Há a representação quase abstrata da figura de um pênis, representação recorrente em desenhos produzidos por meninos.

Os dias foram passando e novas imagens surgindo dentro da sala de aula, e com elas, novas formas e possibilidades de leitura. Desse modo, apresentei para meu público o trabalho de Rodrigo Lopes, um artista do estado do Ceará, pesquisador nos campos da memória, sexualidade e arquivo. Levei o trabalho dele porque sua produção chega a mim com bastante esmero e pela aproximação que tenho com sua prática artística. Os trabalhos que selecionei do artista são uma série de bordados sobre fotografias de sua infância bixa preta.

Na série *Pai* (2018), um trabalho desenvolvido em bordado, o artista Rodrigo Lopes e sua irmã bordam a série, nela, eles utilizam como suporte fotografias do álbum de família. As fotografias analógicas ganham um novo significado e agregam elementos como linhas na cor vermelha, que são utilizadas para a fixação das mesmas no tecido em que as fotografias são sobrepostas e para a escrita de textos sobre a vivência dos dois (Imagens 42 a 45).

Imagem 42 - Pai (2018). Bordado sobre fotografia analógica e tecido, 22,0 cm.



Fonte: MusA

Disponível em: <http://www.musa.ufpr.br/links/exposicoes/2020/lopes.html>

Imagem 43 - Pai (2018). Bordado sobre fotografia analógica e tecido, 22,0 cm.



Fonte: MusA

Disponível em: <http://www.musa.ufpr.br/links/exposicoes/2020/lopes.html>

Imagem 44 - Pai (2018). Bordado sobre fotografia analógica e tecido, 22,0 cm.



Fonte: MusA

Disponível em: <http://www.musa.ufpr.br/links/exposicoes/2020/lopes.html>

Imagem 45 - Pai (2018). Bordado sobre fotografia analógica e tecido, 22,0 cm.



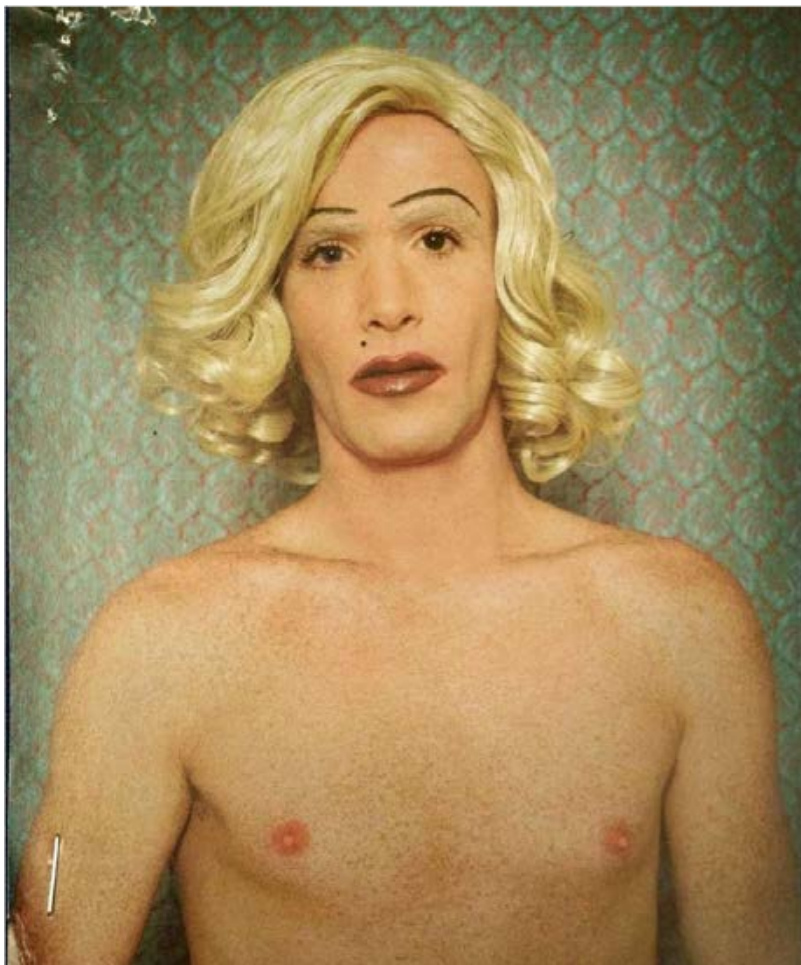
Fonte: MusA

Disponível em: <http://www.musa.ufpr.br/links/exposicoes/2020/lopes.html>

Quando apresentei o trabalho do artista Rodrigo Lopes, pude perceber que a leitura das/os estudantes foi mediada pela composição estética do trabalho. Uma delas disse: “seus pais são homofóbicos com o filho, disse que na casa da mãe não entra com vestido de mulher”. Outra estudante complementou: “seus familiares são homofóbicos e preconceituosos, eles não aceitam LGB-Ts”. A fala de outra menina foi interessante: “eu vejo preconceito, pois na imagem tem ‘você tem que trabalhar pra ser mãe’, não tem nada a ver, porque ser mãe é muito importante e nas outras imagens que a mãe não aceita o filho vestido de mulher e não quer que ele seja ‘viado’, isso é preconceito”. Retificada por outra: “racismo e homofobia”.

Os comentários arrolados anteriormente me permitem compreender duas coisas: as imagens geram reflexões e os intérpretes visuais compreendem, mesmo que de forma pouco esquematizada a abordagem das produções. Todas as imagens que selecionei para levar para a sala de aula nessa etapa, como já foi antes anunciado, partem das questões de gênero, sexualidade e raça em uma perspectiva dissidente interseccional. Uma vez que esse estudo é pensado e desenvolvido a partir desse eixo epistemológico. Por conseguinte, também apresentei para meu grupo de educandos o trabalho de Cláudia Guimarães, uma produção bastante interessante, (Imagem 46), de um retrato de uma personagem bem emblemática e que possibilita gerar ruídos.

Imagem 46 - Claudia. São Paulo, SP, 2002.
Pigmento mineral sobre papel algodão, 40 x 30 cm.



Fonte: Moura, D., & (SP), P. d. E. (2012). *O mais parecido possível: O retrato*. Pinacoteca do Estado de São Paulo.

As imagens dos artistas dissidentes interseccionais permitem que ocorram debates acalorados de modo a fomentar, fissurar e oportunizar a exposição de opiniões, como podemos ver nos trabalhos das/os artistas. Esse ponto articula com Baliscei (2020, p. 91) quando ele diz que a etapa permite que os intérpretes visuais “excitem o debate e a exposição de opiniões”, cada imagem na sua especificidade pode fazer emergir vários comentários. As imagens desafiam os padrões visuais e estéticos perpetuados pelas mídias, pois, com frequência, vemos um único modelo de imagem, na sua maioria, reforçando os padrões normativos. Ao estimular o diálogo por meio das imagens, artefatos culturais, mídias alocadas nas vivências no chão da sala de aula de artes na educação básica podem provocar um campo vasto nos debates, proporcionando quais diferentes perspectivas possam ser evidenciadas.

Na busca por uma educação em artes mais acolhedora, antiLGBTfóbica, inclusiva, é necessário que passemos a estranhar e questionar todos os estereótipos preconceituosos que habitam nossa sociedade, educação e cultura. Na etapa, João Paulo Baliscei aponta que: “os/as intérpretes visuais podem estranhar os estereótipos reincidentes e suspeitar daquilo que é apresentado como natural ou como única possibilidade” (Baliscei, 2020, p. 94). Nesse caso, os intérpretes visuais são os estudantes e eu, que estamos nessa troca e comunicação sobre as imagens, lançando perguntas e chegando a outras possibilidades estético-educativas.

Já quando relaciono a metodologia “PROVOQUE” com as dissidências interseccionais numa perspectiva da etapa: Estranhando, partimos da premissa que é importante suspeitar daqui-

lo que é apresentado como verdade, único ou imutável. A desconstrução dos estereótipos visuais e estéticos que temos sobre a dissidência é basilar para que tenhamos uma educação acolhedora. Torna-se essencial que tenhamos acesso a outras possibilidades estéticas, educativas e visuais.

Ao levar o trabalho *Claudia* (2002), obtive um *feedback* bastante interessante, pois a imagem gerou muito estranhamento, e para outros foi como uma novidade, ou até mesmo uma referência. Isso acontece por conta das individualidades dos estudantes, dentre eles o comentário de um aluno trans se destacou ao dizer:

Uma pessoa libertando-se, mostrando sua real versão, sua verdadeira. É uma pessoa se libertando de um passado triste e com vários problemas. Porque no passado teve pessoas falando mal sobre, como isso vai contra as leis de Deus, que é errado. Sendo que não é. [...] na verdade, tenho medo, mas vontade de ser como eu realmente sou para os meus amigos.

Lembro das primeiras aulas quando esse aluno era super tímido, com medo de falar que era uma pessoa trans, tinha até vergonha de solicitar ser chamado pelo seu nome social. No entanto, assim que ele e seus colegas disseram-me, passei a chamá-lo a partir de seu nome. O comentário dele demonstra sua vontade de ser como a Claudia, de ser quem ele é de verdade, sem ter que habitar o armário. Os outros três comentários sobre

a imagem *Claudia* (um de um garoto *gay* e os outros dois de um garoto hétero) estavam cheios de algum tipo de preconceito, pois continham palavras tendenciosas, algumas frequentemente usadas para desacreditar a existência de pessoas trans, como exemplo, podemos observar nos enunciados:

É um homem transformado. Ele tá transformado, querendo fazer uma mudança, querendo ser uma pessoa mais bonita. Ele queria mudar, pois o povo o chamava de feio. É um homem se transformando em mulher. Um homem branco, com cabelo loiro, ele quer ser trans, tá tirando foto, ele tá sem roupa e com batom vermelho. Um cara querendo ser mulher, mas nasceu homem, um cara com maquiagem com uma pinta preta na cara, batom na boca, pelado, batendo foto nu.

Atualmente, tenho cerca de dez alunos transexuais masculinos, entre 12 até 16 anos de idade. Ao levar as imagens de pessoas trans e/ou trabalhos artísticos da mídia ou qualquer outro artefato cultural com a representação de sujeitos trans, gerei um alvoroço, por vezes dá para ver o brilho nos olhos porque eles não se veem na aula, nas produções estéticas e nas mídias. O comentário a seguir, também de um aluno trans do 8º ano, traz outros apontamentos que não foram expostos até então. Diferente dos comentários anteriores, percebo que há um tom sentimental e afetivo ligado à imagem e à personagem *Claudia*. Como podemos ver adiante:

Vejo uma mulher trans, mais ou menos da década de 80/70. Pelo “desconforto” da mulher da imagem eu posso insinuar que ela está sendo exposta. Ao analisar mais a imagem, eu vejo os olhos meio vermelhos como se estivesse chorando, como se realmente fosse um momento em que estivesse zombando ou debochando dela, em um momento realmente de fragilidade.

Ao levar as imagens e os artistas dissidentes sexuais e/ou de gênero, favoreço aos meus educandos outras possibilidades de existência. Quando volto às lembranças da escola, sinto que a escola e os conteúdos são articulados por disciplinas opostas à minha. A meu ver, a educação é uma área fundamental para a mudança social e para possibilitar o debate divergente. Digo isso porque quando eu era estudante ouvia os professores falarem coisas como: “nossa, você não gosta de nada de homem”, “Você só anda com garotas” ou “Você tem que fazer aula de Educação Física, pois você é homem”, além disso, tornou-se comum ouvir de coordenadoras/es e diretoras/es que era uma fase, que os meninos estavam brincando.

Hoje, como educador, percebo e defendo que é fundamental criar espaços de reflexão sobre nosso papel no mundo. Para Ana Paula Costa, Anne Caroline Mariank A. Scalia, Regina Celia Bedin, Shirley Romera dos Santos (2010, s/p): “é necessário pensarmos sobre algumas de nossas práticas educativas, já que podemos estar reforçando preconceitos sexuais e de gênero. Esses preconceitos podem vir revestidos de frases, atitudes e naturalização de situações [...]”.

Com base nisso, posso enfatizar, brevemente, que é importante para nós, professores de artes, assim como professores de outras disciplinas, oferecer aos nossos alunos momentos de troca para que nossas aulas sejam mais abertas e acolhedoras. Para isso, é importante que os nossos planos de aula e planejamentos pensem na diversidade dos alunos. Levando as fotos para dentro da sala de aula e observando cada comentário, cada gesto, ficou claro que os preconceitos estruturais estão presentes, ocultos ou não na vida dos alunos. Ao mesmo tempo, pode-se apontar, também, que durante as trocas observei reações interessantes, principalmente de alunos que se identificam como dissidentes sexuais e/ou de gênero.

Imagem 47 - Sem título. Wellington Soares, 2022.



Fonte: acervo pessoal

Também apresentei a minha obra *Sem título*, de 2022, (Imagem 47). Nela, tomo a estética católica e uso elementos simbólicos, articulando questões de dissidência interseccional para um autorretrato. Trata-se de uma representação de São Sebastião, santo bastante conhecido no meio religioso. Na representação em pastel oleoso sobre papel, podemos observar os seguintes elementos: auréola vermelha, flechas, grandes unhas pretas, tapa-olho, vestido rosa e batom vermelho.

Sobre a imagem, os estudantes teceram vários comentários, tais como: “as pessoas não aceitam a sexualidade porque ele é *gay*, ele tenta esconder sua própria aparência por conta das pessoas homofóbicas, ele é um ser humano bom”; “Eu entendi que parece uma pessoa que se machuca ou é machucada psicologicamente e não vê isso, isso a corrói e não consegue ver”. Na réplica, escutei: “ele é homossexual, as unhas dele é pintada, ele usa vestido, ele tem os olhos vendados, ele é todo furado”. Outro estudante ainda disse:

No meu ponto de vista, essa pessoa tem o ponto de vista dela sobre o mundo, isso representada pela parte vermelha, sendo contida da sociedade para não ser criticada, assim, a venda representada significa o bloqueio, as flechas são como os problemas e críticas.

Todas as imagens apresentadas “carregam muito mais do que informações diretas e explícitas” (Borre, 2010, p. 49), pois as

leituras que são feitas sobre cada imagem revelam o quanto é importante o contato com imagens variadas, com cores, formas, sujeitos e identidades outras as quais nossos olhos não estão acostumados. Alguns dos comentários sobre a imagem partem de uma perspectiva estética, apresentando os elementos que compõem a imagem, e outros fazem uma análise interpretativa subjetiva.

Retratei o meu eu por meio de uma das linguagens das artes visuais como uma forma de representar a vida, o cotidiano de pessoas negras, bixas, as dificuldades dos sujeitos dissidentes no momento contemporâneo.

Diante das nossas experiências estéticas/sensíveis, o diálogo com as imagens movimenta reflexões para além da complexidade formal e visual: nos estimula a perceber valores culturais, ideológicos e sociais que em outros formatos, quiçá não perceberíamos com tamanha potência e afecção, devido à sua natureza relacional e subjetiva. (Valle, 2020, p. 10)

Dado isso, o grupo de imagens que selecionei para o debate e exibição em sala de aula tem como recorte a relação: afeto, sexualidade e dissidência ao investigar as poéticas artísticas que versam sobre o conceito “afeto” numa perspectiva afroafetiva e dissidente, que serviu como catalisador, no qual permitiu uma quebra na lógica estética e social das imagens, dos padrões de possibilidade afetiva que eles têm acesso.

Assim, este estudo busca refletir sobre como é trabalhado o afeto, gênero, raça e sexualidade na produção artística contemporânea dissidente, e possibilitar a discussão e reflexão delas no chão da sala de aula. Amar de forma afrocentrada é habitar uma dissidência estético-afetiva, tal pensamento parte da compreensão que é difundida nos circuitos afetivos e sexuais entre pessoas *gays*. O pertencimento é uma vivência de muitos sujeitos dissidentes. Atualmente, artistas estão investigando em suas práticas a relação homoafetiva e afrocentrada, usando das mais variadas linguagens, técnicas e procedimentos criativos para nos alertar sobre isso.

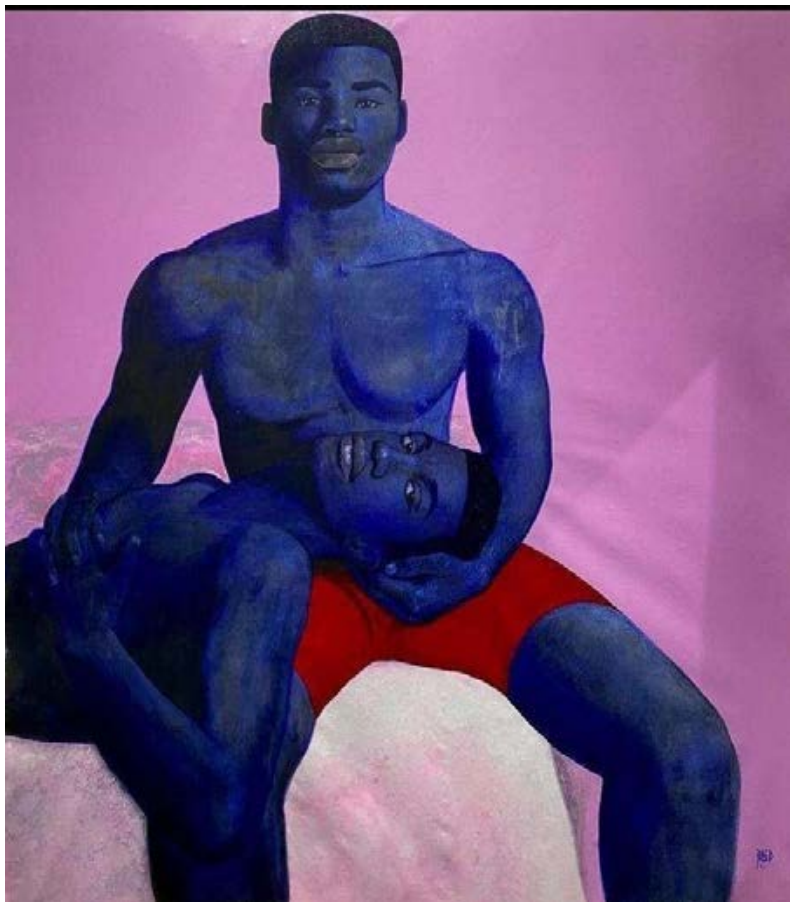
O amor foi/é tema de várias produções artísticas, é possível criar uma vasta cartografia de trabalhos visuais que possui como tema o amor, no entanto, esse amor tem gênero e cor. Isso permitiu-me chegar às indagações: há produções homoafetivas afrocentradas? Quais são os artistas que nos seus processos criativos versam sobre questões homoafetivas afrocentradas? Tais perguntas são importantes para desvelar que há um apagamento dessas produções, que as mídias/tecnologias são o maior espaço expositivo dessas produções, e que precisamos de um novo modo de pensar as artes e seus veículos de divulgação e difusão.

A imagem 48, nos faz olhar para uma outra forma de afeto, com dois homens negros, um sobre o colo do outro (Enamorados, 2021). As leituras feitas pelas/os educandas/os foram bastante interessantes. A escolha do trabalho do artista Brendnatella ou Brendon Reis (Salvador, 1996) deu-se pela sua dimensão estético-educativa, pelo uso das cores, pela composição e pela narrativa visual apresentada nas suas obras. Segundo o artista, em seu trabalho ele sempre buscou:

“Enfatizar a negritude, sexualidade e intimidade, além dos dilemas simbólicos envolvidos nas múltiplas formas de dar sentido para o que se compreende enquanto ‘existência’. Esse conceito de existência em meu trabalho se dá por meio da criação de espaços constitutivos ambivalentes, isto é, ora comuns ora surreais, onde eu exploro os conceitos de ‘natural’ e ‘sobrenatural’ para dar novas texturas e diferentes realidades para figuras-narrativas *queer* e não brancas.” (Reis, 2021)⁶

⁶ Texto retirado do *site*/ portfólio do artista. Disponível em: <https://brendonreis.com/bio>

Imagem 48 - Enamorados, 2021. Tinta acrílica e giz pastel sobre a tela, 168x190 cm.



Fonte: <https://will-8888.tumblr.com/post/721878842699087872/beyond-the-pale-brendon-reis-enamorados>

O que me chamou atenção ao levar a imagem *Enamorados* foi o resultado, quando uma aluna me parou e disse que gostou muito da aula, e que a imagem fez com que ela pudesse pensar sobre várias coisas. Ela veio com um sorriso enorme, como se tivesse visto algo bastante lindo ou como se tivesse ganhado algum presente. Em uma fala, a estudante comentou: “eles estão deitados na cama e parecem ser namorados ou irmãos, mas eu acho que são namorados, eles combinam muito, dão certo juntos!”. Outra acrescentou: “parecem dois irmãos em uma sala da prisão, mas também parecem dois namorados e são muito bonitos, os dois combinam muito, amei”.

Nos últimos anos, uma quantidade crescente de obras, artefatos culturais e midiáticas tem levantado as dissidências como motes de estudos estéticos e artísticos no fazer docente. Esse processo ocorre por diversos motivos, principalmente por conta da presença de professores dissidentes dentro da escola.

O artista Charles Lessa, nascido na cidade do Crato - CE, homem *gay*, grafiteiro e professor formado em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri, traz temas ligados à dissidência em alguns de seus trabalhos. Charles Lessa é bastante conhecido no estado do Ceará por causa de seus grafites coloridos, grande parte das personagens representadas vem de seu repertório afetivo, sua produção artística visa à memória, à ausência e o lúdico.

Imagem 49 - Casalzim na rrfsa, Charles Lessa.
2020, Pintura sobre placa de mdf, 65 x 51



Fonte: <https://labbixordia.wixsite.com/corpogenero/exposi%C3%A7%C3%A3o?pgid=kk9yggug-bc666f6f>

Os comentários do trabalho de Charles são importantes para que eu perceba que as/os estudantes conseguem compreender e fazer suas próprias leituras das imagens, e que temas como o afeto entre duas figuras lidas como masculinas não causa uma estranheza tão grande, apesar do conservadorismo que assolou as discussões de gênero e sexualidade dentro da escola. Entre as falas, destaco: “eu observo dois homens em uma foto se abraçando, que provavelmente são namorados, e que as pessoas não aceitam por serem dois homens e não um homem e uma mulher”. A conversa continuou com: “na minha visão, são dois homens sendo felizes juntos, mas numa sociedade que não aceita dois homens ou duas mulheres juntas, ou seja, homofobia, que não conseguem ser sem serem julgados”. Depois disso, escutei: “eu acho que isso é sobre homofobia e racismo contra as pessoas lésbicas, homossexuais”. Por fim:

Na minha visão, essa fotografia é sobre homofobia. Pessoas que não aceitam o gênero das outras, como por exemplo lésbicas, homem sexual, pessoas que nascem em um gênero feminino ou masculino, mas que pretende ser outro gênero diferente do que já nasceu, mas que se for deveria aceitar.

O afeto e a dissidência são temas presentes na série a seguir. Registros fotográficos de um grupo de Salvador, composto por várias bixas pretas.

Imagem 50 - *House of afrobapho*, 2020.



Fonte: <https://edgarazevedo.co/house-of-afrobapho>

Imagem 51 - *House of afrobapho*, 2020.



Fonte: <https://edgarazevedo.co/house-of-afrobapho>

Imagem 52 - *House of afrobapho*, 2020.



Fonte: <https://edgarazevedo.co/house-of-afrobapho>

Imagem 53 - *House of afrobapho*, 2020.



Fonte: <https://edgarazevedo.co/house-of-afrobapho>

As imagens aqui apresentadas mostram como a dinâmica emocional da vida dos *gays*, de bixas pretas, é construída em torno da interseção entre raça e sexualidade. Nós não apenas estamos diante da coerção de uma ideologia violenta e objetificada da masculinidade, como também estamos cercadas pela violência do racismo. Diante das imagens, um estudante disse:

Vejo pessoas diferentes, de jeito, estilo e cor diferentes. Compreendo várias coisas, como as pessoas são livres para ser o que quiserem, minha visão é que vejo pessoas lindas, fortes, bonitas e livres, que não têm medo de homofobia. As imagens não causam incômodo, pelo contrário, as imagens passam acolhimento e união. As pessoas nascem e escolhem o seu jeito, outras são *gays*, lésbicas, trans, bissexuais, e isso é normal, mas o mundo fazem-nas sofrer, alguns não ligam e outros desenvolvem ansiedade, depressão e pensam em se matar. Isso não é legal, isso é preconceito.

O “PROVOQUE” foi uma abordagem metodológica que descobri durante minha pesquisa e fez-me perceber além do que estava acostumado. Suas cinco etapas têm o potencial de auxiliar outros professores no exercício do ensino. Cada uma dessas etapas, tanto em conjunto quanto separadamente, pode promover momentos de intercâmbio na sala de aula. Embora eu não tenha seguido todas as etapas devido a escolhas metodológicas e à minha agitada rotina, que envolve constantes mudanças de escola,

é importante ressaltar que o “PROVOQUE” proporciona uma abordagem inovadora e interativa no contexto educacional, principalmente para o ensino das Artes Visuais. As cinco etapas são flexíveis o suficiente para se adaptarem a diferentes realidades e necessidades das/os alunas/os e de cada professor/a.

Ao adotar o “PROVOQUE”, tive a oportunidade de estimular a participação ativa dos estudantes, incentivando a curiosidade, o pensamento crítico, interação e, principalmente, pude conhecer cada um/a na sua individualidade. Através da provocação inicial, foi possível despertar o interesse dos alunos pelo tema da dissidência interseccional, estimulando a reflexão. As imagens permitiram que os alunos explorassem e conhecessem o assunto da dissidência de forma mais leve, sem os grandes tabus e medos aos quais somos submetidos nessa sociedade preconceituosa. A partir daí, eles se permitiram, organizaram ideias e trocaram comentários relacionados ao tema da pesquisa em questão.

Por fim, as duas etapas que desenvolvi, mediadas pelas experiências anteriores ao uso do “PROVOQUE”, permitiram-me chegar até esse resultado. Apesar de nem todas as cinco etapas terem sido implementadas devido às opções metodológicas e limitações de tempo, a minha experiência com o “PROVOQUE” foi reveladora sobre sua importância, ligada ou não às questões das dissidências interseccionais. Conclui-se, brevemente, que mesmo ao organizar e selecionar as etapas que melhor se adequam à minha realidade, é possível proporcionar uma educação plural e dissidente.

UMA POSSÍVEL CONSIDERAÇÃO: BIXA PRETA, VIADINHO E PROFESSOR/A DE ARTES – UM MENINO QUE COSTUMAVA SONHAR!

Primeiramente, admito que subestimei a complexidade e o tempo necessário para realizar a pesquisa de forma adequada a um estudo tão importante como a dissidência. Não consegui cumprir prazos de forma realista ou até mesmo reorganizar meu cronograma que tinha sido previamente estruturado, o que resultou em uma escolha metodológica para o momento. Minha falta de organização, disciplina e a logística da vida enquanto professor temporário em três escolas também foram fatores relevantes, pois permitiram que outras tarefas e distrações tomassem a prioridade sobre a pesquisa.

Outro fator seria o desânimo por ter tido pouco tempo para aprofundar melhor a metodologia “PROVOQUE”, acabei cedendo à procrastinação e tendo que escolher algumas das etapas relacionadas ao método. Essa escolha oportunizou ter e vivenciar momentos e trocas apresentadas nos tópicos anteriores, foi a solução que utilizei para não deixar os obstáculos caírem sobre o estudo.

A metodologia permitiu-me, até o momento, vislumbrar sua possível aplicação em outra etapa da minha vida enquanto pesquisador/a, professor/a bixa preta. Infelizmente não consegui passar por todas as etapas do “PROVOQUE” devido a vários

pontos, um dos mais colaborativos para isso foi a troca de escola. Sei que poderia caminhar muito além do que apresentei aqui. As escolhas epistemológicas articuladas neste estudo fizeram-se necessárias para o avanço e para a conclusão desta etapa. Para futuros projetos pedagógicos e pesquisa, pretendo estabelecer metas, organizar meu tempo de forma eficiente e adotar uma abordagem mais lógica. Reconheço que esta experiência foi fundamental para minha caminhada epistemológica, e que o “PROVOQUE” foi/será uma parte importante no meu fazer docente.

Entre os medos da infância, sempre fui “UM MENINO QUE COSTUMAVA SONHAR!”, vivenciar, experimentar. Sonhar é uma luta diária na vida de bixas pretas, assim, a vida da bixa é como mergulhar em um enorme lago, sem saber ao menos nadar. Ser bixa é uma prática de risco, ir para a escola como professor/a para muitas/os de nós é, além de doloroso, um sonho que nos é tirado. Eu era um menino “viadinho” que costumava sonhar, sonhava tanto que às vezes parecia que vivia em um eterno devir. Observar meus colegas de sala era angustiante, pois os via felizes, rindo e fazendo amizades. Às vezes, queria ser como eles, afinal, quem é nesse mundo que não quer ser aceito? O sonho é um campo tão vasto. É um lugar de imaginação, de riso, dor. Nós vamos sonhar! Vamos sonhar que seremos professores. Que não vamos sofrer. Hoje, como docente, mergulho no mesmo sentimento, agora do outro lado da ótica, não como aluno, mas como professor.

Observo cada gesto, frase e olhar dos meus educandos. Eles e elas sedentos/as, movidos/as pela curiosidade - nossa, o professor é “viado”, não, ele é “gay”. As palavras têm um signi-

ficado tão grandioso, elas criam e recriam imaginários sobre nós, sobre os espaços em que estamos inseridos. Hoje, indo para sala de aula, que outrora fora um “espaço apenas de medo e dor”, vejo outra possibilidade. Percebo a partir dos *feedbacks* dos/as estudantes dissidentes interseccionais que minha presença é uma esperança. Isso ocorre por meio da troca, das palavras e mensagens que recebo: “você é importante para nós”.

Sou importante na escola porque minhas atuações buscam o encontro com meus estudantes, principalmente para aquelas/es que lutam pelo fim do extermínio, exclusão ou expulsão de alunos dissidentes, sejam eles/as, negros/as, bixas, dos povos originários, gordas/os, pobres, trans e travestis. Um outro futuro para a educação já está em construção. É importante que não tenhamos medo. A conclusão encerra aqui! Quero dizer que apesar de todo sistema de extermínio, estarei aqui lutando e oportunizando às minhas e meus educandos outras possibilidades. Bixas pretas na Educação e no ensino de Artes Visuais é o caminho. A educação da cultura visual, as discussões de gênero, sexualidade, dissidência e raça são fundamentais para a sociedade contemporânea, por meio desses novos arranjos sociais, construiremos um mundo “talvez” melhor para nós, que não vivemos sob uma ótica normativa. Há algo para concluir?

Após esta pesquisa, cheia de experimentações estético-educativas, posso apontar que cada aluno: “traz consigo um conjunto de experiências sociais vividas em espaços sociais diferentes, contexto sociocultural variados [...] sendo a escola fruto das relações cotidianas” (Batista, Oliveira, Cardoso, 2007, p. 296). Este texto não

buscou concluir nada sobre dissidência, no entanto, ousou dizer que a educação precisa de nós, bixas pretas. A sala de aula nos últimos anos aparenta ter ganhado novos significados, o corpo educado, o corpo trans, *gay* ou lésbico. É notável que saímos e estamos, sairemos de todos os cativeiros que nos colocaram. Não nos escondemos, seremos vistas, existiremos e vamos habitar a educação.

Professores/as, estudantes e demais profissionais da educação, dissidentes sexuais e/ou de gênero estão fazendo-se presentes. Esse processo é uma libertação das amarras do conservadorismo, e entendo que libertar significa criar outras práticas educativas. Essa ruptura será possível se nós, professores bixas pretas, negros e negras resistirmos e construirmos uma nova forma de pensar a nossa docência. Por fim, ousou concluir que a educação está cada vez mais acolhedora, e que nossa entrada e permanência na educação fará da escola um espaço onde Alex, Levi, Seth, Wellington, Luciana, João Paulo, Maria, Samuel e muitas/os outras/os possam existir.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Adriana Helena de Oliveira. **No rastro dos boitempos**: considerações sobre poética memorialista em Drummond e dois contemporâneos seus. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de São João Del-Rei. Minas Gerais, p. 130. 2005.

ALMEIDA, Kauan. **Ficções do ser**: o entre-lugar de bichas pretas na escola [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2020a, 167 p. Transfluência séries. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786586213300>. Acesso em: 29 mar. 2023.

ALMEIDA, Kauan. **"Todas nós nascemos nus e o resto é drag"**: devirbicha em um currículo. In: **Ficções do ser**: o entre-lugar de bichas pretas na escola [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2020b, pp. 69-101. Transfluência séries. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786586213300.0004>. Acesso em: 29 mar. 2023.

ALMEIDA, Thainá Sangalli de; NICOLETE, Jamilly. **Gênero, sexualidade e diversidade**: o papel da escola nessa construção. 2018. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30888/1/eBook%2520-%2520Genero%2520e%2520Sexualidade%2520na%2520Escola.pdf&ved=2ahUKEwiEzYrVn-4T-AhWdqZUCHaT0C8cQFnoECBoQAQ&usg=AOvVaw1fFKs-nS4Mji1ljTrIb4R9I>. Acesso em: 29 mar. 2023.

ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas**: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Estudos Feministas, UFCG, ano 8, p. 229-236, 2019. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/anzaldua.pdf> Acesso em: 02 mar. 2022.

AUAD, Daniela. **Educar meninos e meninas**: relações de dissidências de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006.

AZEVEDO, Aline Pereira De et al.. Gênero e sexualidade no p.n.e. (2014-2024): discursos e sujeitos no contexto mossoroense. Anais II CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/16096> Acesso em: 14/06/2022.

BAÉRE, Filepe; ZANELLO, Valeska; ROMERO, Ana Carolina. **Xingamentos entre homossexuais**: transgressão da heteronormatividade ou replicação dos valores de gênero? Rev. bioét. (Impr.). 2015; 23 (3): 623-33.

BALISCEI, João Paulo. **PROVOQUE**: cultura visual, masculinidades e ensino de artes visuais. 1. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2020.

BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. **Preconceito e discriminação como expressões de violência**. Ensaios. Rev. Estud. Fem. 10 (1). Jan, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100007>. Acesso em: 26 mar. 2023.

BATISTA, Cássia Beatriz; OLIVEIRA, Jaqueline Alves de; CARDOSO, Markelly Ortlieb. Psicologia social em uma instituição escolar: relatos de uma experiência com jovens e adultos. In: MAYORGA, C; PRADO, M. A. M. **Psicologia social**: articulando saberes e fazeres. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BAZANTE, Brenda Gomes. **Genealógica Foucaultiana** e práticas artísticas dissidentes: um reolhar sobre parte da produção da ativista Brenda Bazante. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 6, n. 3, 2021. DOI: 10.5965/24471267632020037. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/18904> Acesso em: 27 jun. 2023.

BIMBI, Bruno. **O fim do armário: lésbicas, gays, bissexuais e trans** no século XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.

BORRE, Luciana. **As imagens que invadem as salas de aula:** reflexões sobre a cultura visual. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 33. ed.- São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRANTES, Hélio Renato Silva. Busca por uma metodologia de pesquisa em poéticas visuais. in Monteiro, R. H. e Rocha, C. (orgs.). **Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**. Goiânia-GO: UFG, FAV, 2013.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Educação em Direitos Humanos: Diretrizes Nacionais** - Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013. 76p.

CARDOSO, Lúcia de Fátima Padilha. **Cultura visual e a educação através da imagem** / Lúcia de Fátima Padilha Cardoso. – Recife: O Autor, 2010. 158 folhas. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pernambuco. Cac. Design e ergonomia, 2010.

CEARÁ. Secretaria da Educação do Estado do Ceará. **Documento Curricular Referencial do Ceará: educação infantil e ensino fundamental** / Secretaria da Educação do Estado do Ceará. - Fortaleza: SEDUC, 2019. 1000p.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Escolarização da sexualidade: apontamentos para uma reflexão. Diversidade e educação: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia.** Organizadores: Jamil Cabral Sierra; Marcos Claudio Signorelli. Matinhos: UFPR Litoral, 2014.

COLLING, Leandro. **A emergência dos ativismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade.** Revista sala preta | Vol. 18 | n. 1 | 2018.

COLLING, Leandro. O que temem os fundamentalistas. **Revista CULT.** Editora Bregantini. São Paulo, SP, 2017.

COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade** [recurso eletrônico] / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge; tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2021.

COSTA, Ana Paula; SCALIA, Anne Caroline Mariank; BEDIN, Regina Celia; SANTOS, Shirley Romera dos. **Sexualidade, gênero e educação: novos olhares.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 4, n. 1, p. 65-75, 2010. DOI:10.21723/riaee.v4i1.2691. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/2691>. Acesso em: 22 jun. 2023.

COSTA, Fábio José Rodrigues da. **@ professor@ de artes no triângulo Crajubar** / Fábio José Rodrigues da Costa; Universidade Regional do Cariri. - Recife, 2016.90p.: il.

COSTA, José Veranildo Lopes da. **Reelaborações da ditadura chilena na narrativa de um homossexual: tengo miedo torero**, De Pedro Lemebel. Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 92 - 101 | mai/ago, 2020.

DANTAS, Lucas Silva. **Dissidência, resistência e transgressão no espaço escolar**: vozes trans, negras, indígenas e de pessoas com deficiência na encruzilhada epistêmica. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo - SP, 2021.

DIÁRIO DO NORDESTE - Apenas 4% dos docentes da rede estadual são licenciados em Artes. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/apenas-4-dos-docentes-da-rede-estadual-sao-licenciados-em-artes-1.2092799> Acesso em: 20 abr. 2023.

FILHO, Adair Marques. **Arte e cotidiano**: experiência homossexual, teoria *queer* e educação. 2007. 125 f. Dissertação (Mestrado em Processos e Sistemas Visuais, Educação e Visualidade) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

FRANÇA, Felipe Gabriel Ribeiro **"Sou gay, sou alegre, mas não sou bagunça!"**: docência, homossexualidade e estética da existência. Educação, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 425-434, 2016. DOI: 10.5902/1984644417122. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/17122> Acesso em: 27 jun. 2023.

GAMEIRO, Roberto. **Tempo de travessia**. 2019. Disponível em: <https://corta.link/og5rO>. Acesso em: 10 abr. 2023.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. **Registrar oralidades, analisar narrativas**: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. Ciências Humanas e Sociais em Revista, v. 32, n. 2, p. 29-42, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/134443>. Acesso em: 08 mar. 2022.

GLAUCO B. Ferreira, «**Artivismos «Undocuqueer» Latino nos EUA: Queer**, indocumentados, sem medo e sem remorsos.», *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 4, No 2 | -1, 89-104.

GOMES, Wellington Soares; BORRE, Luciana. **“Cadê as bixas pretas nas salas de aula?”** Cultura visual, ensino de artes visuais e possíveis contribuições pedagógicas. *in: (Re)existências: anais do 30º encontro nacional da ANPAP*. Anais...João Pessoa (PB) ANPAP, 2021. Disponível em: <https://even3.blob.core.windows.net/anais/383024.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2022.

GOMES, Wellington Soares; RODRIGUES DA COSTA, Fábio José. **A obra como resistência**: Uma análise da produção do artista David Wojnarowicz e suas conexões com o ensino das artes visuais. *Olhares & Trilhas, [S. l.]*, v. 23, n. 1, p. 46-63, 2021. DOI: 10.14393/OT2021v23.n.1.56468. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olharestrilhas/article/view/56468> Acesso em: 9 jun. 2024.

GOMES, Wellington Soares. **Uma expedição sobre artistas negros gays**: corpo e memória nas artes visuais / Monografia, Departamento de Artes Visuais. Universidade Regional do Cariri - URCA, Crato, 2019.

GRIMES, T. **Glass Closets**. in: SAINT, A. (Ed.). *Milking black bull: 11 gay black poets*. 1. ed. Sicklerville, NJ: Vega Press, 1995.

JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva; MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa. Quando a raça interroga as práticas curriculares: refletindo sobre *queer race* e o cotidiano escolar. in **Queer(i)zando currículos e educação: narrativas do encontro**/Alexsandro Rodrigues, Marcio Caetano, Maria da Conceição Silva Soares (orgs.). 1 edição/Salvador - BA. Editora Devires, 2020.

JUNIOR, Veranildo Lopes da Costa. **Reelaborações da ditadura chilena na narrativa de um homossexual**: tengo miedo torero, de PedroLlemebel. Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 92 - 101 | maio/ago. 2020.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **A Pedagogia do Armário**: heterossexismo e vigilância de dissidências de gênero no cotidiano escolar - [S.I.], 2014.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. in **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas / Rogério Diniz Junqueira (organizador). - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MANICONGO, Bianca. Faces. In: Faces. Traviarcado, 2019. Faixa 1.

MARTINS, Miguel. **Depois de confusão com placa contra transfobia, vereadores de Fortaleza querem proibir banheiros compartilhados.** *Blog* Edison Silva. Fortaleza, 2 de novembro de 2021. Disponível em: <https://blogdoedison Silva.com.br/2021/11/depois-de-confusao-com-placa-contratransfobia-vereadores-de-fortaleza-querem-proibir-banheiros-compartilhados/>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer:** um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2021.

MORAIS, Fernando Luís de. **Diamantes negros sob um arco-íris multicolorido:** as identidades negras-gay na poesia de Thomas Grimes / Fernando Luís de Moraes. São José do Rio Preto, 2019, 150 f.

MORAIS, Pâmela. **Ideologia de gênero:** o que é e qual a polêmica por trás dela? Politize. 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/ideologia-de-genero-questao-de-genero/>. Acesso em: 12 de fev. de 2023.

OLIVEIRA, Marcia Betania de. **Pós-estruturalismo e teoria do discurso:** perspectivas teóricas para pesquisas sobre políticas de currículo. *Rev. Bras. Educ.* 23. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XbwFmPNRDSMpPCysMwCQbmN/?lang=pt>. Acesso em: 26 de abril de 2023.

OLIVEIRA, Marilda de Oliveira; CHARREU, Leonardo Augusto. Contribuições da perspectiva metodológica “investigação baseada nas artes” e dá a/r/tografia para as pesquisas em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte | v.32 | n.01 | p. 365-382 | ja-

neiro-março 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698140547> Acesso em: 05 mar. de 2022.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação.** – Curitiba, 2017.

OLIVEIRA, Wenderson; SABINO, Isabel. Currículos, Cotidiano(s) e Interseccionalidade: por um currículo- (r)existência. **Rev. Espaço do Currículo** (online), João Pessoa, v.13, n.1, p. 72-83, jan./abr. 2020.

OPPITZ, Paola de Farias. **Aula de arte sem professor de arte:** apontamentos de uma realidade gaúcha. Revista NUPEART, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 136-145, 2017. DOI: 10.5965/2358092517172017136. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/11651> Acesso em: 27 mar. 2023.

PÂMELA, Priscila. Estado de Violência. in Data_labe. 2021. Eloah Mota e Edilana Damasceno. Disponível em: <https://datalabe.org/estado-violencia/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

REA, Catarina. **Crítica queer of colour e deslocamentos para o sul global** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X, 2017.

REDAÇÃO. Apenas 4% dos docentes da rede estadual são licenciados em Artes. In: **Diário do Nordeste**, 2019. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/amp/apenas-4-dos-docentes-da-rede-estadual-sao-licenciados-em-artes-1.2092799> Acesso em: 26 mar. 2023.

RODRIGUES, Alexsandro; BRASILEIRO, Castiel Vitorino; FILHO, Genildo Coelho Hauutequestt; CAETANO, Marcio. E, as crianças (dê)svoadas... pretas que são, aparecendo, desaparecem. *in* **Bichas pretas** / organização David Souza, Daniel dos Santos, Vinícius Zacarias. - 1. ed. Salvador, BA: Devires, 2022.

RODRIGUES, Cristiano. **Minorias, reconhecimento e a fronteira-
rização de saberes e experiências militantes.** *in*: MAYORGA, Claudia; PRADO, Marco Aurélio Máximo. **Psicologia social: articulando saberes e fazeres.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ROLDÁN, Joaquín; MARÍN VIADEL, Ricardo. Metodologías Artísticas de Investigación en Educación. Málaga: **Ediciones Aljibe**, 2012.

SANDERSON, May; JACÓ, Lividus Caleb Costa; GOMES, Wellington Soares. **BALTROP E Holder, apagamentos e redescobertas: contribuições para a arte/educação dissidente.** *in*: (Re)existências: anais do 30º encontro nacional da ANPAP. Anais...João Pessoa (PB) ANPAP, 2021. Disponível em: <https://even3.blob.core.windows.net/anais/383812.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2022.

SANTANA, Rickie de Sousa; GOMES, Wellington Soares. Pode uma criança *queer* [r]existir: sobre a existência de crianças dissidentes na escola. *in* SILVA, Antônia Eudivânia de Oliveira. ARAUJO, Iara Maria. (org.). **Gênero, sexualidades e diferenças: Tensionamentos interseccionais no campo da educação.** 01. ed. v. 1. 204p. São Carlos-SP: Pedro & João Editores, 2022. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/genero-sexualidades-e-diferencas-tensionamentos-interseccionais-no-campo-da-educacao/>. Acesso em: 08 mar. 2022.

SANTOS, Hellen Thaís Dos; GARMS, Gilza Maria Zauhy. **Método autobiográfico e metodologia de narrativas**: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. II Congresso Nacional de Formação de Professores XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, [s.l.], 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/b0f1b17e-0473-4e01-a3a6-869472a2a469> Acesso em: 02 mar. 2022.

SANTOS, Josimare Francisco dos. **Helena**: representações da inferioridade feminina. Seminário cultura e política na primeira república: campanha civilista na Bahia, [s.l.], 2010. Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/culturaepolitica/anais/josimare-francisco.pdf> Acesso em: 02 mar. 2022.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. **Não brancos, não héteros, não homens. Não me vejo, mas existo**: a sub-representação das minorias na arte brasileira. *Blog Renata Felinto*, 2017.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário**. cadernos pagu (28), janeiro-junho, 2007.

SILVA, Benícia Oliveira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Sexualidade na sala de aula**: tecendo aprendizagens a partir de um artefato pedagógico. Dossiê Gênero e Sexualidade no Espaço Escolar. *Rev. Estud. Fem.* 19 (2) Ago, 2011.

SILVA, João Paulo de Lorena; PARAÍSO, Marlucey Alves. *Infâncias queer no currículo escolar e a criação de modos de vida transviados*. in **Queer(i)zando currículos e educação**: narrativas do encon-

tro/Alexsandro Rodrigues, Marcio Caetano, Maria da Conceição Silva Soares (orgs.). 1 edição/Salvador - BA. Editora Devires, 2020.

SILVA, João Paulo de Lorena; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Para uma cartografia de infâncias queer no currículo escolar.** Revista Educação em Questão, [S. l.], v. 57, n. 54, 2019. DOI: 10.21680/1981-1802.2019v57n54ID18585. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/18585> Acesso em: 27 jun. 2023.

VALLE, Lutiere Dalla. **Cultura visual e educação:** cartografias afetivas e compreensão crítica das imagens. Cadernos de Comunicação, [S. l.], v. 24, n. 1, 2020. DOI: 10.5902/2316882X55088. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/55088> Acesso em: 19 jun. 2023.

VIADÉL, Ricardo Marín. Las investigaciones en educación artística y las metodologías artísticas de investigación en educación: temas, tendencias y miradas. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 271-285, set./dez. 2011.

XAVIER, Adilson. **Storytelling: histórias** que deixam marcas / Adilson Xavier. - 8. ed. Rio de Janeiro: Best Business, 2020

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar agradecendo a todas as pessoas trans e travestis, que lutaram, e que infelizmente foram brutalmente assassinadas e impossibilitadas de estarem aqui, vivas, neste momento.

Agradeço ao meu companheiro, marido e amigo, Samuel Henrique da Silva Rodrigues, pela força e pelos vários puxões de orelha, agradeço aos amigos e amigas, que nunca deixaram de acreditar em mim.

Quero agradecer a minha mãe, pelo amor e por acreditar em mim, por me aconselhar e estar ao meu lado em todas as minhas escolhas.

Agradeço ao meu pai, por ser firme e sempre me guiar para a educação. Às forças da natureza, às Deusas e aos Deuses.

Quero agradecer a minha querida orientadora Luciana Bore, por acreditar nas minhas aventuras intelectuais. Por ser firme, por topar ser minha amiga nesta pesquisa, por me ajudar neste caminho e, principalmente, por possibilitar esse sonho incrível de se tornar pesquisador.

Agradeço às minhas companheiras do laboratório Bixórdia por sempre estarem comigo, por lutarem e somarem forças contra o conservadorismo. Aos/às professores/as e colegas do mestrado pelas trocas. Quero agradecer imensamente a André Luiz, Larissa Rachel, Mayele Maria e Manguebicha por existirem e pelas trocas que tivemos durante meu percurso no mestrado.

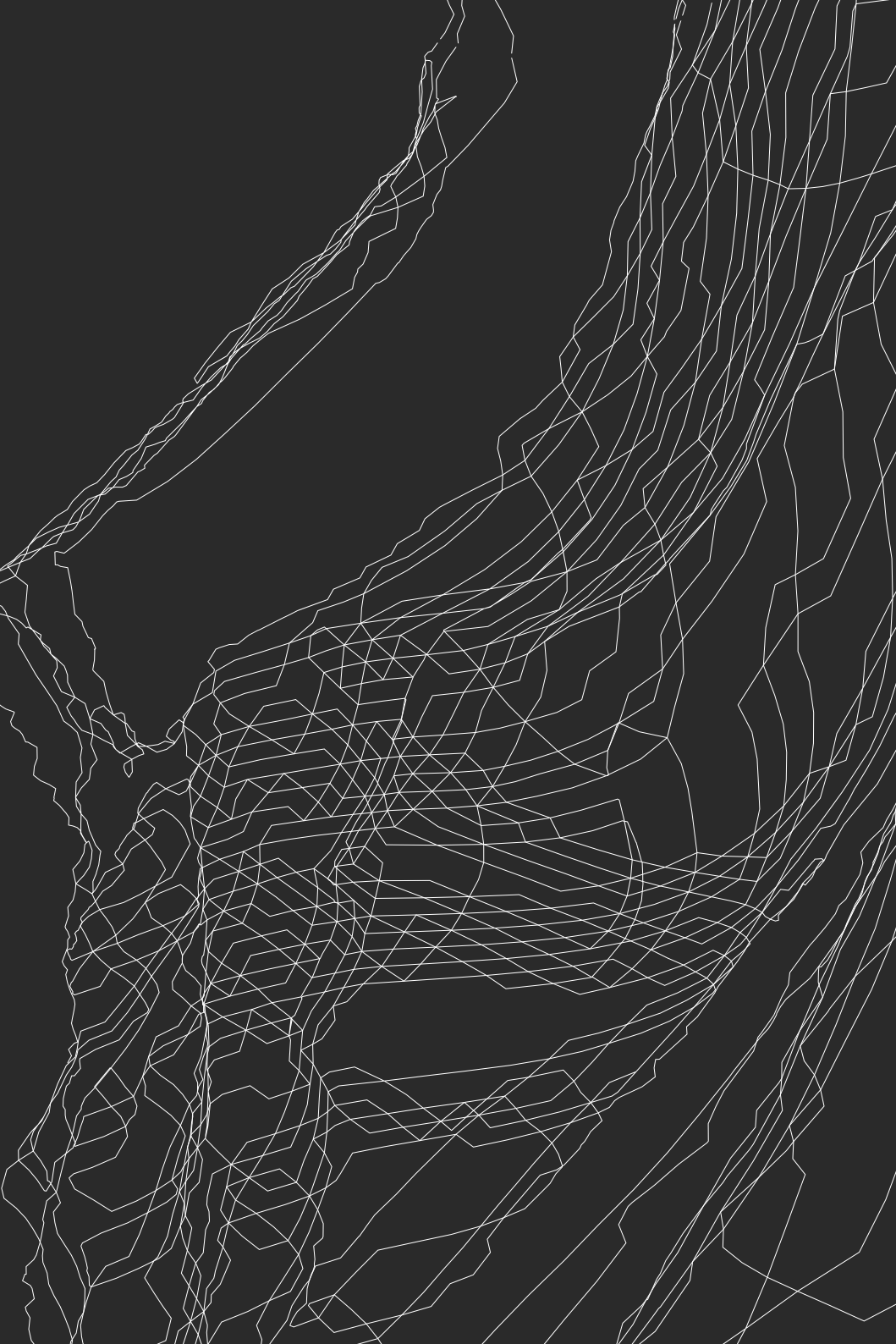
Agradecer é uma tarefa difícil, pois nem todos estão preparados para o ato de reconhecer o outro e sua importância em nossa vida. Enudeço-me disso, pois acredito que o agradecimento é um dos sentimentos mais incríveis que existem.

Agradeço do fundo de meu coração a todos que estão comigo nessa vida.

Este livro foi produzido em papel **Polen Soft 80g/m² (miolo)**; Capas; **Supremo (LD) 250g/m²**; Tipografias: Book Antiqua e Source Sans/Code. **Gráfica:** (2024)



Wellington Soares Gomes é Mestre na linha de pesquisa em Processos Educacionais em Artes Visuais no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE), licenciado em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri (URCA), e especialista em Linguagens, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Diretor do Laboratório Coletivo de Pesquisa, Criação e Residência Artística - LAB CRIAMUR, e Coordenador do Laboratório de Estudos e Criação Bixórdia. Atualmente, é estudante da Licenciatura em Educação Especial Inclusiva da Universidade Regional do Cariri (URCA), vinculada ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) e ao Programa Nacional de Fomento à Equidade na Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR EQUIDADE). Além disso, está cursando uma especialização em Mídias e Educação no Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS).



Territórios de Criação

Publicação de Pesquisas e Concessão de Bolsas para Mobilidade Formativa

A Editora da Uece acredita no poder da arte e da cultura como direitos básicos do ser humano. Por isso, tem investido na publicação de obras que disseminam as riquezas do pensamento e da criação artística do Ceará e, para permitir cada vez mais o acesso e a difusão desses temas, criou, em parceria com a Secretaria de Cultura do Ceará, o selo Arte, Cultura e Conhecimento. Agora celebramos a publicação da coleção Territórios de Criação, com vinte estudos sobre arte e cultura, selecionados por meio de edital, para que essas vozes do sonho, da diversidade, das identidades, dos encantos, do hoje e das tradições sejam preservadas e difundidas.

Cleudene Aragão
Diretora da Editora da UECE



EDITORA

PARCERIA



Este projeto é apoiado pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, com recursos da Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar n. 195/2022).

